

MESTRADO EM HISTÓRIA E PATRIMÓNIO  
RAMO B: ARQUIVOS HISTÓRICOS

# O Arquivo Professor Mendes Correia da Biblioteca da Faculdade de Ciências da Universidade do Porto (1921-1967) João Pedro Meireles Tomé

**M**

2018



**João Pedro Meireles Tomé**

**O Arquivo Professor Mendes Correia da Biblioteca da Faculdade  
de Ciências da Universidade do Porto (1921-1967)**

Relatório de Estágio realizado no âmbito do Mestrado em História e Património – Ramo B:  
Arquivos Históricos, orientado pela Professora Doutora Maria Helena Cardoso Osswald  
e Coorientado pelo Professor Doutor Armando Manuel Barreiros Malheiro da Silva

Faculdade de Letras da Universidade do Porto

30 de Setembro de 2018



# O Arquivo Professor Mendes Correia da Biblioteca da Faculdade de Ciências da Universidade do Porto (1921-1967)

João Pedro Meireles Tomé

Relatório de Estágio realizado no âmbito do Mestrado em História e Património – Ramo  
B: Arquivos Históricos, orientado pela Professora Doutora Maria Helena Cardoso Osswald  
e Coorientado pelo Professor Doutor Armando Manuel Barreiros Malheiro da Silva

## Membros do Júri

Professor Doutor João Carlos dos Santos Garcia  
Faculdade de Letras – Universidade do Porto

Professora Doutora Maria Helena Cardoso Osswald  
Faculdade de Letras – Universidade do Porto

Doutor Abel Rodrigues  
Investigador Especialista em Arquivística

Classificação obtida: 16 valores

*À minha avó Iria*



## Sumário

### Índice

Declaração de honra .....	9
Agradecimentos .....	10
Resumo .....	11
Abstract.....	12
Índice de tabelas .....	13
Lista de abreviaturas e siglas .....	14
1 – Prelúdio.....	15
1.1 – Explicação e Fundamentação da Temática .....	15
1.2 – Objectivos e Metodologia .....	20
<b>2 – Enquadramento Histórico: Um Olhar sobre a Ciência Antropológica.....</b>	<b>22</b>
2.1 – Acerca da História da Ciência Antropológica .....	22
2.1.1 – A História da Antropologia Científica: Implicações Histórico-Culturais... 23	
2.1.2 – Antropologia ou Etnologia? – Perspectivar tendências no conteúdo da Informação .....	24
2.1.3 – Antropologia Pré-Histórica: Antecessora da Antropologia Científica.....	25
2.1.4 – O Despontar da Antropologia Científica em meados do Século XIX.....	27
2.1.5 – A Ciência Antropológica no primeiro terço do Século XX .....	31
2.1.6 – A Antropologia Científica desde 1930 até 1960 .....	33
2.1.7 - Os primeiros passos da Antropologia Científica em Portugal .....	35
2.1.8 – A Antropologia Portuguesa e os desenvolvimentos do Século XX.....	38
2.2 – Mendes Correia nas Redes e Hierarquias de Conhecimento Científico .....	42
2.2.1 – Mendes Correia no âmbito de uma Estrutura Familiar e Social .....	44
2.2.2 – Usos e Representações da Academia: Mendes Correia nas hierarquias e redes de Conhecimento .....	46
2.2.3 – Hierarquias e Redes de Conhecimento Internacionais nos caminhos de Mendes Correia .....	48
2.2.4 – O Reconhecimento Internacional .....	52
<b>3 – Produção Bibliográfica do Professor Mendes Correia relacionada com o Sistema de Informação .....</b>	<b>54</b>
4 – Memória Descritiva do Estágio .....	57
5 – Sistema de Informação do Arquivo Professor Mendes Correia .....	62

5.1 – O modelo sistémico como alicerce teórico .....	62
5.2 – Recenseamento do Arquivo Professor Mendes Correia da BFCUP .....	63
5.2.1 – Um Arquivo, dois sistemas?.....	75
5.3 – Sistema de Informação Instituto de Antropologia Professor Mendes Correia (1912-18/03/1996) .....	76
5.3.1 - Enquadramento jurídico-institucional do IAMC (1912-18/03/1996) .....	76
5.3.2 – Os espaços do IAUP.....	77
5.3.3 – Estrutura Orgânico-Funcional do Instituto de Antropologia (1911-.....	78
5.3.4 – Um olhar sobre as razões da quebra do sistema de informação.....	80
5.4 – Sistema de Informação Mendes Correia .....	82
5.4.1 – Quadro orgânico-funcional do SIP Mendes Correia.....	83
<b>6 – Experiências, Estratégias e Desafios: Perspectivando o Futuro .....</b>	<b>90</b>
7 – Conclusão .....	94
Referências .....	96
Anexos.....	100
Anexo 1 – Ilustrações do Instituto de Antropologia (1935) .....	100
Anexo 2 – Bibliografia ativa do Professor Mendes .....	102
A Águia (1916-1926) .....	103
American Journal of Physical Anthropology (1919-1926) .....	105
Anais Científicos da Academia Politécnica do Porto (1912-1920) .....	106
Anais da Faculdade de Ciências do Porto (1927-1951) .....	108
Anais Científicos da Faculdade de Medicina do Porto (1916-1918) .....	110
Revista de Guimarães (1933-1953).....	111
Garcia de Orta: Revista da Junta de Investigações do Ultramar (1953-1960) .....	112
Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto (1920-1923) .....	113
Revista de Estudos Históricos (1924-1925) .....	114
Revista do Centro de Estudos Demográficos (1945-1960).....	115
O Arqueólogo Português (1916-1929).....	116



## **Declaração de honra**

Declaro que o presente Relatório de Estágio é de minha autoria e não foi utilizado previamente noutro curso ou unidade curricular, desta ou de outra instituição. As referências a outros autores (afirmações, ideias, pensamentos) respeitam escrupulosamente as regras da atribuição, e encontram-se devidamente indicadas no texto e nas referências bibliográficas, de acordo com as normas de referenciação. Tenho consciência de que a prática de plágio e auto-plágio constitui um ilícito académico.

Porto, 30 de Setembro de 2018

João Pedro Meireles Tomé

## **Agradecimentos**

## **Resumo**

O Relatório que aqui se apresenta é o produto de um estágio curricular realizado na Biblioteca da Faculdade de Ciências da Universidade do Porto, com vista a tratar arquivisticamente, o Arquivo Professor Mendes Correia (1921-1967), à guarda desta instituição e segundo uma perspectiva de sistema informacional. Resultando na elaboração de um recenseamento da documentação, que maioritariamente se encontra em suporte de papel (pastas), permitiu a reconstituição orgânico-funcional do sistema de informação associado ao Instituto de Antropologia Professor Mendes Correia e a esta figura Portuense do século XX, bem como dos contextos histórico-científicos e cronológicos de produção desta informação. Pretende ser um meio de valorização e publicitação deste relevantíssimo acervo ao público do meio académico e não só.

**Palavras-chave:** Sistema de Informação Institucional e Pessoal; Arquivo Professor Mendes Correia; História da Ciência Antropológica

## **Abstract**

The report hereby presented is an account of an internship developed at the Library of the Faculty of Sciences of the University of Porto, which aimed at treating, in light of a systemic view of information, the Institutional Archive commonly known as Archive Mendes Correia (1921-1967). It was composed a documentation census of the archive, whose information rests mainly on paper folders. The ultimate goal was the organic and functional reconstruction of the associated information system, as well as the recreation of the historical and scientific contexts, that led to the production of such information. Contribution is hereby made to the dissemination of the knowledge of its existence and encouraged the study of its information.

**Keywords:** Institutional and Personal Information System; Mendes Correia Archive; History of Anthropology

## **Índice de tabelas**

Tabela 1 - Recenseamento do Arquivo Professor Mendes Correia da Biblioteca da Faculdade de Ciências da Universidade do Porto (1921-1967) .....	66
--	----

## **Lista de abreviaturas e siglas**

BFCUP – Biblioteca da Faculdade de Ciências da Universidade do Porto

FCUP – Faculdade de Ciências da Universidade do Porto

MHNCUP – Museu de História Natural e da Ciência da Universidade do Porto

SIF – Sistema de Informação Familiar

SII – Sistema de Informação Institucional

SIP – Sistema de Informação Pessoal

SPAIE – Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia

# 1 – Prelúdio

## 1.1 – Explicação e Fundamentação da Temática

Provar-se-á, explicando-se por intermédio deste breve prelúdio, o enquadramento e pertinência do emprego da figura de António Augusto Esteves Mendes Correia (1888-1960), como estímulo e alicerce de um vasto projecto: a prossecução de um estudo ao “Fundo Mendes Correia”, ao cuidado da Biblioteca da Faculdade de Ciências da Universidade do Porto (mais adiante explicar-se-á o porquê de este esforço ter sido alargado ao Arquivo do Museu de História Natural e da Ciência da Universidade do Porto, sediado no edifício da Reitoria da Universidade) – servindo os propósitos do desenvolvimento do necessário Estágio Curricular em Arquivo do Mestrado de História e Património (Ramo B: Arquivos Históricos) da Faculdade de Letras da Universidade do Porto (assim como se detalhará fisicamente e descritivamente a que corresponde o dito fundo). Em simultâneo, explanar-se-ão os argumentos de serem as áreas científicas da História, do Património e da Ciência da Informação os sustentáculos do supracitado projecto. É frutuoso que assim suceda, porque “um fórum de interconexões disciplinares *é proveitoso* para o aperfeiçoamento da performance funcional do sistema de informação”<sup>1</sup>.

Há uma regra inabalável, que concluímos praticamente, subjacente a qualquer empreendimento de carácter Histórico-Patrimonial, é esta: O vínculo inalienável entre aquele que estuda e o que é observado, sob a forma de curiosidade inicial e posterior valoração. Foram conjugados, sucessivamente desde 2016, os interesses e vontades de um aglomerado de partidos neste trabalho:

1º) *O Institucional*, consubstanciado na conveniência da BFCUP em compreender, valorizar e divulgar este seu acervo, cuja existência permanece relativamente desconhecida – este foi o primeiro; Consequentemente, resultado da cooperação entre diferentes Faculdades da UP com foco no seu património, consubstanciadas em algumas iniciativas, como a do projecto do Museu Virtual da UP, foi endereçado um pedido de tratamento arquivístico deste fundo à FLUP. Entendeu a

---

<sup>1</sup> (Silva, 2004 p. 83)

direcção do mestrado em História e Património (na pessoa da Professora Helena Osswald) que tal configurava uma oportunidade de desenvolver o dito trabalho no contexto de uma investigação e desafiou-nos a agarrá-la.

2º) Não apenas isto, mas escrevemos sobre alguém cujo interesse superou a própria morte, estudado sob variadíssimas perspectivas na academia, num conjunto de trabalhos que continuam a vir à prensa nestes dias. A título de exemplo, entre 2011 e 2014, foram publicadas cinco obras directamente relacionadas com a figura de Mendes Correia (entre monografias, dissertações/teses e artigos científicos), quatro delas pela mesma investigadora – Patrícia Ferraz de Matos. Também se tem realizado um conjunto de comunicações das quais destacamos, pela mesma investigadora em 2016, a palestra intitulada “de quem falamos quando nos referimos a Mendes Correia (1888-1960)?”, proferida em duas partes<sup>2</sup> na Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia.

3º) *O pessoal*, ainda que mais vincado no começo da investigação na figura de Mendes Correia e em miríades de ângulos da sua biografia e não tanto na sua produção intelectual e textual (o que de facto interessaria para contextualizar a produção documental, mas que se faria adiante).

4º) *O Público* – foi noticiado no periódico Diário de Notícias, que no Palácio dos Condes da Calheta em Lisboa, abrirá proximamente uma "exposição permanente ligada à ciência e técnica nos descobrimentos e expansão portuguesa" que contemplará todo o período dos séculos XVI ao XX; relativamente, a este século XX, apontar-se-á o foco a “ um núcleo dedicado à antropologia e estudo do homem”, em detalhe às “missões científicas a África, em 1946 e 1947, nomeadamente à Guiné... coordenada(s) cientificamente pelo antropólogo António Mendes Correia”<sup>3</sup> – não se podendo exigir maior actualidade e cabimento à temática.

---

<sup>2</sup> **Matos, Patrícia Ferraz de. 2016.** De quem falamos quando nos referimos a Mendes Correia (1888-1960)? - Parte 1. *Youtube*. [Online] Jorge, Vitor Oliveira, 7 de Março de 2016. [Citação: 30 de Setembro de 2018.] <https://www.youtube.com/watch?v=Wp1njLBcVso>.

**Matos, Patrícia Ferraz de. 2016.** De quem falamos quando nos referimos a Mendes Correia (1888-1960)? - Parte 2. *Youtube*. [Online] Jorge, Vitor Oliveira, 7 de Março de 2016. [Citação: 30 de Setembro de 2018.] <https://www.youtube.com/watch?v=3ND6RUDvISU>.

<sup>3</sup> **Santos, Lina. 2018.** Palácio reabre com exposição sobre ciência e expansão. *Diário de Notícias*. [Online] Global Media Group, 6 de Fevereiro de 2018. [Citação: 29 de Setembro de 2018.]



Aquando da morte de Mendes Correia, sucederam-se múltiplas homenagens. Estes tributos, derramados quer em jornais de pública distribuição quer em publicações de vária índole (académica, científica, entre outras instituições públicas e privadas), manifestaram algo comum - a sua multifacetada vida e importância na sociedade da época. Partimos deste exacto ponto, para justificar o interesse que consubstancia, em termos históricos, o de observar alguém que foi em vida considerado relevante da sociedade portuguesa de finais do século XIX e primeira metade do século XX. A título exemplificativo, escolheram-se dois periódicos – O “Diário do Norte” e o “Diário de Notícias” – um de Lisboa e outro do Porto – para se constatar o que destacavam acerca do falecimento de Mendes Correia. Diferem quase somente nos títulos, enquanto no primeiro pode ler-se “Faleceu em Lisboa o Prof. Mendes Correia”, no segundo escreve-se “Faleceu esta madrugada o Prof. Dr. Mendes Correia”. Aparte o elencar de méritos presente em ambos, que corroboram o nosso pressuposto de ser conhecido, destaca-se o reconhecimento feito por um enorme conjunto de pessoas que passaram “pela Sociedade de Geografia... durante todo o dia... de todas as condições sociais”<sup>4</sup>

No decorrer da sua vida, foi produtor e acumulador de “objectos que lhe são associados – os documentos”<sup>5</sup>, alguns dos quais estão agregados e são genericamente denominados “Fundo Mendes Correia” estes constituem um património documental. Aliás, esta premissa é verificável, se atentarmos, que também para designar este fundo se constatou o uso de termos como “coleção e/ou espólio de Mendes Correia”; e isto, no nosso entender, não denota apenas “força do hábito e de pouco sentido crítico”<sup>6</sup>, mas reveste-se de carácter valorativo e unificador, ainda que não científico. Em termos simplificados, isto significa que estes documentos têm valor. Tiveram valor e préstimo para Mendes Correia, servindo determinadas funções sobre as quais discorreremos adiante, mais adiante um valor como que de memória institucional (e não somente), de determinadas instituições a que esteve ligado e cujos actos lá se encontram

---

<https://www.dn.pt/artes/interior/palacio-reabre-com-exposicao-sobre-ciencia-e-expansao-9099180.html>.

<sup>4</sup> Diário do Norte. 7 de Janeiro de 1960.

<sup>5</sup> (Ribeiro, 2000 p. 19)

<sup>6</sup> (Silva, 2004 p. 62)

materializados, e mais recentemente um valor histórico, atribuído pela passagem do tempo e o interesse que as informações neles contidas possam constituir para o estudo histórico de múltiplas temáticas. Isto é totalmente defensável, pois “a memória” é um elemento que está “imbricado” no sistema de informação<sup>7</sup>, não se podendo “*relevar* do contexto histórico onde se situa a acção geradora do fluxo informacional”<sup>8</sup>.

Assim sendo, a primeira abordagem ao projecto em questão, foi a prossecução de uma pesquisa biográfica acerca de Mendes Correia. Consistiu, tendo em vista a elaboração do respectivo quadro orgânico-funcional pessoal, numa recolha de “elementos prosopográficos ou biográficos detalhados... fundamentais”<sup>9</sup>. Anteviram-se algumas dificuldades, confirmadas no decorrer desta recolha, que sucedeu paralelamente e até após o trabalho arquivístico propriamente dito, relacionadas com a extensíssima quantidade de informação biográfica e bibliográfica disponível e a sua sumarização. A partir daqui, foi também possível criar “gradativamente vários tipos de instrumentos de pesquisa... uma poderosa panóplia de índices”<sup>10</sup> – índice Bibliográfico (de dimensões consideráveis, mas não único sobre a matéria<sup>11</sup>), levantamentos de participação em congressos, redes de comunicação com académicos, etc. O contacto com a documentação auxiliou o completar destes índices, sobretudo em documentação que por ser resultado de “planos de actividade humana e social” mais íntima de Mendes Correia, não poderia ser reconstituída com a exclusiva recolha de informações públicas (maioritariamente na Biblioteca Pública Municipal do Porto). Neste processo, apercebemo-nos da vastidão dos interesses de Mendes Correia, (Antropologia, campo científico no qual mais célebre ficou, mas também a Arqueologia, a História, a Geografia, a Demografia) o que foi útil à preparação do primeiro contacto com a documentação (pois entendíamos que espelharia este leque de interesses e actividades).

Com o decorrer do projecto, pudemos constatar que o denominado “fundo Mendes Correia”, não possuía carácter meramente pessoal – uma vez que foi encontrada documentação por ele elaborada mas no decurso de funções do Instituto de

---

<sup>7</sup> (Silva, 2004 p. 60)

<sup>8</sup> (Silva, 2004 p. 61)

<sup>9</sup> (Silva, 2004 p. 80)

<sup>10</sup> (Silva, 2004 p. 61)

<sup>11</sup> Veja-se: Bibliografia do Professor Mendes Corrêa (1909-1942). Porto: Imprensa Portuguesa, 1942.

Antropologia da Universidade do Porto ou até como membro do Centro de Estudos Demográficos do Instituto Nacional de Estatística que chegou a dirigir, o que nos fez questionar, a natureza deste sistema de informação – observando-o como híbrido (com todas as clarificações exaustivamente perspectivadas em capítulo adiante). De realçar, como algo problemático neste projecto, a fragmentação do sistema de informação, com documentação comprovadamente relacionada, a surgir fisicamente em pólos distintos (BFCUP, MHNCUP, entre outros que adiante se enumeram e cujos percursos se descrevem).

Deste trabalho, tendo em conta todas as variáveis e condicionantes, resultou um recenseamento da documentação, não se avançando para níveis mais detalhados da descrição arquivística (a razão se explica adiante). Enquanto a documentação Mendes Correia da BFCUP, se encontrava sem qualquer género descritivo – organizada cronologicamente e apenas usada por alguns investigadores pontualmente – a que estava no MHNCUP, possuía um índice temático impresso, e era de uso mais corrente (sobretudo para identificação da colecção antropológica do museu, mas não só). O estágio foi repartido, portanto, por estes dois espaços. Esta documentação será útil para reconstituir biograficamente a vida de Mendes Correia e de alguns associados, o percurso do Instituto de Antropologia e algumas das suas colecções, bem como da ciência Antropológica na 1ª metade do século XX.

Confiamos que este trabalho tenha servido um objectivo maior, que estando assente na noção de que “que a organização dos arquivos pessoais de homens da ciência [...] é a melhor maneira de entender as conexões nacionais e internacionais, as redes de influência, convivência, disseminação, contaminação acerca da natureza e da evolução da ciência”<sup>12</sup>, nos permite entender o arquivo como serviço aberto à comunidade (académica ou não).

---

<sup>12</sup> (Rodrigues, 2016 p. 65)

## 1.2 – Objectivos e Metodologia

Partiremos de uma reflexão encontrada no artigo “Arquivo e arquivista: conceituação e perfil profissional”<sup>13</sup> para enunciar e explicar os objectivos deste trabalho arquivístico, que desde logo se constitui como um esforço inédito, se tivermos em conta que o denominado “fundo Mendes Correia” se encontrava relativamente intocado e nunca fora alvo de qualquer intervenção do género.

Tendo em conta o carácter inédito da documentação, o primeiro grande objectivo estabelecido era que se pudesse, ainda que em termos mais abrangentes e globais, demonstrar qual era afinal o seu conteúdo, para assim se poder provar o seu valor e relevância informacionais. Ainda que à priori, por meio de estudos biográficos e de produção bibliográfica se tentassem prever, quer os produtores da informação, quer a informação produzida (nas suas diversas cronologias e tipologias), há sempre um carácter inédito inerente a cada sistema de informação (quanto mais não seja por informação que nunca tenha sido alvo de publicação).

Para além do carácter inédito do projecto, sublinha-se o desconhecimento generalizado relativamente à existência desta documentação, que não constando de qualquer instrumento descritivo online ou até manuscrito<sup>14</sup>, tinha o seu conhecimento e em consequência o seu uso muito limitado. Assim, era uma meta definida, que deste trabalho resultasse, no mínimo, uma maior exposição/visibilidade da existência documentação.

Juntamente com isto, era nosso objectivo, contribuir para a reconstituição dos seu(s) produtor(es) e contextos de produção que permitem a recriação do Sistema de Informação associado à documentação. Aqui, seria particularmente especial, enquadrá-la no âmbito do desenvolvimento da Ciência Antropológica na primeira metade do século XX e associá-la a diferentes intervenientes (nacionais e internacionais), que deixaram a sua marca na preenchedíssima vida de Mendes Correia. No fundo, encetar o “resgate e preservação da memória histórico-cultural”<sup>15</sup>.

---

<sup>13</sup> (Duarte, 2006-2007)

<sup>14</sup> Conhecem-se as publicações do Instituto de Antropologia, mas que são mais associadas à produção bibliográfica de carácter científico.

<sup>15</sup> (Duarte, 2006-2007 p. 141)

Não apenas isto, mas também almejávamos que este fosse um ponto de partida para que se pudesse dar a conhecer parte da memória de Mendes Correia (num conjunto de medidas que vem enunciadas no capítulo 6), cujos traços pudemos encontrar em muitas destas páginas de documentação – e assim reconstituir uma parte substancial da sua biografia (ainda que concedendo que pudesse predominar na documentação a exposição de traços da sua vida enquanto intelectual da ciência e menos de outras componentes, nomeadamente da pessoal).

Também constituía foco deste trabalho, que o final de todo o processo arquivístico, pudesse desembocar na publicação online da descrição arquivística (quicá num catálogo online) que pudesse disponibilizar ao utilizador, todos os meios para aceder à documentação se requerida; este, que certamente é um dos desígnios do “arquivista diante da sociedade do conhecimento”<sup>16</sup>.

Não foi considerado pertinente, como objectivo imediato, tomar esforços para a digitalização da documentação (não só porque não se encontrava em mau estado de conservação), mas também porque não haveria qualquer sentido em disponibilizar informação que não estivesse previamente descrita.

Delineou-se propor a elaboração de um plano de medidas a serem tomadas para a preservação documental e para a disponibilização ao público da informação (tendo em conta todas as regras de acesso aplicáveis e as condições de suporte físico da documentação), porque se considerou o relevantíssimo papel do “arquivista como agente participante das políticas estratégicas das instituições... e no desenvolvimento... administrativo das instituições públicas”<sup>17</sup>. Propôs-se como objectivo encetar medidas de higienização da documentação, como a limpeza de poeiras, retirada de elementos metálicos, colocação em capilhas de papel acid-free e caixas acid-free também.

Procurou trabalhar-se para o desenvolvimento de índices biográficos e bibliográficos, realçando para tanto a tarefa do arquivista como “investigador no processo de organização dos acervos”<sup>18</sup>, que servissem de suporte à descrição do

---

<sup>16</sup> (Duarte, 2006-2007 p. 141)

<sup>17</sup> (Duarte, 2006-2007 p. 141)

<sup>18</sup> (Duarte, 2006-2007 p. 141)

contexto e dos produtores da informação e auxiliassem o utilizador na interpretação da documentação.

Contribuir para a final organização da documentação, de tal modo que isto pudesse servir as necessidades que dela tinha a BFCUP, de conhecer na íntegra este seu acervo – sublinhando o “potencial do profissional de arquivos na gestão de documentos”<sup>19</sup> e dos seus utilizadores, bem como de outros projectos paralelos da Universidade do Porto para a valorização do seu património documental (exemplificamos com o Museu Virtual que já anteriormente pormenorizamos).

A metodologia vem explicada no capítulo 5, nomeadamente a opção pelo modelo sistémico.

## **2 – Enquadramento Histórico: Um Olhar sobre a Ciência Antropológica**

### **2.1 – Acerca da História da Ciência Antropológica**

No capítulo introdutório fundamentamos os méritos, necessidades e oportunidades de a História ser um dos pilares deste projecto; agora, apenas atribuímos consequência a essa nossa afirmação.

Compreenderemos os contextos históricos e de desenvolvimento científico, que tiveram influência no surgimento da Ciência Antropológica e da sua introdução em Portugal. Estudaremos as redes do conhecimento, instituições e indivíduos, particularmente no que se refere às relações estabelecidas pelo Professor Mendes Correia - não apenas no âmbito das suas funções académicas, mas também das que exerceu na sociedade civil. Fazemos isto com o claro intuito de melhor poder antecipar o conteúdo, tipologia e cronologia da informação a ser encontrada em arquivo, bem como dos produtores de informação associados.

---

<sup>19</sup> (Duarte, 2006-2007 p. 141)

### 2.1.1 – A História da Antropologia Científica: Implicações Histórico-Culturais

Como definido no Prelúdio, não é objecto de estudo do presente trabalho reflectir acerca da biografia do Professor Mendes Correia; todavia, é necessário compreendê-lo como "propulsionador da investigação no âmbito das ciências antropológicas" e detentor de "um rigor e *uma* largueza de conhecimentos" notáveis<sup>20</sup>, para nos questionarmos acerca do contexto histórico-cultural da informação por ele produzida.

O que são as "Ciências Antropológicas", declaradas por Carlos Teixeira no trecho anterior? Porventura, a Antropologia, não constitui uma só unidade disciplinar? O que é que torna a Antropologia uma Ciência e qual o seu objecto de estudo? Se possui natureza científica, qual o seu método? Todos os Antropólogos têm a mesma perspectiva da Ciência que constroem? E quais são os seus objectivos? São estas perguntas de natureza histórico-conceptual - porque observáveis na longa duração - que devem ser feitas, só assim poderemos compreender o que declara Paul Mercier que "o conceito de cultura, antes mesmo de constituir objecto de uma análise minuciosa, [...] é desde logo destacado pelos antropólogos [...]" aparecendo "já no título de obras clássicas"<sup>21</sup>.

A estruturação deste e dos seguintes capítulos foi pensada considerando uma cronologia que permita observar e compreender as transformações ocorridas na Ciência Antropológica, desde "um pouco antes de meados do século XIX" - que é quando a Antropologia adopta um cariz científico<sup>22</sup> - até ao início da década de 60 do século XX (concretamente, o ano de 1960, quando o Professor Mendes Correia falece); esta última, porque é importante perceber que ciência ele praticava e como é que esta se desenvolveu até chegar a si - por isso, não se abordam as questões do percurso desta ciência que superam a sua morte.

---

<sup>20</sup> (Teixeira, 1964 p. 3)

<sup>21</sup> (Mercier 1986, 8-9)

<sup>22</sup> (Mercier 1986, 37)

Quanto à progressividade do desenvolvimento das questões da história da antropologia nos seguintes capítulos, começarão por ser abordadas as questões relacionadas com os espaços (países, respectivos indivíduos e instituições) onde ocorrem as primeiras manifestações desta ciência, primeiramente no contexto internacional e só depois se transita para o espaço português - isto, apenas com o intuito de transitar do contexto geral para o particular, porque sabemos que o desenvolvimento é simultâneo em termos temporais<sup>23</sup>.

### 2.1.2 – Antropologia ou Etnologia? – Perspectivar tendências no conteúdo da Informação

A pertinência deste sub-capítulo coloca-se quando consideramos que o termo Antropologia, como designativo da área do conhecimento científico que se ocupa das transformações ocorridas no homem, sofre transformações "no século XX"<sup>24</sup> - todavia, isto é muito mais revelador das transformações que ocorrem na abordagem dos antropólogos aos pressupostos da ciência e, assim, dos conteúdos informacionais que nesses contextos produzem.

Este conceito de progressividade foi observado por Alfred Cort Haddon (1855-1940), quando constatou o seguinte "Man was changing more rapidly, and his customs and beliefs, unless recorded at once, would be entirely forgotten"<sup>25</sup> - assim, pelas suas palavras, podemos associar Antropologia aos conceitos de Homem, Progressividade, Tradição e Sistema de Crenças (hoje englobável numa noção mais lata, Cultura) e aos dados relativos a essas práticas, salvaguardados através de um método de recolha (não de análise) - isto era a ciência Antropológica em meados do Século XIX.

A transformação ocorre na passagem do século XIX para o XX, por influência dos investigadores antropólogos franceses, quando começam a consagrar o uso do termo "Etnologia" em vez de Antropologia - Haddon regista isso mesmo, "Ethnology has often been used as a term synonymous with Anthropology to cover the whole field

---

<sup>23</sup> (Cunha 1986, 1008)

<sup>24</sup> (Mercier 1986, 7)

<sup>25</sup> (Haddon 1945, iii)



of the science of man"<sup>26</sup>. Embora a expressão só tenha sido consagrada nesta altura - como Mercier refere - pode reportar-se o seu surgimento a 1839, quando é estabelecido o nome da "Société Ethnologique de Paris" (mesmo que esta sociedade se ocupasse maioritariamente de questões da Antropologia Física)<sup>27</sup>. Assim, um termo que poderia designar um "aspecto ou[...] uma orientação da antropologia" - como acontece nos Estados Unidos, em que representa o desígnio cultural desta ciência<sup>28</sup> - acabou a capturar, no sentido global do termo, a Antropologia.

O entendimento dos Antropólogos Ingleses é um pouco diferente, porque não se desenvolveu apenas uma sociedade de estudos dedicada às temáticas antropológicas, mas duas; a "Ethnological Society" em 1843 e a "Anthropological Society of London" em 1863 - isto resultou na criação, em 1873, do "Anthropological Institute of Great Britain and Ireland", "the two societies were amalgamated". Assim, o termo Antropologia ficou a designar o conjunto da ciência e o termo Etnologia "employed as mainly equivalent to cultural anthropology"<sup>29</sup>.

Assim, é possível compreendermos que a antropologia sofreria um processo de complexificação e diversificação de orientações, mesmo retendo a unidade em torno do seu objecto de estudo, o Homem. Por isso, entre os conteúdos da informação encontrada em arquivo, teríamos de ter em conta que estes poderiam estar marcados por distintas correntes de pensamento, que vinham do século XIX, sobre o significado da Antropologia.

### 2.1.3 – Antropologia Pré-Histórica: Antecessora da Antropologia Científica

O fundamento sobre o qual assenta toda a reflexão deste ponto, justificando-o, é a compreensão de que existe um período antecedente à história da Antropologia Científica, uma antecâmara cujos desenvolvimentos e pressupostos são distintos da "disciplina que nós conhecemos" e que surge em "meados do século XIX"<sup>30</sup> - são o

---

<sup>26</sup> (Haddon 1945, 100)

<sup>27</sup> (Haddon 1945, 100)

<sup>28</sup> (Mercier 1986, 7)

<sup>29</sup> (Haddon 1945, 100)

<sup>30</sup> (Mercier 1986, 25)

"estrato científico" anterior. O seu principal método é a recolha de elementos, sem posterior interpretação – algo que já não encontraremos com Mendes Correia.

Não é objectivo deste ponto descrever as minudências e particularidades do período, isso já está abundantemente feito por autores como Paul Mercier ou Alfred Cort Haddon; o interesse está em compreender os principais aspectos do desenvolvimento e transição da antecâmara pré-científica para o momento em "que a reflexão sobre o homem contém em germe a antropologia moderna"<sup>31</sup>.

A distinção não parece colocar-se no elemento que constitui o objecto de estudo, que é o homem; na mesma linha de pensamento, uma breve consulta a um dicionário de termos científicos não se afasta muito desta ideia, definindo a antropologia como "Science of Mankind"<sup>32</sup>. Tampouco parece colocar-se nas questões dele emanadas, que "em toda a parte e todas as épocas, se colocaram aos homens mais primitivos", a saber:

**1) Questões de natureza cultural, internas a determinado grupo, como sejam "a natureza e origem dos seus costumes e instituições" 2) Questões de natureza externa e comparativa, diferenças percepçionáveis "entre a sua sociedade e outras sociedades conhecidas"**<sup>33</sup>.

A destriça inicia-se, claramente, quando se atenta para a forma da procura das respostas, que no domínio da Antropologia Científica associamos à utilização de um método, e para a forma e o conteúdo das soluções propostas. Assim, quanto ao primeiro ponto, a perspectiva da "Antropologia Pré-Histórica", assenta "geralmente" em "respostas sumárias" enquadradas por crenças e sistemas de valores baseados na condição humana e "em certos dados de origem mítica"<sup>34</sup>. Por contraponto, o enfoque dos primeiros Antropólogos-Cientistas, ainda que na forma mais rudimentar, concentrou-se na "recolha de dados sobre as sociedades humanas" orientados "para uma reflexão geral acerca delas"<sup>35</sup>; de tal modo assim foi que, mais adiante, já não se colocaria o problema das respostas sumárias, mas o do excesso da erudição, que

---

<sup>31</sup> (Mercier 1986, 25)

<sup>32</sup> (Beadnell 1945, 14)

<sup>33</sup> (Mercier 1986, 23)

<sup>34</sup> (Mercier 1986, 23-24)

<sup>35</sup> (Mercier 1986, 24)

conduzia à falta de objectividade - o antropólogo tornara-se detentor de vastos conhecimentos por causa da "extensão do seu campo de estudo"<sup>36</sup>.

Quanto às temáticas abordadas pela "Antropologia Pré-Histórica", devem realçar-se que são muito "etnocêntricas", isto é, estuda-se bastante a sociedade e cultura em que se está inserido, lançando mão da análise pontual de outras culturas para realçar as próprias virtudes - chega-se mesmo a falar em "sociedades primitivas" em tom reductor<sup>37</sup>. Não obstante, um outro movimento deste período teve por motivação neste estudo a "procura do exótico e a insatisfação em relação à sua própria sociedade", que deixa de ser uma motivação do antropólogo cientista<sup>38</sup>.

Uma referência de particular importância deve ser feita à passagem que ocorre, neste âmbito, quanto aos agentes dinamizadores dos estudos antropológicos; numa fase inicial, a construção da Antropologia Científica, é sustentada por "certos esforços conscientes e individualizados"<sup>39</sup>, fazendo caminho até à constituição de "certas escolas de investigação"<sup>40</sup>.

Conclui-se que, atendendo à transformação de pensamento e investigação introduzidos pelas teorias da evolução de Darwin (1859) e pelo ambiente geral de progresso científico do século XIX - só neste momento se reúnem as condições necessárias ao desenvolvimento de "saberes especializados" (que suportam o método de recolha e análise dos dados antropológicos), "num princípio geral que permita reagrupá-los e dar-lhes sentido"<sup>41</sup> - antes, os próprios espaços de reflexão antropológica ocorriam "em centros de civilização afastados uns dos outros", não permitindo esta reagrupamento de que falámos; tudo muda, no século XIX, porque os espaços do globo começaram a articular-se e o conhecimento científico em geral, transmitir-se-ia com maior facilidade<sup>42</sup>.

#### 2.1.4 – O Despontar da Antropologia Científica em meados do Século XIX

---

<sup>36</sup> (Mercier 1986, 24)

<sup>37</sup> (Mercier 1986, 25)

<sup>38</sup> (Mercier 1986, 26)

<sup>39</sup> (Mercier 1986, 24)

<sup>40</sup> (Mercier 1986, 23)

<sup>41</sup> (Mercier 1986, 25)

<sup>42</sup> (Mercier 1986, 27)

Na realidade, "as condições necessárias ao aparecimento de uma Antropologia Científica estão reunidas um pouco antes dos meados do século XIX", sendo que este primeiro ímpeto durará quase até ao final deste século ("por volta de 1896")<sup>43</sup>.

Sem associarmos o surgimento do conceito de evolução e a sua generalização às "investigações e às reflexões nos mais diversos campos", é impossível compreendermos o impulso que é dado, simultaneamente, aos estudos antropológicos científicos<sup>44</sup> e a unidade que confere a esta disciplina<sup>45</sup> - embora esta ideia fosse maioritária no "panorama antropológico durante a segunda metade do século XIX", existiram investigadores que não laboraram com base nestes pressupostos, mas com base no difusionismo<sup>46</sup> - "principalmente os investigadores alemães"<sup>47</sup>.

Duas das temáticas mais vincadas com base na ideia anterior são a passagem do "estado de selvajaria *do homem*, ao estado de civilização" - entendida como "ponto de chegada do progresso humano" - e a evolução estratificada das "instituições humanas"<sup>48</sup> - tudo isto observado na "totalidade da cultura humana no tempo e no espaço", introduzindo o conceito de "família humana"<sup>49</sup>, não em sociedades específicas<sup>50</sup>; claro que daqui emana uma classificação de cada sociedade em mais ou menos civilizada - todavia, a este entendimento maioritário, se contraporá um outro, minoritário, que desconfia das explicações "unívocas", ou seja, que rejeitam uma só explicação para o mesmo fenómeno socio-cultural.

Outra questão fundamental tem que ver com o método utilizado "pela quase totalidade dos antropólogos" deste período, que relacionando-se estreitamente com os pressupostos evolucionistas, consiste em estabelecer comparações entre os dados

---

<sup>43</sup> (Mercier 1986, 37).

<sup>44</sup> (Mercier 1986, 37)

<sup>45</sup> (Mercier 1986, 60)

<sup>46</sup> Teoria assente em "factos de difusão"; por exemplo, características socio-culturais presentes em mais do que uma sociedade que teriam sido fruto de difusão e não de uma evolução própria, "seja qual for a distância que *as separasse*" (Mercier, 1986 p. 61).

<sup>47</sup> (Mercier 1986, 56)

<sup>48</sup> (Mercier 1986, 39)

<sup>49</sup> (Mercier 1986, 41)

<sup>50</sup> (Mercier 1986, 40)

recolhidos<sup>51</sup> - isto, porque comprovar as alterações que um processo evolutivo acarreta exige a comparação de séries de dados<sup>52</sup>. Para se reunir esses dados começará a ser encetado um processo em que a "observação[...] séria[...] depende da posse de recursos metodológicos e técnicos cada vez mais precisos"<sup>53</sup>. Todavia, existiriam excepções, sobretudo no que diz respeito à não associação entre o método comparativo e "o tratamento cauteloso dos dados", que fazia com que muitos se limitassem a estabelecer "paralelismos"<sup>54</sup>.

O papel do Antropólogo, tendencialmente, vai transformar-se - e esta mudança ocorre no sentido de uma maior participação deste cientista em todas as etapas de produção do conhecimento antropológico - isto é, deixa de ser um mero interpretador de dados, esforçando-se por "intensificar e organizar[...] a recolha" no terreno<sup>55</sup>. Podemos associar a este câmbio um outro que consiste no incremento das viagens exploratórias, das "investigações localizadas[...] e de observações directas" - que aumentam a bagagem de conhecimento destes investigadores.

Deve ser feita nota quanto aos conhecimentos que estes antropólogos possuíam, que não tinha que ver com "uma formação antropológica" propriamente dita; antes, "eram espíritos curiosos", que provinham de disciplinas tão diversas como a medicina, a filosofia, a biologia ou até a geografia<sup>56</sup>. Assim, podiam "dominar o campo completo da Antropologia no seu sentido mais lato" - ou seja, tinham conhecimento de áreas que hoje consideramos como disciplinas científicas autónomas, "tanto a pré-história como a linguística"; portanto, tinham um conhecimento interdisciplinar<sup>57</sup>.

Associados a estes esforços individuais, começam a multiplicar-se um conjunto de instituições que impulsionam os estudos antropológicos "em todos os países ocidentais" - destaque para a Inglaterra e o Reino Unido; são disso exemplo as Sociedades de Antropologia e Etnologia - "Société Ethnologique de Paris (1838), Ethnological Society de Londres (1843); no meio académico - a "Escola de

---

<sup>51</sup> (Mercier 1986, 38)

<sup>52</sup> (Mercier 1986, 63)

<sup>53</sup> (Mercier 1986, 42)

<sup>54</sup> (Mercier 1986, 55)

<sup>55</sup> (Mercier 1986, 38)

<sup>56</sup> (Mercier 1986, 42-43)

<sup>57</sup> (Mercier 1986, 42)

Antropologia *de França*, em 1875"; por via de exposições - Museus Etnográficos - "instalado em 1879" em Paris e por outras associações científicas - como a "British Association for the Advancement of Sciences"<sup>58</sup>.

Deve fazer-se menção do produção literária resultado deste período da Antropologia, já "abundante" - Paul Mercier, explica que esta abundância resulta: a) ou na replicação exaustiva do tema relativo aos "quadros culturais da humanidade"<sup>59</sup> b) ou no "estudo das características físicas do homem" que desemboca na "classificação das raças humanas"<sup>60</sup> c) ou no "estudo dos sistemas de parentesco,[...] familiares e matrimoniais"<sup>61</sup> d) outros ocupar-se-ão das questões metodológicas, de "selecção e de crítica dos materiais etnográficos[...] e de métodos de interpretação propriamente científicos"<sup>62</sup> e) ou ainda do estudo das actividades e concepções religiosas transformadas em "teoria geral da religião", "mas sem que fossem obtidos resultados tão convincentes"<sup>63</sup> f) a "distribuição geográfica das culturas" e suas interacções para percepção dos suas "estagnações ou desenvolvimentos culturais (nascimento da Antropologia Histórica)<sup>64</sup>.

Em jeito de conclusão, devem realçar-se outras características que determinaram este período da jovem ciência; a saber: a) esta "corrente sacrifica a história" - a história dos diversos povos não é tão considerada na compreensão dos seus desenvolvimentos socioculturais, privilegiando-se a aplicação excessiva do método comparativo; um paradigma evolucionista, que conduz a conclusões e extrapolações incoerentes com os conhecimentos históricos<sup>65</sup> b) "Ficam consagrados contributos definitivos para a disciplina Antropológica[...] na definição de certas áreas da investigação ou na eliminação[...] de falsos problemas" - por exemplo, aos poucos, começa-se a compreender que as "sociedades primitivas" não tinham uma estrutura tão simples

---

<sup>58</sup> (Mercier 1986, 18;79)

<sup>59</sup> (Mercier 1986, 44)

<sup>60</sup> (Mercier 1986, 45)

<sup>61</sup> (Mercier 1986, 48,50)

<sup>62</sup> (Mercier 1986, 52)

<sup>63</sup> (Mercier 1986, 55,67)

<sup>64</sup> (Mercier 1986, 58-59)

<sup>65</sup> (Mercier 1986, 61-62)

quanto o que era conjecturado<sup>66</sup> c) Surge, quase em paralelo, a noção de que os conhecimentos antropológicos podem e devem ser aplicados à prática social, daí que a noção de "Antropologia aplicada" seja "tão antiga como a própria antropologia"<sup>67</sup>. d) "No estudo de[...] sectores da realidade sociocultural realizaram-se progressos definitivos", com a construção de conjuntos de termos de classificação e descrição dos sistemas de parentesco, por exemplo<sup>68</sup>. e) Um mérito que Mercier aponta, tem que ver com a não consideração, como determinante, dos aspectos raciais e dos aspectos geográficos de cada sociedade, não se desenvolvendo "teorias que *privilégiassem* o factor racial"<sup>69</sup>. Contudo, são eles que colocam a questão da raça no centro das atenções de um ponto de vista científico, numa altura em que, em termos de uma determinada cultura política se quer acreditar que as pessoas se definem por raças e que umas são donas do mundo e outras as que os servem. E raça tem nesta altura, – em tempos em que a genética ainda estava a começar a criara algumas certezas – um conteúdo que implica que as pessoas se distinguem por caracteres físicos biológicos que são constantes e hereditários. O termo é usado nesta disciplina com o mesmo sentido com que se faziam as classificações de animais e não mais no sentido bem mais antigo com que se designava um grupo de pessoas que tinham ascendentes comuns num espaço de parentesco.

#### 2.1.5 – A Ciência Antropológica no primeiro terço do Século XX

Este segundo período de desenvolvimento da Ciência Antropológica, proposto por Mercier, cobre todo o primeiro terço do século XX, ou seja, progride até cerca de 1930<sup>70</sup> - o privilégio da investigação neste período - "excepto em França" - recairá sobre a "história cultural", ou seja, "apresentar *e explicar* uma interpretação global do destino"

---

<sup>66</sup> (Mercier 1986, 65)

<sup>67</sup> (Mercier 1986, 65)

<sup>68</sup> (Mercier 1986, 67)

<sup>69</sup> (Mercier 1986, 68-69)

<sup>70</sup> (Mercier 1986, 71)

das sociedades e das culturas com base na interpretação "de cada fenómeno como o resultado de acontecimentos históricos" específicos<sup>71</sup>.

É bastante interessante constatar o incremento da complexidade e diversidade "dos múltiplos ramos de investigação" que se formam, não obstante serem "mais complementares" entre si, fruto do "crescimento do número dos investigadores e a multiplicação das correntes de pensamento" - que vão resultar num grande "jogo de influências" entre os antropólogos a título individual e entre "áreas nacionais"<sup>72</sup>.

Também no domínio das técnicas e métodos de investigação se assistiria a transformações relevantíssimas a) para além do emprego de técnicas ligadas à genealogia b) de avaliações psicológicas a diferentes populações c) da recolha sistemática de tradições e outros conhecimentos, quer orais, quer escritos d) o interesse pelo estudo de indivíduos e não apenas das comunidades onde se inserem, elaborando-se biografias<sup>73</sup>.

Um dos temas "das grandes discussões Antropológicas do começo de Século XX" será o continuar da oposição entre evolucionismo e difusionismo, como ponto de partida do desenvolvimento de estudos antropológicos; com claro pendor para o segundo, todavia não será avisado pensar que o primeiro morra com o fim do século XIX<sup>74</sup>.

As temáticas abordadas ao nível da produção literária antropológica, centrar-se-ão em diversos temas - intentadas análises "de uma única população", mas tendo objectivos interpretativos bastante expansivos<sup>75</sup>; a saber: a) desenvolve-se o interesse por fenómenos de contacto entre culturas b) surgem "as reflexões que preparam o estruturalismo" c) incrementa-se o trabalho de campo que conduziriam "às teorias funcionalistas" d) ocorrem colaborações várias que conduzem à articulação entre a psicologia humana e a antropologia, por exemplo "às relações entre a cultura e a personalidade"<sup>76</sup>.

---

<sup>71</sup> (Mercier 1986, 72-73)

<sup>72</sup> (Mercier 1986, 72-73)

<sup>73</sup> (Mercier 1986, 78-79)

<sup>74</sup> (Mercier 1986, 66,69)

<sup>75</sup> (Mercier 1986, 76)

<sup>76</sup> (Mercier 1986, 74)



A participação do antropólogo nas "investigações de campo" e na reunião do material etnográfico multiplica-se abundantemente, sendo completado o processo iniciado no em meados do século XIX - isto decorre no âmbito da "organização e expansão de primeiras missões propriamente antropológicas" e com "objectivos já mais definidos" - o antropólogo já parte com a hipótese que procura confirmar ou infirmar no terreno<sup>77</sup>.

Iniciar-se-á um novo período no tocante às relações entre as Instituições Estatais e os seus Antropólogos, com a paulatina aplicação de um conceito chamado "Antropologia em acção" através do qual, "aos futuros administradores" das colónias de países europeus, começava a ser "exigida" "uma formação antropológica" - mais tarde, começariam a ser empregados os chamados "antropólogos do governo" que muito auxiliariam ao incremento dos conhecimentos antropológicos gerais<sup>78</sup>, exceptuando nos territórios e colónias francesas.

Pode sumariar-se este período com o seguinte conjunto de características: a) Ocorrem evoluções significativas no "domínio *do estudo* da cultura material" b) Grandes avanços sucedem em termos metodológicos, isto é, na elaboração de "Inventários,[...] descrições e[...] análises são mais numerosos e precisos"<sup>79</sup> - todavia, a análise dos objectos da pré-história, seria mais reservada aos historiadores/arqueólogos. A temática "dos factos económicos" não é tão considerada no estudo da antropologia - questões como o trabalho e a sua divisão, ficam negligenciadas<sup>80</sup> c) No domínio do "estudo das estruturas sociais", vão aperfeiçoar-se as técnicas de investigação<sup>81</sup> d) Os estudos relativos ao desenvolvimento dos sistemas de crenças são tratados com base em "interpretações propriamente antropológicas"<sup>82</sup>.

#### 2.1.6 – A Antropologia Científica desde 1930 até 1960

---

<sup>77</sup> (Mercier 1986, 74-76)

<sup>78</sup> (Mercier 1986, 76-77)

<sup>79</sup> (Mercier 1986, 122)

<sup>80</sup> (Mercier 1986, 124)

<sup>81</sup> (Mercier 1986, 125)

<sup>82</sup> (Mercier 1986, 126)

O último período que aqui iremos analisar tem início por volta de 1930<sup>83</sup>, em que a Antropologia se torna tão preponderante que alguns dos "seus pontos de vista[...] métodos[...] e *técnicas* de investigação" são utilizados por outros campos científicos<sup>84</sup>.

Neste período, os antropólogos já dispõem de uma "formação sistemática" e com tendência para o crescimento do corpo de investigadores e para a generalização do trabalho de equipa<sup>85</sup>. Parte dessa sistematização envolve trabalho de campo para todos, "pelo menos no começo da sua carreira"<sup>86</sup> - também resulta na divisão dos antropólogos por "campos de investigação"; a perspectiva tecnológica da antropologia é apenas um exemplo<sup>87</sup>.

Para o ponto anterior certamente contribuiu a multiplicação de vários "organismos de investigação" e de ensino<sup>88</sup>, de tal modo que já é possível falar em "carreira de investigação", e na participação em várias "conferências" que se multiplicam<sup>89</sup>.

As temáticas passíveis de serem abordadas ao nível da investigação antropológica diversificam-se ainda mais, talvez por já existir um conhecimento antropológico da terra bastante completo - dedicam-se agora à especialização por "regiões geográficas e culturais"<sup>90</sup> a) por exemplo, continua a exploração das tradições de cada país do período anterior, mas agora começam a articular entre si as suas conclusões<sup>91</sup> b) "já não se trata de uma investigação sobre as origens" do homem, essa desaparece totalmente<sup>92</sup> c) a tendência para a elaboração de teorias gerais vai ser bastante reduzida, ao invés, desenvolver-se-iam "teorias particulares sobre um conjunto de factos coerentes" ou conceitos de investigação<sup>93</sup>.

---

<sup>83</sup> (Mercier 1986, 131)

<sup>84</sup> (Mercier 1986, 133)

<sup>85</sup> (Mercier 1986, 131-132)

<sup>86</sup> (Mercier 1986, 132)

<sup>87</sup> (Mercier 1986, 133)

<sup>88</sup> (Mercier 1986, 132)

<sup>89</sup> (Mercier 1986, 135)

<sup>90</sup> (Mercier 1986, 132)

<sup>91</sup> (Mercier 1986, 131)

<sup>92</sup> (Mercier 1986, 134)

<sup>93</sup> (Mercier 1986, 135-136)

A produção literária de cariz antropológico, "a partir de 1940", tenderia muito para a elaboração de artigos científicos, de manuais de ensino desta ciência e de obras direccionadas à divulgação das "intenções e[...] realizações" da antropologia junto das massas<sup>94</sup>.

#### 2.1.7 - Os primeiros passos da Antropologia Científica em Portugal

Os primeiros estudos de cariz antropológico não-científico começariam a surgir em Portugal na segunda metade do século XVIII, mas "as primeiras investigações[...] de acentuado carácter científico só foram iniciadas nos meados do século XIX"<sup>95</sup> - assim, podemos dizer que há simultaneidade entre Portugal e outros países europeus no tocante ao momento de desenvolvimento da ciência antropológica.

Já vimos que existia simultaneidade, mas haveria contacto entre Portugal e os diversos países neste domínio? Sabemos que Portugal seguia "de perto o movimento científico de outros movimentos europeus", quando em 1865 se inicia um conjunto de "congressos internacionais de Antropologia e Arqueologia Pré-Histórica" em Itália<sup>96</sup>; Portugal só será anfitrião de umas jornadas internacionais na década de 80 deste século XIX, em Lisboa. Outro dado, será considerar os livros que os estudantes do Curso de Antropologia tem de ler a partir de 1885, que incluem nomes como "Topinard,[...] Broca e Mortilet", antropólogos franceses e italianos<sup>97</sup>.

O ponto anterior é importante na medida em que permite perceber o amadurecimento da Antropologia Científica em Portugal, uma vez que não só demonstra que só por volta desta altura houve capacidade para a Antropologia Portuguesa ser anfitriã deste tipo de eventos, como esse evento se transformou num catalisador para que o estudo da jovem ciência saísse de Lisboa "para outros centros do país"<sup>98</sup>.

---

<sup>94</sup> (Mercier 1986, 135-136)

<sup>95</sup> (Cunha, 1986 p. 1008)

<sup>96</sup> (Cunha, 1986 p. 1008)

<sup>97</sup> (Cunha, 1986 p. 1015)

<sup>98</sup> (Cunha, 1986 p. 1009)

Xavier da Cunha, aponta F. A. Pereira da Costa (1809-1889) como o autor da primeira obra portuguesa antropológica de carácter científico (1865), a que se seguiram um conjunto de outras publicações no domínio da "Arqueologia Pré-Histórica e da Paleontologia" - todavia, pareciam servir mais de suporte a estudos antropológicos propriamente ditos, do que em si conterem qual aspecto da dita ciência<sup>99</sup>. A Sociedade Carlos Ribeiro editaria uma revista da qual constam alguns dos primeiros estudos antropológicos, sendo que também surgiriam numa outra Revista de cariz Cultural, a Revista Portugália<sup>100</sup>.

No fundo, os primeiros antropólogos portugueses desenvolveram-se muito a título individual, como "autodidactas da ciência antropológica" e não tinham uma formação de cariz antropológico, provinham de áreas do conhecimento tão diversas como a "Filosofia Natural,[...] Medicina[...] a Engenharia Militar" - algumas relacionadas com o conhecimento do corpo humano, um bom ponto de partida para a relação com a antropologia física (predominante neste período)<sup>101</sup> - todavia, foram crescendo em número, tanto que aquando do congresso de 1880 "os congressistas portugueses[...] já eram próximo de uma centena"<sup>102</sup>.

As primeiras instituições que, em Portugal, podíamos associar ao impulso dos estudos antropológicos, não eram relacionadas com esta área do conhecimento e o ânimo que lhe trouxeram era resultado indirecto da sua actividade - por exemplo, em 1857, a criação da "Comissão de Trabalhos Geológicos de Lisboa", cuja actividade redundou na criação de um "Museu Antropológico"<sup>103</sup>; ou da curiosidade de professores da "Escola Médica de Lisboa" pela antropologia<sup>104</sup>; alguns professores da "Escola Politécnica de Lisboa" também se interessavam pela antropologia física na década de oitenta do Século XIX<sup>105</sup>; mais tarde, surgiriam alguns "cursos populares" ministrados no Ateneu Comercial de Lisboa, sendo que a Antropologia era foco de grande interesse nesse âmbito; em 1894, a "Exposição Insular e Colonial Portuguesa", teria também esse

---

<sup>99</sup> (Cunha, 1986 p. 1009)

<sup>100</sup> (Cunha, 1986 p. 1018)

<sup>101</sup> (Cunha, 1986 p. 1009)

<sup>102</sup> (Cunha, 1986 p. 1010)

<sup>103</sup> (Cunha, 1986 p. 1009)

<sup>104</sup> (Cunha, 1986 p. 1010)

<sup>105</sup> (Cunha, 1986 p. 1019)

papel de pedagogia para as questões antropológicas, por conta das "coleções etnológicas" africanas que nela foram expostas<sup>106</sup>; no ano de 1893, Bernardino Machado impulsionaria a criação do "Museu Etnográfico Português, com uma secção de Antropologia"<sup>107</sup>; em 1899, Porto e Lisboa assistiriam à criação de Postos Antropométricos, Coimbra só em 1911<sup>108</sup>.

O ensino da Antropologia Física só chegaria em 1858, com a inauguração do ensino desta disciplina na então Faculdade de Filosofia da Universidade de Coimbra e pela iniciativa do "deputado[...] Bernardino Machado"<sup>109</sup>; em simultâneo, criar-se-ia, "um Museu de História Natural, com o seu Gabinete de Antropologia anexo à cadeira de Antropologia" - assim se ligava a docência à investigação<sup>110</sup>; no Porto, em 1887, a "Sociedade Carlos Ribeiro", que fixara o foco no desenvolvimento de estudos na "área das ciências naturais e sociais", decide incluir no seu programa os estudos antropológicos<sup>111</sup>.

É interessante tentarmos compreender o que Bernardino Machado entendia ser a Antropologia quando, em 1883, apresentou o "projecto de lei à Câmara dos Deputados" - a ideia consistia em criar uma cadeira "aonde se *professasse*[...] Anthropologia, Paleontologia Humana e Archeologia Prehistórica", ou seja, por esta ordem, o estudo do homem (do "homem moral"), o estudo dos "fósseis humanos" e a arqueologia no âmbito da pré-história (de carácter eminentemente prático) - só começaria a funcionar em 1885<sup>112</sup> - devemos realçar o quão importante seria esta medida ao "exercer a sua influência sobre o desenvolvimento da Antropologia física em Lisboa"<sup>113</sup>.

As temáticas mais estudadas nesta altura compreendiam: 1) a Antropologia Zoológica "estudavam-se os primatas, em especial a craniometria"<sup>114</sup>, alguns caracteres

---

<sup>106</sup> (Cunha, 1986 p. 1017)

<sup>107</sup> (Cunha, 1986 p. 1018)

<sup>108</sup> (Cunha, 1986 p. 1019)

<sup>109</sup> (Cunha, 1986 p. 1011)

<sup>110</sup> (Cunha, 1986 p. 1015)

<sup>111</sup> (Cunha, 1986 p. 1018)

<sup>112</sup> (Cunha, 1986 pp. 1012-1013)

<sup>113</sup> (Cunha, 1986 p. 1016)

<sup>114</sup> Medição da Capacidade do Crânio - **Dicionário Priberam da Língua Portuguesa. 2017.** Craniometria. *Dicionário Priberam da Língua Portuguesa*. [Online] Priberam Informática, 2017. [Citação: 14 de Fevereiro de 2017.] <http://dicionario.priberam.org/craniometria>.

fisiológicos<sup>115</sup> e ainda a posição do Homem entre os primatas"; 2) a Antropologia Geral em que se estudava "a osteologia<sup>116</sup> comparada do Homem, utilizando os instrumentos em voga na época para a determinação dos diâmetros, dos ângulos e o cálculo dos índices"; 3) a Arqueologia Pré-Histórica em que se estudavam "os utensílios, as indústrias, desde a idade da pedra às idades do bronze e do ferro"<sup>117</sup> - "muitas vezes de carácter descritivo"<sup>118</sup> e, "por vezes, de aspecto regional"<sup>119</sup>.

O movimento de difusão do interesse nos estudos antropológicos fez o percurso desde Coimbra, com o seu impulsionador Bernardino Machado, até Lisboa, com "alguns *dos seus* discípulos, que *se fixaram* em Lisboa"<sup>120</sup>. No Porto, aquando das primeiras movimentações, o interesse estaria voltado para a Antropologia Criminal. Em 1885, o Laboratório de Antropologia do Hospital Conde Ferreira - "o primeiro naquela cidade" - já labora com esse foco; por volta de 1887, dá-se a criação da Sociedade Carlos Ribeiro ( com as implicações à pouco referidas para os estudos antropológicos); é também criado um Posto Antropométrico em 1889 - "que *contribuía* com elementos e trabalhos de certo valor para o progresso da Antropologia Física"<sup>121</sup> - este ramo da ciência, teve grandes desenvolvimentos sobretudo em Lisboa e no Porto, não tanto em Coimbra<sup>122</sup>.

## 2.1.8 – A Antropologia Portuguesa e os desenvolvimentos do Século XX

No final do Século XIX, o ensino da Antropologia só estava institucionalizado na Faculdade de Filosofia da Universidade de Coimbra, tendo sido necessário esperar

---

<sup>115</sup> Aspectos das Funções Orgânicas - **Dicionário Priberam da Língua Portuguesa. 2017.** Fisiologia. *Dicionário Priberam da Língua Portuguesa.* [Online] Priberam Informática, 2017. [Citação: 14 de Fevereiro de 2017.] <http://dicionario.priberam.org/fisiologia>.

<sup>116</sup> Estudo dos Ossos segundo perspectiva anatómica - **Dicionário Priberam da Língua Portuguesa. 2017.** Osteologia. *Dicionário Priberam da Língua Portuguesa.* [Online] Priberam Informática, 2017. [Citação: 14 de Fevereiro de 2017.] <http://dicionario.priberam.org/osteologia>.

<sup>117</sup> (Cunha, 1986 p. 1015)

<sup>118</sup> (Cunha, 1986 p. 1019)

<sup>119</sup> (Cunha, 1986 p. 1020)

<sup>120</sup> (Cunha, 1986 p. 1016)

<sup>121</sup> (Cunha, 1986 p. 1019)

<sup>122</sup> (Academia das Ciências de Lisboa, 1992 p. 1358)

pelo advento da República para que, no âmbito da criação das Universidades de Porto e Lisboa (1911), este começasse a ser academicamente leccionado fora de Coimbra - "sobretudo no Porto, com o eminente professor Mendes Correia"<sup>123</sup> - assim, em Portugal, o estabelecimento de períodos cronológicos de desenvolvimento desta disciplina, difere do proposto por Paul Mercier para o contexto internacional.

Propõe-se que esta fase tenha durado de "1911-1940", na qual a Antropologia Portuguesa - articulada num "contexto europeu de impulso" - se tenha dedicado às temáticas relacionadas com a Paleontologia Humana e os "processos evolutivos". Uma outra fase inicia-se em 1940, que o autor chama de "Nova Antropologia", consistiu num melhoramento dos métodos quantitativos que se aplicavam e no repensar dos objectivos da ciência, que tiveram como resultado a aproximação entre a Antropologia Física tradicional e os novas interpretações Culturais - afastando-se das Ciências Físico-Químicas<sup>124</sup>.

Nos primeiros anos deste período, o conhecimento da medicina continuou a ocupar um lugar de destaque na formação dos antropólogos portugueses - "que a maioria dos Antropologistas possuía" - simultaneamente, também subsistiam outros com formação de base em biologia<sup>125</sup>.

As temáticas abordadas neste período devem ser realçadas; as questões relacionadas com a descrição "*da morfologia e da métrica*" do ser humano vão continuar, embora tendam a diminuir progressivamente<sup>126</sup>. Iniciam-se estudos de conjunto, quer sobre características da população portuguesa, quer considerando variações regionais destas especificidades - em simultâneo, surge a associação do conceito de Eugenia<sup>127</sup>. Também nas questões do método existiriam progressos, o "interesse por um conveniente tratamento estatístico", e nas questões do ensino desta ciência, com o surgimento da "antropologia pedagógica ou escolar"<sup>128</sup>. A partir de 1935-1936 "*já se ensinava biometria*" e questões ligadas aos grupos sanguíneos<sup>129</sup>. A

---

<sup>123</sup> (Cunha, 1986 p. 1020)

<sup>124</sup> (Academia das Ciências de Lisboa, 1992 pp. 1336-1337)

<sup>125</sup> (Academia das Ciências de Lisboa, 1992 p. 1337)

<sup>126</sup> (Academia das Ciências de Lisboa, 1992 p. 1337)

<sup>127</sup> (Academia das Ciências de Lisboa, 1992 p. 1338)

<sup>128</sup> (Academia das Ciências de Lisboa, 1992 pp. 1346, 1359)

<sup>129</sup> (Academia das Ciências de Lisboa, 1992 p. 1350)

Antropologia Criminal, não terá desenvolvimento consistente apartir da década de 30, com a reorganização dos 3 Institutos de Criminologia e, conseqüentemente, a quebra de "laços entre a Criminologia, o ensino e a investigação antropológica"<sup>130</sup>.

Continuariam a surgir instituições que, paralelamente às de ensino, contribuiriam decisivamente para o avanço dos estudos antropológicos em Portugal, como sejam: a Sociedade Portuguesa de Estudos Eugénicos<sup>131</sup>. Deve aqui realçar-se que esta Sociedade foi criada por iniciativa do Director do Instituto de Antropologia da Universidade de Coimbra, o Professor Eusébio Tamagnini e contou na comissão de fundação com a colaboração do Professor Mendes Correia, a quem foi atribuída a liderança da secção do Porto – “foi fundada em 9 de Dezembro de 1937, durante as comemorações centenárias da Universidade de Coimbra, com a presença de representantes de vários países, entre os quais a Alemanha nazi”<sup>132</sup>; No âmbito da articulação com outros países pioneiros do panorama antropológico, através da realização de Congressos Internacionais, estes já dedicados às questões da Antropologia propriamente dita (por exemplo, "XV Congresso Internacional de Antropologia e Arqueologia Pré-Histórica[...] em 1930") - que também revela Coimbra e Porto, no papel de anfitriões, como os principais "*centros* de maior actividade de investigação antropológica em Portugal"<sup>133</sup>. A realização, em 1934, do "Congresso Nacional de Antropologia Colonial", demonstra o quanto o ensino antropológico se desenvolvera em Portugal, a ponto de já se organizarem eventos nacionais dedicados à temática<sup>134</sup> - Portugal participaria no mesmo ano na Exposição Colonial de Paris, para Portugal demonstrar e articular conhecimentos com outros países acerca de populações africanas, como de "Angola[...] e da Guiné"<sup>135</sup>.

Em termos institucionais, só a partir da década de 50 deste século é que começaria a ser conferido apoio governamental mais declarado à Antropologia - também com o desenvolvimento das questões da eugenia, relacionados com

---

<sup>130</sup> (Academia das Ciências de Lisboa, 1992 p. 1359)

<sup>131</sup> (Academia das Ciências de Lisboa, 1992 p. 1338)

<sup>132</sup> (Pimentel, 1999 (2<sup>a</sup>-3<sup>a</sup>) p. 491)

<sup>133</sup> (Academia das Ciências de Lisboa, 1992 pp. 1338-1339)

<sup>134</sup> (Academia das Ciências de Lisboa, 1992 p. 1346)

<sup>135</sup> (Academia das Ciências de Lisboa, 1992 p. 1354)



pressupostos coloniais - por exemplo, o apoio que o "Ministro das Obras Públicas, Eng.º Arantes de Oliveira," deu à mudança de instalações do Instituto de Antropologia da Universidade de Coimbra<sup>136</sup>. Brevemente se começariam a agregar investigadores do recém-criado "Centro de Estudos de Antropobiologia da Junta de Missões e Investigações do Ultramar", também de iniciativa estatal para se dedicarem às questões da antropologia colonial - segundo Mendes Correia, um nome fundador desta corrente da antropologia "foi Fonseca Cardoso"; não podemos ignorar que a antropologia colonial estava mais ligada às questões etnológicas<sup>137</sup>.

No Porto, a Ciência Antropológica vai desenvolver-se grandemente depois de, em 1911, ser criada a Universidade do Porto e, no seio da Faculdade de Ciências, a Cadeira de Antropologia - "o seu primeiro titular o Professor Mendes Correia", associados, "criam-se Museu, Laboratório e Centro de Antropologia Criminal"; "por sua iniciativa foi criada a Sociedade Portuguesa de Antropologia", ele que foi "o chefe de uma Escola Antropológica do Porto" e "o fundador do Museu Antropológico do Porto"<sup>138</sup>. De realçar também o papel do Instituto de Anatomia da Faculdade de Medicina da Universidade do Porto que "interessou muitos alunos em estudos antropológicos,[...] e ainda estudos etnográficos"<sup>139</sup>.

À semelhança do Porto, a Antropologia desenvolve-se bastante em Lisboa com a criação da respectiva cadeira na Faculdade de Ciências; o primeiro professor titular da cadeira, A. A. da Costa Ferreira, também era formado em Medicina, tendo leccionado também "Anatomia Antropológica"<sup>140</sup> - o mais curioso é que, ao invés de Coimbra e Porto, a Antropologia não era uma disciplina autónoma, estava fortemente associada à Zoologia, nem possuía um Instituto próprio anexo à cadeira, pelo que o autor conclui: "daí a sua actividade mais modesta, relativamente à das Faculdades de Coimbra e Porto"<sup>141</sup>. "A Faculdade de Medicina de Lisboa que sucedeu em 1911 à Escola Médica",

---

<sup>136</sup> (Academia das Ciências de Lisboa, 1992 p. 1342)

<sup>137</sup> (Academia das Ciências de Lisboa, 1992 pp. 1351-1353)

<sup>138</sup> (Academia das Ciências de Lisboa, 1992 pp. 1345-1346)

<sup>139</sup> (Academia das Ciências de Lisboa, 1992 p. 1347)

<sup>140</sup> (Academia das Ciências de Lisboa, 1992 p. 1348)

<sup>141</sup> (Academia das Ciências de Lisboa, 1992 pp. 1349-1350)

à semelhança do ocorrido no Porto, também adquiriu relevo no impulso ao estudo destas questões<sup>142</sup>.

A História do desenvolvimento da Ciência Antropológica nas colónias portuguesas, está muito ligada, num primeiro momento, ao desenvolvimento do interesse de curiosos associados às instituições de proximidade local, os Serviços de Saúde Ultramarinos Portugueses por exemplo, ou de instituições como a "Escola Médica de Goa"<sup>143</sup> - as temáticas mais abordadas tinham que ver, sobretudo por estes médicos, "com estudos de grupos sanguíneos e ecologia humana". Só com a criação, em 1933, da "Junta das Missões Geográficas e de Investigações Coloniais", o Estado passaria a "encorajar os investigadores" para a investigação antropológica. À semelhança de outros países que já vimos, aos "quadros" da administração ultramarina passa a ser requerida uma formação antropológica, pelo que a Escola Ultramarina (fundada em 1906), vai recebendo sucessivas reformulações curriculares para acomodar disciplinas como a Antropologia Física (primeiro) e depois a Antropologia Colonial<sup>144</sup> - todas dependiam da Junta de Investigações Científicas do Ultramar, pelo que eram principalmente orientados para questões de ordem cultural e sociológica"<sup>145</sup>.

## 2.2 – Mendes Correia nas Redes e Hierarquias de Conhecimento Científico

Não é de mais reforçar que é absolutamente necessário compreender a dimensão do Professor Mendes Correia como "propulsionador da investigação no âmbito das ciências antropológicas"<sup>146</sup> que, conjugada com outros elementos biográficos, nos permitirá ter uma clara observação das "Hierarquias e Redes de Sociabilidade" das quais participou - o objectivo é a compreensão das redes de conhecimento, instituições, indivíduos e respectivas relações com que se construiu a ciência antropológica portuguesa até meados do século XX (quando falece em 1960), mas com foco no referido académico. Só assim, poderemos auxiliar o nosso objectivo de conhecer e

---

<sup>142</sup> (Academia das Ciências de Lisboa, 1992 p. 1351)

<sup>143</sup> (Academia das Ciências de Lisboa, 1992 p. 1353)

<sup>144</sup> (Academia das Ciências de Lisboa, 1992 p. 1355)

<sup>145</sup> (Academia das Ciências de Lisboa, 1992 p. 1358)

<sup>146</sup> (Teixeira, 1964 p. 3)

identificar os produtores de informação a serem encontrados na documentação em arquivo (antecipando aqui uma série de correspondência, por exemplo).

Patrícia Ferraz de Matos procurou, na sua tese, elaborar ["Capítulo 1 - Biografia de Mendes Correia (1888-1960)"] uma resumida biografia do referido antropólogo, inquirindo "o conhecimento da sua origem social e familiar, a sua formação académica e os meios sociais e políticos com os quais interagiu"<sup>147</sup>.

Poder-se-á questionar o âmbito desta abordagem, incidindo só o contexto estritamente académico e científico? Certamente que não, isto porque o labor científico do Professor Mendes Correia, não se restringiu só à academia - a título de exemplo, o facto de ser "fundador da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia" - e também porque foi solicitado para desempenhar vários cargos extra-universitários, "desde logo o de Presidente da Câmara Municipal do Porto em 1936"<sup>148</sup>. Assim, far-se-á uma abordagem mais alargada que incluirá três perspectivas de redes de sociabilidade; a académica-científica, a política - porque foi "deputado à Assembleia Nacional (1945-1949)", entre outros cargos<sup>149</sup> - e a familiar. Em suma, foi participante de diversas redes de sociabilidade que devem ser averiguadas para melhor contextualização do homem e do seu espólio (relacionamento com família, amigos, colegas, alunos e outras individualidades da vida pública).

O ponto anterior é absolutamente fundamental se considerarmos este capítulo como preparatório de um outro, de contextualização, inventariação, descrição e organização do espólio do referido académico que, para além da abundância de notas quanto ao seu trabalho, possa conter referências a pessoas e contextos destas redes que nos propomos estudar. Só a reconstituição das ligações dos que com ele interagiram quer a nível interno, quer a nível externo, permite entender a presença de certos documentos e o seu volume no seu arquivo.

Não pode deixar de ser realçado o carácter transnacional das redes de sociabilidade estabelecidas no âmbito da exposição do seu labor intelectual, que não apenas o colocaram em contacto com académicos de escolas antropológicas estrangeiras

---

<sup>147</sup> (Matos, 2012 p. 17)

<sup>148</sup> (Monteiro, 1960 p. 5)

<sup>149</sup> (Universidade do Porto, 2013 p. 321)

(francesa e italiana), como o notabilizaram ao ponto de ser condecorado em inúmeras ocasiões e em diversos países<sup>150</sup>.

Será útil perspectivar essas relações numa janela cronológica que tenha em conta o período de vida de Mendes Correia (1888-1960). É imperativo integrá-lo no desenvolvimento, em traços gerais, da ciência antropológica em Portugal - seus primeiros agentes e instituições, a partir da "segunda metade do século XIX, seguindo[...] de perto o movimento científico de outros países europeus"<sup>151</sup>.

Finalmente, ao longo do texto, tirar-se-ão conclusões relativas a Mendes Correia - certamente aplicáveis a alguns cientistas, académicos e investigadores da época - isto é, o capital simbólico que foi granjeando, como acaba por chegar à visibilidade e em que hierarquias e redes de sociabilidade, relacionadas com o meio científico mas não exclusivamente, se movimentava e passa a movimentar.

### 2.2.1 – Mendes Correia no âmbito de uma Estrutura Familiar e Social

Este sub-capítulo não pretende ser meramente indicativo de relações de sociabilidade unidireccionais, isto é, da influência de Mendes Correia nos seus amigos e familiares; todavia, pretende-se perceber que a sua feitura enquanto "Professor e Cientista"<sup>152</sup>, subsiste pela sua feitura simultânea enquanto Homem - porque, como podemos separar o Homem do Cientista e o Cientista do Homem?

Certamente terá herdado o gosto pela medicina do seu pai, afeição que depois o conduziria ao interesse pelas questões antropológicas - a formação em medicina ocupava um lugar de destaque na formação dos antropólogos portugueses e "que a maioria dos Antropólogos possuía"<sup>153</sup> - o facto de o seu pai ter sido Vereador da Câmara Municipal do Porto, preocupando-se com questões de índole cultural ("tendo a seu cargo os pelouros da Biblioteca e do Museu"<sup>154</sup>) também é revelador do ambiente socio-político a que seria exposto e do qual, mais tarde, também viria a fazer parte -

---

<sup>150</sup> (Júnior, 1969 p. 42)

<sup>151</sup> (Cunha, 1986 p. 1008)

<sup>152</sup> (Teixeira, 1964 p. 3)

<sup>153</sup> (Academia das Ciências de Lisboa, 1992 p. 1337)

<sup>154</sup> (Matos, 2012 p. 18)

sendo Presidente da Câmara do Porto (teve as mesmas preocupações de seu pai e "durante o seu mandato desenvolveu uma notável ação em matéria de preservação e divulgação do património histórico e cultural da cidade"<sup>155</sup>), Procurador da Câmara Corporativa e Deputado da Assembleia Nacional; assim, também a nível de carreira política a sua progressão e visibilidade na hierarquia dos poderes públicos foi notável. Também teve oportunidade de se relacionar com os detentores dos mais altos cargos do estado da época - fosse António de Oliveira Salazar ou Óscar Carmona<sup>156</sup> - o que demonstra que foi granjeando estatuto e reconhecimento, não só no meio académico, mas também em outros espaços de sociabilidade como o político.

Pelo lado da sua mãe Etelvina Marques Mendes Correia<sup>157</sup> "descendia de homens de negócios", o que também permite inferir acerca do contexto económico em que cresceu, que certamente lhe teria providenciado um maior e melhor desenvolvimento das suas capacidades<sup>158</sup>. O seu avô paterno era "um funcionário das finanças e administrador rural"<sup>159</sup> - é bastante interessante como grande parte da sua família tinha laços bem fortes com a administração pública e no exercício de cargos de responsabilidade, podendo afirmar-se que nasceu no seio de um estrato social com elevado estatuto.

Casou pela primeira vez com Maria Carmen Boàda Loureiro (filha do 2º Visconde de Loureiro). Este dado só é relevante na medida em que permite completar o quadro das relações directas de Mendes Correia, sobretudo se considerarmos que, tal como esta, se desenvolviam nos mais altos estratos da sociedade da época - também, por via desta união, pode contactar de perto com o meio político e com o Republicano José Relvas, que era tio da sua esposa<sup>160</sup>. Casou segunda vez a 29 de Julho de 1948 com Maria do Carmo Bahia, da qual não teve filhos.

A sua rede de amigos incluía pessoas das mais variadas proveniências, estratos sociais e interesses profissionais - desde Carlos Teixeira (membro da Academia das

---

<sup>155</sup> (Universidade do Porto, 2016)

<sup>156</sup> (Matos, 2012 p. 22)

<sup>157</sup> (Matos, 2012 p. 18)

<sup>158</sup> (Universidade do Porto, 2013 p. 321)

<sup>159</sup> (Matos, 2012 p. 18)

<sup>160</sup> (Matos, 2012 p. 20)

Ciências de Lisboa)<sup>161</sup>, passando pelo "Historiador Portuense Artur de Magalhães Basto"<sup>162</sup>.

## 2.2.2 – Usos e Representações da Academia: Mendes Correia nas hierarquias e redes de Conhecimento

Como já constatamos anteriormente, o movimento de difusão do interesse nos estudos antropológicos fez o percurso desde Coimbra, com o seu impulsionador Bernardino Machado, até Lisboa, com "alguns *dos seus* discípulos, que *se fixaram* em Lisboa", mas só com o advento da República e a criação das Universidades de Porto e Lisboa se difundiria mais<sup>163</sup>. Assim, a análise deste ponto assenta em torno de uma questão essencial, a saber: Como é que na recém-criada Universidade do Porto (1911)<sup>164</sup>, mais concretamente na Faculdade de Ciências, se constrói o conhecimento antropológico?

Certamente, que se faz a expensas do brilhantismo individual de "um Gomes Teixeira, um Ferreira da Silva, um Augusto Nobre e um Gonçalo Sampaio"<sup>165</sup> todavia, também se faz com a união de esforços de uma rede de académicos que, tendencialmente, se começa a transformar numa verdadeira rede de criação de conhecimento colectivo (por exemplo, a criação - em 1918 - da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia no seio da Faculdade de Ciências<sup>166</sup> foi resultado do esforço individual de quatro académicos; Mendes Correia, Araújo de Lacerda, Luis Viegas e Bento Carqueja<sup>167</sup>.

Outra questão interessante é perceber como é que Mendes Correia vai progredindo na sua carreira no interior da Universidade, como se altera o seu posicionamento na hierarquia docente em apenas 10 anos (porque se em 1911 estava a

---

<sup>161</sup> (Teixeira, 1964 p. 3)

<sup>162</sup> (Matos, 2012 p. 22)

<sup>163</sup> (Cunha, 1986 p. 1016)

<sup>164</sup> (Cunha, 1986 p. 1020)

<sup>165</sup> (Júnior, 1969 p. 38)

<sup>166</sup> (Teixeira, 1964 p. 6); (Júnior, 1969 p. 37)

<sup>167</sup> (Júnior, 1969 p. 38); (Universidade do Porto, 2013 p. 321)

ser contratado como professor assistente da Faculdade de Ciências da Universidade<sup>168</sup>, em 1921 já se tinha tornado Professor Catedrático, exercendo funções na mesma Faculdade<sup>169</sup>; de tal modo cresce o seu valor que, rapidamente, se torna director (1929-1935) da já referida Faculdade<sup>170</sup> - parece ser rápido o modo como ganha visibilidade no seio da estrutura universitária. Claro que faltam estudos sistemáticos que nos elucidem sobre o tempo de ascensão médio à cátedra na universidade desta altura.

Não regeu apenas cadeiras da Faculdade de Ciências (por exemplo, leccionou a disciplina de Geografia e Etnologia da Faculdade de Letras em 1919<sup>171</sup>, o que permite também perceber que a sua capacidade resultava do facto de ser detentor de uma rede de conhecimentos verdadeiramente interdisciplinar - de facto, detinha "um rigor de conceitos e a largueza de conhecimentos", na opinião de um dos seus biógrafos<sup>172</sup>. Também acreditava, por força de entender "que a Antropologia, se liga à Biologia Geral, à Zoologia, à Anatomia [...] à História, à Arqueologia", que era necessário o apoio de outros académicos para se chegar ao "Estudo do Homem", o que forçosamente estimulava a criação de redes de conhecimento partindo dele. Aliás, esta ideia é corroborada por uma outra em que "proclamava,[...] a necessidade de termos legiões de jovens investigadores nos mais variados domínios"<sup>173</sup>, inclusive no domínio das suas relações pessoais fazia isto, levando os sobrinhos a "fazer explorações de campo[...] como quem prepara futuros exploradores, arqueólogos ou investigadores"<sup>174</sup>.

É igualmente importante realçar o contributo de outras faculdades da Universidade do Porto, em articulação com a de Ciências, para a construção do conhecimento antropológico - a título de exemplo, deve destacar-se o papel do Instituto de Anatomia da Faculdade de Medicina e o seu director "Sr. Professor Joaquim Pires de Lima", na participação no XV Congresso de Antropologia - assim, constatamos que

---

<sup>168</sup> (Teixeira, 1964 p. 4)

<sup>169</sup> (Teixeira, 1964 p. 4); (Universidade do Porto, 2013 p. 321)

<sup>170</sup> (Universidade do Porto, 2013 p. 321); (Matos, 2012 p. 25)

<sup>171</sup> (Teixeira, 1964 p. 4) (Universidade do Porto, 2013 p. 321)

<sup>172</sup> (Teixeira, 1964 p. 3)

<sup>173</sup> (Monteiro, 1960 pp. 7-8)

<sup>174</sup> (Matos, 2012 p. 21)

cresce a ligação e interdependência entre instituições da Universidade neste domínio, o diálogo já não é meramente pessoal e somente entre académicos<sup>175</sup>.

Não apenas na Universidade do Porto, mas também em articulação com a Universidade de Coimbra, se começam a envidar esforços que conduzem à realização de variados congressos - a título de exemplo, o "XV Congresso de Antropologia e Arqueologia Pré-Histórica" realizado em 1930 em Coimbra e no Porto<sup>176</sup>.

Neste momento, também florescem os contactos e investigações com as colónias no âmbito do "envio de missões antropológicas às colónias"<sup>177</sup> que fomentam a criação de juntas e centros de investigação que agregam e articulam os antropólogos.

Outro ponto fundamental que deve ser assente tem que ver com as relações que se desenvolviam entre professores e alunos, a tal ponto os primeiros inspiravam os segundos que - só assim se entende que J. R. dos Santos se referisse a Mendes Correia como o "meu querido Mestre"<sup>178</sup> - devido "às suas notáveis e aliciantes qualidades pessoais de afabilidade de trato", tornaram possível a continuação do seu legado, porque muitos se tornaram seus discípulos - "um grande Mestre que soube fazer discípulos e criar a Escola Antropológica do Porto"<sup>179</sup>. É importante destacarmos que muitos académicos da FCUP, como Mendes Correia, sofreram a "influência dos briosos académicos que em 1888 criaram a Sociedade de Carlos Ribeiro"<sup>180</sup> e "*continuando* a tradição do núcleo" "*dos gloriosos pioneiros da revista Portugália*" (1889)<sup>181</sup> - aqui é visível como o conhecimento é transmitido pelas redes de académicos, mesmo que não pertencessem à mesma geração.

### 2.2.3 – Hierarquias e Redes de Conhecimento Internacionais nos caminhos de Mendes Correia

---

<sup>175</sup> (Paço, 1932 p. 16)

<sup>176</sup> (Paço, 1932 p. 1)

<sup>177</sup> (Matos, 2012 p. 27)

<sup>178</sup> (Júnior, 1969 p. 41)

<sup>179</sup> (Júnior, 1969 pp. 41-42)

<sup>180</sup> (Monteiro, 1960 p. 6)

<sup>181</sup> (Júnior, 1969 pp. 37,42)



Além de percebermos como funcionavam os contactos e a transmissão de conhecimentos entre os académicos e antropólogos portugueses, convém ter presente que existiam laços internacionais que começavam a ser forjados - existiam instituições formadas e dedicadas a esta articulação ou, pelo contrário, os contactos sucediam esporadicamente através da participação em congressos internacionais?

Como já explicamos, conjugados com os esforços individuais, começam a multiplicar-se, no século XIX, um conjunto de instituições que impulsionam os estudos antropológicos "em todos os países ocidentais"; aliás, anteriormente, já testemunhamos as instituições que surgem no contexto europeu<sup>182</sup>. De tal forma, que já vimos que no século XX verifica-se o incremento da complexidade e diversidade "dos múltiplos ramos de investigação" que se formam, não obstante serem "mais complementares" entre si - que vão resultar num grande "jogo de influências" entre os antropólogos<sup>183</sup>. O mais importante é que "Neste jogo de influências, as áreas nacionais deixam de ser estanques"<sup>184</sup>.

De facto, podemos constatar que em 1930 já existia uma instituição - o Instituto Internacional de Antropologia (sediada em França) - que se propunha a estabelecer esta ligação entre antropólogos das mais variadas proveniências, ainda que só se tivesse reunido em sessão de trabalhos por quatro vezes<sup>185</sup>. Até então, a discussão do conhecimento antropológico a nível internacional era assegurada pela realização de Congressos Internacionais - por exemplo, Portugal tinha organizado o "IX Congresso Internacional de Antropologia e Arqueologia Pré-Históricas" em 1880 e só 50 anos depois voltaria a ser país anfitrião de um evento desta natureza, com a realização do "XV Congresso de Antropologia e Arqueologia Pré-Histórica"<sup>186</sup>.

À semelhança do que ocorreu em 1930, estes espaços favoreciam a ligação não apenas entre os antropólogos, mas também as diversas Universidades que representavam Sociedades científicas directa ou indirectamente associadas, e acrescentavam o elemento de relação com o poder político - "delegações[...] e delas

---

<sup>182</sup> (Mercier, 1986 p. 38)

<sup>183</sup> (Mercier, 1986 pp. 72-73)

<sup>184</sup> (Mercier, 1986 p. 73)

<sup>185</sup> (Paço, 1932 p. 1)

<sup>186</sup> (Paço, 1932 p. 2)

vieram munidas dos respectivos governos". Isto é ainda mais visível se constatarmos que o presidente do Instituto Internacional de Antropologia da época, "M. Louis Marin", tinha sido Ministro de um governo francês<sup>187</sup>. Estes congressos passariam a funcionar como momentos de coordenação e impulsionamento de comissões de estudo de questões da ciência antropológica, que superariam a duração do evento e fomentariam as ligações entre os investigadores - Mendes Correia foi designado em 1930 para uma dessas comissões juntamente com investigadores da Polónia, França, Itália e da Suíça<sup>188</sup>.

Quem era participante destas delegações? A título de exemplo, o XV Congresso de Antropologia contou com a participação de "250 congressistas", embora o número pudesse variar de um congresso para o outro, normalmente estava assegurada representação de "vários países". De destacar no domínio antropológico a França e a Itália que se faziam "representar por delegações numerosas" e pelos melhores académicos<sup>189</sup> - por exemplo, o "Professor R. Verneau de França" e o "Professor Sergio Sergi de Itália"<sup>190</sup>. Também era possível encontrar congressistas não filiados no Instituto Internacional de Antropologia, como ocorreu em Portugal em 1930<sup>191</sup> - pelo que nem todos os participantes seriam académicos reputados, alguns eram apenas curiosos estudiosos.

Estes eram momentos em que era frequente fazer-se uma avaliação do progresso da ciência antropológica, como fez o "Professor Leite Vasconcelos[...] aludindo ao desenvolvimento dos estudos Antropológicos em Portugal"<sup>192</sup> ou o "Professor E. Pitard" "agradecendo e exaltando essa actividade"<sup>193</sup>, mas sobretudo dedicados à transmissão de conhecimento entre diferentes gerações de antropólogos. Particularmente entre os cientistas da antropologia física do século XIX (alguns ainda vivos) e os investigadores da Antropologia Social e Cultural do século XX - "saudação, unanimemente aprovada

---

<sup>187</sup> (Paço, 1932 p. 1)

<sup>188</sup> (Paço, 1932 p. 22)

<sup>189</sup> (Paço, 1932 p. 1)

<sup>190</sup> (Paço, 1932 p. 3)

<sup>191</sup> (Paço, 1932 p. 23)

<sup>192</sup> (Paço, 1932 p. 3)

<sup>193</sup> (Paço, 1932 p. 16)

ao Marquez de Baye e Cazalis de Fondouce, sobreviventes do Congresso de 80"<sup>194</sup>. Além disto, eram espaços de projecção da continuidade do debate e das redes de conhecimento no futuro - "em 1931, em Paris, por ocasião da Exposição Colonial, *teria lugar* uma sessão extraordinária do Instituto Internacional de Antropologia que seria a 5ª da respectiva série e, concomitantemente, um prolongamento do Congresso de Portugal"<sup>195</sup>.

Deve ser realçada a diversidade das temáticas abordadas neste tipo de Congressos, que confirma não só o carácter interdisciplinar da Antropologia, como foi factor de favorecimento da criação, porque necessária ao Estudo do Homem, de redes de conhecimento multidisciplinares de investigadores - só assim se compreende que um congresso de antropologia aborde questões de âmbito tão alargado como as que vão da Antropologia Física, à Arqueologia, aos caracteres Biológicos do Homem, passando pela Criminologia e a Psicologia, a Geografia e terminando nas questões culturais e dos costumes (Etnografia), conforme se pode constatar do programa publicado da sessão<sup>196</sup>.

Com a transformação do antropólogo no século XX e a sua tendencial participação "na investigação de campo", através da realização abundante de "missões[...] antropológicas"<sup>197</sup>, os congressos internacionais vão dedicar parte das reuniões às "excursões" a sítios arqueológicos, a Museus (como o "Museu Arqueológico Santos Rocha")<sup>198</sup> - isto permite a discussão do desenvolvimento de práticas metodológicas de investigação entre os antropólogos, mais do que a mera apreciação do carácter recreativo da visita.

Deve ser salientado que estas ocasiões também permitiam momentos de desenvolvimento de relações pessoais, porque parte desta transmissão do conhecimento era favorecida por momentos de convívio e era isso que, na longa duração, permitia a sustentada continuação das redes - por exemplo, o Presidente do Instituto Internacional de Antropologia dispôs de bastante tempo com Mendes Correia, que foi o seu anfitrião e

---

<sup>194</sup> (Paço, 1932 p. 3)

<sup>195</sup> (Paço, 1932 p. 22)

<sup>196</sup> (Paço, 1932 p. 4)

<sup>197</sup> (Mercier, 1986 pp. 74-76)

<sup>198</sup> (Paço, 1932 pp. 12-13)

condutor na visita antecipada que fez ao Porto e à Universidade - "fez a viagem a esta (*cidade do Porto*) em automóvel, na Companhia do Professor Mendes Correia"<sup>199</sup>.

É interessante constatar a representatividade da sociedade nestes eventos, não só de académicos ou políticos - como já fizemos - mas constatar que "toda" a sociedade local se envolvia - a título de exemplo, aquando da " recepção aos congressistas pela Associação Comercial do Porto" no Palácio da Bolsa, estavam presentes "muitas senhoras da melhor sociedade portuense" - ou seja, estes eventos não podem ser restringidos apenas às questões do conhecimento, mas deve ser considerada a visibilidade social que proporcionava a participação neles, por isso todo o envolvimento desde "as autoridades locais "<sup>200</sup> aos "jornalistas"<sup>201</sup>.

No ano seguinte (1931), no âmbito da Exposição Colonial de Paris, Portugal teria uma secção em mostra, pela qual Mendes Correia "foi responsável", e que contribuiria para o aprofundar das relações de Portugal com outros países no âmbito da Ciência Antropológica<sup>202</sup> e para o fortalecimento do aspecto valorização institucional da dita ciência - a articulação entre as Universidades, os Investigadores e os propósitos do Estado aprofunda-se, as redes científicas e políticas tendem a complexificar-se<sup>203</sup>.

Esta é também uma época em à maior divulgação dos trabalhos antropológicos a nível internacional, o que favorece o estabelecimento de contactos, porque muitos académicos - como Mendes Correia - eram fluentes em diversas línguas, não esquecendo de mencionar que viajavam frequentemente e não só para destinos coloniais, nem exclusivamente para a realização de trabalho de campo ou participação em congressos<sup>204</sup>.

#### 2.2.4 – O Reconhecimento Internacional

---

<sup>199</sup> (Paço, 1932 p. 15)

<sup>200</sup> (Paço, 1932 p. 20)

<sup>201</sup> (Paço, 1932 p. 15)

<sup>202</sup> (Matos, 2012 p. 27)

<sup>203</sup> (Matos, 2012 p. 28)

<sup>204</sup> (Matos, 2012 p. 28)

É curioso constatar que algumas das condecorações e reconhecimentos internacionais podiam resultar de momentos mais ou menos improvisados, relacionados com a participação na organização de um congresso internacional por exemplo, não sendo adiantada, aparentemente, qualquer justificação de mérito intelectual para a atribuição das insígnias - por exemplo, "M. Marin comunicou também ter o governo daquele país (*França*) agraciado vários compatriotas nossos com diferentes condecorações, por motivo do congresso" - foi neste contexto que o Professor Mendes Correia, não retirando todo o mérito académico que lhe reconhecemos, recebeu o grau de Oficial da Instrução Pública de França"<sup>205</sup>.

O reconhecimento do mérito científico também poderia ser obtido através da pertença às mais prestigiadas sociedades científicas internacionais (entre elas se encontravam "a Academia Pontifícia das Ciências, o Real Instituto Antropológico da Grã-Bretanha e da Sociedade de Antropologia de Paris"<sup>206</sup>. Claro que isto só era possível a quem já tinha um certo reconhecimento pelos pares internacionais, como no caso de Mendes Correia - mas nem por isso deixavam de continuar a granjear mais reconhecimento; a título de exemplo, quando Mendes Correia faleceu foram "numerosas as individualidades[...] em representação de institutos e organismos científicos e culturais,[...] estrangeiros" que prestaram a sua homenagem estando presentes no funeral<sup>207</sup>. A título de exemplo, prova que os congressos internacionais ofereciam oportunidades que se tornavam em relações que perduravam e sustentavam a continuação da ciência e que eram um espaço de reconhecimento do valor dos pares académicos, "o Professor Sergio Sergi[...] *propõe* um voto de pesar pelo falecimento[...] do Professor Aurélio da Costa Ferreira"<sup>208</sup>.

Pode concluir-se que, no âmbito do estabelecimento destas redes de criação e transmissão do conhecimento antropológico, muitos, pelo seu labor intelectual, de que Mendes Correia é exemplo, granjearam visibilidade e reconhecimento dos seus pares e das mais prestigiadas instituições nacionais e internacionais no domínio da Ciência

---

<sup>205</sup> (Paço, 1932 p. 3)

<sup>206</sup> (Universidade do Porto, 2013 p. 321)

<sup>207</sup> (Matos, 2012 p. 31)

<sup>208</sup> (Paço, 1932 p. 23)

Antropológica - isto, sem esquecermos a intrincada teia de outras redes de domínio social e político que estes eventos de natureza científica acarretavam.

### **3 – Produção Bibliográfica do Professor Mendes Correia relacionada com o Sistema de Informação**

Foi coligida, na medida do possível, uma extensa bibliografia de Mendes Correia; uma tarefa de contornos colossais – não só porque publicou extensivamente em Portugal e no Estrangeiro, como também devido à quantidade de línguas em que o fez (Português, Francês, Italiano, Alemão etc.) e ainda porque o acesso a algumas das publicações periódicas em que o fez nem sempre foi fácil de obter. O maior esforço foi concentrado, sistematicamente, nas publicações periódicas em que publicou artigos e não em monografias (porque aí está o grosso da sua obra e a parte mais desconhecida da mesma). Podemos argumentar, acerca desta opção, com o prefácio da 1ª Edição do catálogo bibliográfico da obra de Mendes Correia, em que Rui de Serpa Pinto escreve: “... omitiram-se as análises bibliográficas, dispersas por várias revistas...”<sup>209</sup>. Assim, focamos a nossa atenção aqui, mas também a direccionamos para outros locais, a que o prefácio da segunda edição faz menção “Como na 1ª edição... Também se omitiram muitas notas insertas na Grande Enciclopédia Luso-Brasileira e numerosas análises bibliográficas, sobretudo nos registos dos Anais da Faculdade de Ciências do Porto, Trabalhos da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia, na Scientia, etc.”<sup>210</sup>.

Já havia sido publicada, em 1942, a segunda parte de um catálogo bibliográfico da obra de Mendes Correia - por Hugo de Magalhães – que o fez para os anos de 1928-1942 (continuando um trabalho de Rui de Serpa Pinto (1907-1933)<sup>211</sup> que já havia levantado alguns dos trabalhos de Mendes Correia para os anos de 1909-1928). Tentou-

---

<sup>209</sup> (Magalhães, 1942)

<sup>210</sup> (Magalhães, 1942)

<sup>211</sup> **Universidade Digital da UP. 2016.** Antigos Estudantes Ilustres da Universidade do Porto - Rui de Serpa Pinto. *Sigarra Universidade do Porto*. [Online] Universidade do Porto, 6 de Julho de 2016. [Citação: 17 de Agosto de 2018.] [https://sigarra.up.pt/up/pt/web\\_base.gera\\_pagina?p\\_pagina=antigos%20estudantes%20ilustres%20-%20rui%20de%20serpa%20pinto](https://sigarra.up.pt/up/pt/web_base.gera_pagina?p_pagina=antigos%20estudantes%20ilustres%20-%20rui%20de%20serpa%20pinto).

se abarcar todo o período cronológico de vida e obra de Mendes Correia até 1960, procurando fechar-se o período de 1942-1960. Este não foi um esforço perfeito, até porque poderão existir sempre mais algumas publicações periódicas em que deixou parte da sua obra e monografias que não foram consideradas. Se há algo, porém, que se pode aqui apontar, é o facto de restar como trabalho futuro, o levantamento sistemático de artigos de jornal – que aliás, tanto Rui de Serpa Pinto como Hugo de Magalhães apontam nos seus prefácios – como sendo uma grande lacuna.

Justifica-se esta última opção com o objectivo maior de todo este levantamento, a saber: identificarem-se obras publicadas cujos manuscritos pudessem ser encontrados em arquivo (o que veio suceder), pessoas (académicos, civis, autoridades várias) que pudessem ter cruzado caminho com Mendes Correia e estivessem plasmadas na documentação, conferências e congressos (em que tivesse tomado parte e pudessem contextualizar a documentação). No fundo, anteciparem-se, quer as tipologias documentais, quer os contextos de sua produção. Concluímos exaustivamente toda a descrição da obra de Mendes Correia nos Trabalhos da Sociedade Portuguesa de Antropologia (como não foram terminados na sua totalidade não foram colocados no anexo 2, assim como muitas outras revistas cuja pesquisa começou, mas não foi terminada).

Além disto, é muito importante sublinhar que é este trabalho minucioso, que um dia permitirá aos funcionários do MHNCUP, conseguirem contextualizar a produção das peças de Museu de que dispõe e pretendem expor (informação que certamente nem conhecerão na sua extensão e que tão útil lhes poderá ser no desenvolvimento da sua missão). A título de exemplo, nos Trabalhos da Sociedade de Antropologia e Etnologia, existem várias passagens, onde se relata a oferta de peças ao museu, numa descrição verdadeiramente minuciosa da constituição desta parte do enorme sistema Instituto de Antropologia da UP. Para além disto, são também relatadas as ofertas e entradas de obras (monografias e periódicos) que constituíam a Biblioteca do Instituto de Antropologia (algumas das vicissitudes porque passou, explicamo-las no ponto 5.3). Pode então concluir-se, que reconstituir a obra bibliográfica do Professor Mendes Correia, não visava apenas dar a conhecer a sua obra, ou ajudar a reconstituir apenas os contextos e produtores da informação de arquivo, mas contribuir para o conhecimento

de todo o sistema de informação do IAUP.



## 4 – Memória Descritiva do Estágio

Argumentar-se-á, fundamentando devidamente adiante, que relativamente à generalidade dos objectivos propostos inicialmente, o estágio curricular desenvolvido na BFCUP (no edifício da FCUP, na Rua do Campo Alegre, no Porto) – e logo também no MHNCUP (no edifício da Reitoria da UP, na praça Gomes Teixeira, no Porto) – repartindo-se entre os dois espaços, o período das 400 horas entre Janeiro e Maio de 2018 (até final de Março na primeira e Maio na segunda), não constituiu um retumbante sucesso. Inicialmente, constituiu-se uma folha de registo e controlo do trabalho, para sistemático uso, mas que não foi continuada senão além de final de Março. Ainda assim, um grande conjunto de aspectos positivos merecerá também a nossa demorada atenção.

Sendo este um relatório de estágio, não pode ser nele ignorado a preponderância do factor humano, para o bom desenrolar dos trabalhos e resultados. Ora, sendo que o estágio curricular foi desenvolvido num contexto de divisão de tempo entre duas actividades, esta e uma de cariz profissional, um cansaço permanente obstou a uma necessária cadência de motivação e trabalho que fossem óptimas. Simultaneamente, também a partir do mês de Abril, as reuniões quinzenais com a Sr<sup>a</sup> Orientadora, tornaram-se menos frequentes e mais espaçadas no tempo, coincidindo com a mudança do estágio para o MHNCUP; isto, pelos motivos profissionais supracitados, reduzindo-se substancialmente o ritmo do projecto.

A BFCUP é uma biblioteca especializada, na área das ciências naturais e exactas, possuindo cerca de cem mil monografias e um rico acervo de revistas científicas; foi inaugurada em Outubro de 2012 e a maioria das suas obras são posteriores a 1945. As obras mais antigas, constituem o denominado fundo antigo da FCUP e encontram-se no edifício da Reitoria da UP<sup>212</sup>. É na BFCUP que se pode achar o chamado fundo Mendes Correia, objecto de estudo deste projecto, à guarda desta instituição desde que transitou do edifício da Reitoria da UP – antiga sede da FCUP. A Biblioteca alberga também documentação de antigos professores da instituição - a título meramente

---

<sup>212</sup> **Faculdade de Ciências da UP.** Biblioteca da FCUP. *Sigarra Faculdade de Ciências da UP.* [Online] Faculdade de Ciências da UP. [Citação: 16 de Agosto de 2018.] [https://sigarra.up.pt/fcup/pt/uni\\_geral.unidade\\_view?pv\\_unidade=109](https://sigarra.up.pt/fcup/pt/uni_geral.unidade_view?pv_unidade=109).

exemplificativo, a do Professor Rogério Nunes – normalmente legados por familiares (como o caso citado)<sup>213</sup>.

Enquanto na BFCUP, contámos com a supervisão da Sr<sup>a</sup> Célia Cruz, colaboradora da biblioteca, que foi muito prestável em conceder-nos acesso a publicações periódicas científicas e outras, a partir das quais pudemos reconstituir um pouco mais da produção bibliográfica de Mendes Correia. Semelhantemente, foi fundamental o seu testemunho oral, para se ter ocasião de reconstituir o percurso custodial do fundo Mendes Correia, bem como os actuais usos da documentação (nomeadamente para efeitos de investigação).

Toda a documentação do fundo Mendes Correia, estava depositada num armário numa sala destinada ao estudo, no Piso 0 da biblioteca – ocupando duas prateleiras (desafortunadamente, não foi feito qualquer registo fotográfico desta disposição). Alguma documentação já tinha sido previamente colocada, pela Dr<sup>a</sup> Célia Cruz, em caixas acid-free e alguns dos elementos metálicos tinham já sido por si retirados. Como nos explicou, uma vez que alguma da documentação tinha sido consultada recentemente, tinha tomado estas atitudes para a facilitar. A restante, encontrava-se junto desta em pastas, sem ordem aparente, mas intocada no seu interior e por ordem cronológica organizada (os documentos conservavam os seus elementos metálicos intactos, poeiras acumuladas, etc.) Por outra, enquanto estivemos no MHNCUP toda a documentação que nos foi sendo entregue, encontrava-se em dois armários de madeira, possuindo um índice temático manuscrito (também não foi feito registo fotográfico desta situação).

Definimos a prioridade inicial como sendo o iniciar de um recenseamento de todas as caixas e pastas. Contudo, este processo foi-se arrastando no tempo, porque simultaneamente começamos a fazer a higienização da documentação. Assim, o recenseamento, só ficou concluído, quando se terminou a higienização de quase todas as pastas. Foram retirados os elementos metálicos, colocadas capilhas de papel A3 acid-free em todos os documentos das pastas (respeitando-se estritamente a sua agregação e

---

<sup>213</sup> **Faculdade de Ciências da UP.** Homenagem a Rogério Nunes | NCR 4100 | 50 anos. *Sigarra Faculdade de Ciências da UP.* [Online] Faculdade de Ciências da UP. [Citação: 16 de Agosto de 2018.] [https://sigarra.up.pt/fcup/pt/noticias\\_geral.ver\\_noticia?p\\_nr=30572](https://sigarra.up.pt/fcup/pt/noticias_geral.ver_noticia?p_nr=30572).

organização inicial); ocasionalmente, foi usado papel almaço A3, para se aproveitarem recursos existentes. No final deste processo, cada pasta era laçada com fio e colocada numa caixa acid-free (que era numerada) e depositada provisoriamente, num armário na sala de trabalho. Para a sala de trabalho, dentro da qual laboravam as restantes funcionárias da biblioteca, foram sendo transferidas, pela mesma ordem encontrada, todas as caixas e pastas e era nessa ordem que eram trabalhadas.

Foi no decorrer deste processo que se perceberam dois elementos fundamentais; pela numeração exterior das pastas, era possível perceber que existiam pastas em falta, que pertenceriam a este sistema de informação e não se encontravam ali; que a maior parte da informação correspondia não a um sistema pessoal, mas institucional – do Instituto de Antropologia da FCUP. Imediatamente, foi feita uma revista com a Dr<sup>a</sup> Célia Cruz, ao depósito da BFCUP, tendo-se concluído, inclusive pelo seu testemunho oral do que recordava quando as caixas chegaram da reitoria da UP, que nada mais haveria por abrir ou explorar.

No seguimento desta realização, tomaram-se diligências para tentar localizar a documentação faltosa; o segundo passo foi a visita às instalações do antigo Polo de Ciência da Comunicação, na Praça Coronel Pacheco, no Porto. Aqui, se encontrava depositada a Biblioteca e Arquivo da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia (SPAЕ). A hipótese levantada por nós, seria a de que – uma vez que a SPAЕ tinha também funcionado no edifício da Reitoria e todo o seu espólio tinha também sido enviado aquando da saída da SPAЕ do espaço da Reitoria – alguma da documentação do Instituto de Antropologia, tivesse erroneamente sido para lá enviada. Uma visita ao referido espaço, com a Sr<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Fernanda Ribeiro (Directora da Faculdade de Letras da UP), rapidamente nos permitiu concluir que esta hipótese não era correcta. De facto, pode encontrar-se alguma documentação, mas respeitante à actividade da SPAЕ.

O local seguinte, onde se perspectivou que se pudesse encontrar a documentação faltosa, foi na própria Reitoria da UP, o espaço de onde a restante havia vindo. No seu seio, dois espaços vieram à ideia, o MHNCUP – cuja “maior parte das colecções

provém do Instituto de Antropologia Dr. Mendes Correia”<sup>214</sup> (pensando-se que alguma da documentação pudesse estar associada a estas colecções e a ser usada para interpretá-las e, por isso, não tivesse sido enviada – o que veio a confirmar-se em parte). O outro local onde se pensou procurar foi o arquivo da Reitoria da UP, sem que se tenha chegado aqui, a algo concreto.

Assim que se encontrou esta via de trabalho, foi acordado com a Dr<sup>a</sup> Rita Gaspar (colaboradora do MHNCUP), que assim que o recenseamento e higienização dos elementos documentais da BFCUP estivessem concluídos, seria feito um trabalho de pesquisa, entre os documentos do MHNCUP, para se tentar localizar a documentação faltosa – foi o que sucedeu e com resultados a partir de Abril de 2018. Numa conversa de trabalho com a referida investigadora, fomos informados que o que tinha sido enviado para a BFCUP era a documentação mais “recente” do Instituto e que a mais tardia tinha ficado no Museu – que esse tinha sido o critério da fragmentação do sistema (mais adiante explicaremos que este não é bem o caso). Semelhantemente, nos explicou que outra documentação relativa a Mendes Correia tinha sido enviada para o Instituto de Investigação Científica Tropical em Lisboa, que isto era anterior à sua chegada a funções no MHNCUP, que acreditava que não havia sido feito qualquer recenseamento do que fora enviado; apenas que sabia que fora. Também explicou que no incêndio que afectou o edifício da reitoria no ano de 2008, nada do espólio do Museu havia sido perdido, pelo que sabia dizer.

Como resultado final do trabalho no MHNCUP foi elaborado um recenseamento da documentação que pudesse ser relacionada com esta da BFCUP, não se tendo efectuado qualquer higienização da documentação (considerações adiante). Em ambos os casos, nenhuma da documentação foi alvo de qualquer reorganização arquivística. No caso da documentação do MHNCUP, o maior melindre ao funcionamento dos trabalhos, foi o facto desta documentação estar a uso corrente, para identificação de

---

<sup>214</sup> **Museu de História Natural e da Ciência da UP.** Museu de História Natural e da Ciência da UP. *MHNC-UP*. [Online] Universidade do Porto. [Citação: 16 de Agosto de 2018.] <https://mhnc.up.pt/polo-central/>.

colecções do Museu. Enquanto na BFCUP, nenhuma da documentação possuía um guia ou roteiro, no caso do MHNCUP, existiam em algumas capas, alguns de construção claramente temática, fora de qualquer padrão arquivístico, mas que foram úteis por vezes.

Paralelamente, foi elaborado, um trabalho de reconstrução do percurso, funções e produção documental e bibliográfica de Mendes Correia, com o objectivo de auxiliar, quer à identificação da documentação de índole mais pessoal – ou relacionada, não só mas também, com a natureza das funções de Director do IAUP – quer à elaboração de uma cronologia que refletisse, de forma tão extensa quanto possível o seu percurso de vida. Por estas duas vias, e ainda através de informações recolhidas dos próprios documentos, foi possível identificar alguns dos elementos documentais (como contexto de produção, tipologia e conteúdo). Visto que até muito tardiamente se acreditou que se estava perante um SIP, teve de proceder-se ao mesmo trabalho de reconstituição do sistema IAUP.

## **5 – Sistema de Informação do Arquivo Professor Mendes Correia**

### **5.1 – O modelo sistémico como alicerce teórico**

Qualquer desenvolvimento de um projecto arquivístico, tem de estar previamente alicerçado numa perspectiva teórica, isto é nada mais nada menos do que enquadrarmos a nosso entendimento acerca do que é um arquivo. Primeiramente, explicaremos a opção pelo modelo sistémico e a consequente rejeição de outros modelos ou paradigmas teóricos. Seguidamente, explicaremos como usamos o modelo sistémico, para enquadrar as nossas questões em torno do objecto de estudo (que como definimos na Introdução, é o denominado fundo Mendes Correia).

Uma rápida pesquisa pelo catálogo da Biblioteca da Faculdade de Letras, numa simples observação aos relatórios de estágio que tem sido defendidos nos últimos anos, permite-nos constatar que o entendimento generalizado daquilo que constitui um arquivo só é passível de ser compreendido num contexto em que à informação (em determinado suporte) desse arquivo está conexas uma orgânica e uma funcionalidade [por outras palavras, isto quer dizer que a informação foi produzida por uma entidade ( que pode ser pessoal, familiar, institucional) – a que está inerente uma orgânica - para servir determinadas funções ou usos]. Ora, isto não é nada mais nem nada menos, do que a definição de modelo sistémico à qual apenas se adiciona a memória: “sistema (semi-)fechado de informação social materializada em qualquer tipo de suporte, configurado por dois factores essenciais- a natureza orgânica (estrutura) e a natureza funcional (serviço/uso) -, a que se associa um terceiro - a memória - imbricado nos anteriores”<sup>215</sup>. Todavia, advogar o seu uso generalizado neste Mestrado da Faculdade de Letras como justificação para o nosso, por si não é o bastante; é preciso, que expliquemos que este modelo é subsequente a outros, de experimentação bastante disseminada no passado, que assentavam numa perspectiva que actualmente, tende a ser desconsiderada: “numa perspectiva documental, patrimonialista e estática, valorizando o

---

<sup>215</sup> (Ribeiro, 2001 p. 28)

arquivo sobretudo como "memória" ao serviço da investigação histórica”<sup>216</sup>. Não se questionarão aqui os méritos da nova proposta, nem a nossa concordância ou discordância com esta nova perspectiva, apenas se registará o seguinte – existe uma clara mudança de perspectiva, em que o conceito de informação é tão abrangente, que não há mais espaço para se argumentar que as diferentes manifestações do fenómeno informacional merecessem tratamentos especializados, consoante as suas especificidades.

Convém realçar de forma muito vincada, que pelo facto de o nosso foco com este trabalho estar declaradamente no Arquivo Professor Mendes Correia da BFCUP, isto não nos faz esquecer que esta é apenas uma parte do Sistema de Informação Institucional Instituto de Antropologia, que era composto igualmente de Biblioteca e de Peças de Museu. De facto, se considerarmos todo o sistema do IAUP, teríamos de considerar todos os papéis, monografias e periódicos e peças de Museu, que fizeram em tempos parte deste vasto sistema. Tendo Mendes Correia, no âmbito do seu papel de investigador e Director do Instituto, participado em inúmeras explorações de campo, recolhido e estudado peças (no domínio da antropologia física como esqueletos humanos, no domínio da antropologia cultural como elementos folclóricos e etnológicos, entre outras), sobre as quais produziu informação (como monografias e artigos científicos), não seria metodologicamente defensável, no âmbito da teoria sistémica, não os considerar como parte do sistema de informação Instituto de Antropologia. Podemos argumentar com a defesa desta nossa perspectiva, se considerarmos que o enorme esforço que está hoje em dia a ser realizado no MHNCUP, em torno da identificação de peças para exposição, não pode de maneira nenhuma relevar da informação documental que lhe está anexa, para devida contextualização.

Por isso, ainda que não esquecendo o que acabamos de mencionar, focaremos a nossa atenção na documentação de arquivo. Observaremos, a documentação e mediante a sua informação, desenharemos o(s) sistema(s) de informação a ela associado(s), estabeleceremos os seus contextos de produção e enquadramentos legais.

## 5.2 – Recenseamento do Arquivo Professor Mendes Correia da BFCUP

---

<sup>216</sup> (Ribeiro, 2001 p. 27)

Não é mais necessário explicar que o objecto deste projecto arquivístico é o Arquivo Professor Mendes Correia à guarda da BFCUP, e as razões que à posteriori nos conduziram a considerar repartir o estágio indo ao MHNCUP (isto já está feito no capítulo 4). O que é aqui importante realçar, é que foi este facto, depois de feita reflexão em conjunto com os orientadores, que nos levou a concluir que não era expectável e desejável, avançar para níveis descritivos mais detalhados (como a descrição documento a documento), sem tentarmos procurar reconstituir todo o sistema primeiro (independentemente de onde estivesse a documentação que acreditávamos que nos faltava – explicaremos isto adiante).

Assim, foi elaborado um recenseamento da documentação pasta a pasta (com a excepção de algumas publicações dispersas, todos os documentos se encontravam em pastas), seguindo a exacta posição em que se encontravam nas prateleiras no armário (na sala da Biblioteca), da esquerda para a direita e da prateleira de cima para a de baixo. Existe documentação claramente pertence ao SII Instituto de Antropologia, uma outra que se articula claramente ao subsistema SIP Professor Mendes Correia por se relacionar directamente com informação que ele produziu ocupando determinadas funções<sup>217</sup>. Na nota de rodapé estão marcadas as publicações avulsas que foram encontradas no meio da documentação<sup>218</sup>. Mas não avançaremos qualquer proposta de atribuição de da documentação ao SII e ao subsistema SIP, por considerarmos que isso só pode ser realizado depois de uma descrição detalhada.

Relativamente ao esforço que foi feito no MHNCUP, não achamos pertinente colocar-se o recenseamento, não só porque apenas foi manuscrito e não dactilografado, mas porque o principal objectivo era descobrir se existiam no Museu pastas que poderiam corresponder a este sistema de informação e não descrever outra parte do sistema de informação do IAUP na sua totalidade, algo que constatamos ser afirmativo. Para além disto, essa documentação possuía organização temática própria (como atrás já explicámos). Lá existe um vastíssimo conjunto de cadernos de campo de Mendes Correia, facturas e recibos passados por Mendes Correia em nome do Instituto de

---

<sup>217</sup> Por exemplo o item 29 diz respeito ao período em que Mendes Correia foi Presidente da Câmara do Porto e encaixaria na subsecção criada no item 5.4

<sup>218</sup> Ver os itens 8, 14, 24,25, 26, 30, 31, 32, 41, 48, 57, 59, 61, 71 e 82 do recenseamento.



Antropologia, e um vastíssimo conjunto de correspondência do Instituto, endereçada ao seu Presidente Mendes Correia (a grande maioria da década de 30 do século XX). O que sugerimos é que num futuro trabalho arquivístico, toda esta documentação possa ser descrita exhaustivamente e a correspondência do que for constatado ser feita com o que existe na BFCUP e que aqui já recenseamos.

Tabela 1 - Recenseamento do Arquivo Professor Mendes Correia da Biblioteca da Faculdade de Ciências da Universidade do Porto (1921-1967)

<b>Nº de Ordem</b>	<b>Título</b>	<b>Data Extrema Inicial</b>	<b>Data Extrema Final</b>	<b>Âmbito e Contéudo</b>
1	Assuntos de Viseu <sup>219</sup>	1921	1949	Correspondência do Professor Mendes Correia com o Caseiro da sua propriedade em Viseu, incluindo correspondência com o seu advogado acerca do seu processo de divórcio
2	Correspondência Diversos	1922	1934	Correspondência Científica de Académicos Nacionais e Estrangeiros com o Professor Mendes Correia e o Instituto de Antropologia
3	Resumos de Conferências	1923	1944	Resumos e Relatórios Dactilografados da participação de Mendes Correia em Conferências Várias
4	Zoologia	1923	1924	Correspondência e Outros Documentos do Instituto de Zoologia da Faculdade de Ciências
5	Instituto de Antropologia	1926	-	Correspondência do Instituto de Antropologia da Faculdade de Ciências da Universidade do Porto

<sup>219</sup> Sugere-se que este fique com acesso restrito ao público, devido à natureza sensível da sua informação pelo menos até 2030. Altura em que se cumprirão 70 anos da morte de Mendes Correia.

6	Relatórios e Representações - Processo Nº 8/24	1928	1954	Correspondência, Notícias, Recortes de Jornal e Relatórios da Participação de Congressos Científicos
7	Museu e Laboratório de Antropologia - Ano Económico de 1930-1931 Duplicados e Triplicados	1930	1931	Contas do Museu e Laboratório de Antropologia no Ano Económico de 1930-1931
8	IV Session de L'Institut International D'Anthropologie	1930	-	Publicação do Instituto Internacional de Antropologia
9	Instituto de Antropologia Ano Económico 1931-1932	1931	1932	Contas do Instituto de Antropologia no Ano Económico de 1931-1932
10	Instituto de Antropologia da Faculdade de Ciências da Universidade do Porto Documentos de Caixa Ano Económico 1932-1933	1932	1933	Contas do Instituto de Antropologia no Ano Económico de 1932-1933
11	Faculdade de Ciências do Porto - Alunos Estagiários - Processo Nº 1/2	1932	1950	Processos dos Alunos que estagiaram no Instituto de Antropologia da Faculdade de Ciências da Universidade do Porto
12	Museu e Laboratório Antropológico da Faculdade de Ciências da Universidade do Porto (Duplicados) Documentos de Caixa	1933	1934	Contas do Museu e Laboratório de Antropologia no Ano Económico de 1933-1934
13	Congressos em Portugal - Processo Nº 6/21 - Livro Nº 1	1934	1958	Correspondência, Notícias, Recortes de Jornal e Relatórios da Participação de Congressos Científicos em Portugal
14	1º Congresso Nacional de Antropologia Colonial	1934	-	Publicação

15	I. Antropologia	1935	1957	Correspondência do Instituto de Antropologia da Faculdade de Ciências da Universidade do Porto
16	Correspondência Diversa	1937	1950	Correspondência Pessoal de Mendes Correia e do Instituto de Antropologia da Universidade do Porto
17	Comissão Executiva dos Centenários - Delegação no Porto	1939	1941	Contas e Pautas Mensais das Despesas da Comissão de Junho de 1939 a Janeiro de 1941
18	Sociedade Dante Alighieri	1939	1940	Correspondência
19	Sem Título	1939	1941	Correspondência do Instituto de Antropologia com diversas entidades
20	Correspondência Particular	1939	1950	Correspondência Particular e Académica de Mendes Correia
21	Desenvolvimento do Orçamento da Comissão Executiva dos Centenários	1940	-	Projecto de Desenvolvimento do Orçamento da Comissão Executiva dos Centenários Delegação do Porto
22	[Comissão Executiva dos Centenários]	1940	-	Orçamento da Comissão Executiva dos Centenários para actividades
23	Secretaria - Processo Nº 1/63 - Livro Nº1 - Em 27 de Junho de 1940 - Liquidação Números já realizados	1940	1941	Contabilidade da Comissão Executiva dos Centenários Delegação do Porto
24	I Congresso do Mundo Português	1940	-	Publicação
25	I Congresso Colonial	1940	-	Publicação

26	Congressos do Mundo Português	1940	-	Publicação
27	Instituto Nacional de Estatística - Colaboração - Processo Nº 4/19	1940	1946	Correspondência do Centro de Estudos Demográficos liderado por Mendes Correia com o Instituto Nacional de Estatística do qual dependia
28	Correspondência Vária - Processo Nº 15/31 - Livro Nº 1 - Diversas Entidades	1941	1945	Correspondência do Instituto de Antropologia
29	Presidente da Câmara	1941	1942	Correspondência do Professor Mendes Correia com o Instituto na qualidade de Presidente da Câmara do Porto
30	Congresso do Porto (18 a 24 de Junho de 1942) Celebrado em Cooperação da "Asociacion Española para el Progreso de las Ciencias"	1942	-	Publicação
31	Congresso Luso-Espanhol para o Progresso das Ciências	1942	-	Folheto
32	Congresso Luso-Espanhol para o Progresso das Ciências	1942	-	Publicação - 3 exemplares
33	Centro de Estudos Demográficos - Processo Nº 4/45	1944	1946	Correspondência do Centro de Estudos Demográficos liderado por Mendes Correia com o Instituto Nacional de Estatística do qual dependia
34	Revistas adquiridas com verbas do Centro de Estudos de Etnologia Peninsular e que tinham ingressado na biblioteca do Instituto de Antropologia da Universidade do Porto	1945	1953	Catálogo Manuscrito de parte da Biblioteca do Instituto de Antropologia da Universidade do Porto

35	Professor Mendes Corrêa	1945	1948	Correspondência Pessoal de Mendes Correia e do Instituto de Antropologia da Universidade do Porto
36	Assembleia Nacional	1946	1948	Correspondência relativa aos trabalhos de Mendes Correia na Assembleia Nacional
37	Congressos Internacionais	1946	1948	Correspondência, Notícias, Recortes de Jornal e Relatórios da Participação de Congressos Científicos Internacionais
38	[Biblioteca do Instituto de Antropologia]	1946	1952	Catálogo Manuscrito de parte da Biblioteca do Instituto de Antropologia da Universidade do Porto
39	Lições de Morfologia - Notas dos Alunos	1947	-	Aula de Antropobiologia segundo as lições do Professor Doutor Mendes Correia no Curso de Altos Estudos Coloniais
40	Centro de Estudos de Etnologia Peninsular	1947	1950	Correspondência do Centro de Estudos Peninsular que funcionava agregado ao Instituto de Antropologia
41	Legislação	1948	-	Publicação do Ministério das Colónias - Junta das Missões Geográficas e de Investigações Coloniais - Comissão Executiva
42	Legião Portuguesa	1948	-	Envelope de Fotografias de Membros da Legião Portuguesa para Estudo Antropológico
43	Sociedade de Estudos e Fomentos Coloniais	1948	1952	Correspondência com o Instituto de Antropologia

44	Conferência Científica Africana - Relatório do Professor Mendes Corrêa	1950	-	Relatório Dactilografado - 2 exemplares
45	Correspondência Científica	1950	1951	Correspondência Científica de Acadêmicos Nacionais e Estrangeiros com o Professor Mendes Correia e o Instituto de Antropologia
46	Manuscritos do Prof Mendes Correia	1950	1950	Manuscritos e Dactilografados de Obras Publicadas do Professor Mendes Correia
47	Sem Título	1950	1950	Correspondência do Instituto de Antropologia
48	Le dolmen de Casal do Penedo (Verdelha dos Ruivos) par Maxime Vaultier et Georges Zbyszewski	1951	-	Publicação do Instituto de Antropologia da Universidade do Porto - 2 Exemplares
49	Obra das Mães pela Educação Nacional	1951	-	Correspondência com o Instituto de Antropologia
50	"Incidí" Grupo Português	1951	1951	Correspondência do Instituto de Antropologia da Faculdade de Ciências da Universidade do Porto com o Instituto Internacional das Civilizações Diferentes
51	Estas Despesas	1956	-	Assento de despesas do Professor Mendes Correia
52	Relatórios	1959	1966	Relatórios de Participação de membros do Instituto de Antropologia em Congressos
53	[Correspondência do Institut fur Humangenetik]	1959	-	Correspondência do Instituto de Antropologia com o Institut fur Humangenetik

54	Fundação Calouste Gulbenkian	1960	-	Correspondência do Instituto de Antropologia com a Fundação Calouste Gulbenkian a propósito de bolsas de investigação
55	Aquisição da Biblioteca do Prof. Mendes Correia	1960	1962	Processo de Tentativa de Aquisição da Biblioteca Pessoal do Professor Mendes Correia após a sua morte - contém correspondência de Santos Júnior com a viúva
56	Vária Instituto de Março de 1960 a 31 de Agosto de 1965	1960	1965	Correspondência do Instituto de Antropologia com diversas entidades
57	Esboço arqueológico do Concelho do Crato (Alto Alentejo)	1963	-	Publicação da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia - Fascículo 2 Volume XIX
58	Osvaldo Freire	1965	1967	-
59	Exposição de Geologia de Portugal (Metrópole e Ilhas Adjacentes)	1966	-	Publicação do Centro de Estudos de Geologia da Faculdade de Ciências da Universidade do Porto
60	Documentos - Plano Intercalar de Fomento para 1966	1966	-	Documentos Preparatórios para Investimentos do Plano Intercalar de Fomento do Ministério da Educação em Actividades Científicas, Visitas, Publicações do Instituto de Antropologia
61	Regras Portuguesas de Catalogação	1974	-	Publicação



62	Mensagem e Documentos de Homenagem de Professor Mendes Correia	04/04/1957	-	Documentos relativos a Sessão de Homenagem a Mendes Correia ocorrida a 04/04/1957
63	Visitantes da Exposição de Trabalhos Especiais dos alunos de antropologia realizada no Instituto de Antropologia da FCUP em 11 de Abril de 1961	11/04/1961	-	Livro de Boas Vindas da dita Exposição
64	Apontamentos Manuscritos Professor Santos Júnior	-	-	Apontamentos Académico-Científicos do Professor Santos Júnior
65	Índice dos brancos da Guiné	-	-	Estudo Antroponométrico
66	Recibos passados pelos realizadores "Maquettes, objectos, etc"	-	-	Recibos relativos à actividade da Comissão dos Centenários - Delegação do Porto
67	Sem Título	-	-	Contém recortes do diário das Sessões da Assembleia Nacional
68	Sem Nome	-	-	Recortes de Jornal
69	Estudo	-	-	Estudos Antroponométricos
70	Alimentação do Povo Português resenha	-	-	Resenha de uma Publicação de Mendes Correia com o mesmo nome
71	Bulletin del Institut Français D'Afrique Noire - Tables (Années 1939-1949)	-	-	Publicação do Instituto Français D'Afrique Noire
72	[Documentos Vários]	-	-	Referentes ao Instituto de Antropologia
73	Alimentação do Povo Português	-	-	Resenha de uma Publicação de Mendes Correia com o mesmo nome
74	Condecorações	-	-	Envelope Vazio

75	Trabalhos do Prof Mendes Correia por publicar	-	-	Manuscritos e Dactilografados de Obras não publicadas do Professor Mendes Correia
76	Sem Título	-	-	Fotografias do Dr. Mendes Correia - uma dúzia de exemplares repetidos
77	Femeas [Estudos Antroponométricos]	-	-	Estudo Antroponométrico
78	CIAO e Congresso do Kenia	-	-	Relatório de Participação em Congresso de Antropologia no Quênia
79	[Estudos Antroponométricos]	-	-	Estudos Antroponométricos
80	Mendes Correia Jornais	-	-	Recortes de Jornal que mencionam Mendes Correia
81	Mendes Correia Provas Tipográficas	-	-	Provas tipográficas de Mendes Correia para publicação
82	Revista da Empresa Carolina Biological Supply Company	-	-	Catálogo para fornecimento de Moldes de Crânios para aulas

### 5.2.1 – Um Arquivo, dois sistemas?

Um enorme quesito se impõe como central neste capítulo: Averiguarmos qual a natureza do sistema de informação perante o qual nos encontramos; estritamente pessoal, institucional, ou quiçá um sistema híbrido? Se híbrido, qual a preponderância dos elementos institucional e pessoal?

1º) Se atentarmos para a evidência do já designado fundo não conter somente “documentação produzida e adquirida/coligida por uma única pessoa ou ser humano”<sup>220</sup> e se não ignorarmos as vastas relações interpessoais estabelecidas em vida por Mendes Correia – por exemplo, consideremos a existência de documentação de correspondência – o veredicto é evidente: não estamos perante um Sistema de Informação estritamente pessoal. 2º) Procede desta uma outra questão, discernir se este é um sistema de informação estritamente institucional? Deste modo, igualmente concluímos pela não estrita natureza institucional do supracitado sistema, pois contém informação pessoal de Mendes Correia (veja-se por exemplo o item 1 do recenseamento) 3º) Das duas alíneas antes explicadas pode concluir-se que estamos perante um sistema de informação híbrido. Relativamente ao peso destas duas características pessoal e institucional no dito sistema, encerramos afirmando que o institucional é superior ao pessoal (em quantidade de informação).

Armando Malheiro, aponta como plausível origem de um sistema de informação pessoal aquele que procede de um sistema de informação familiar e que por ocorrências múltiplas sofre fragmentação, sendo percepcionado no local de incorporação como sendo um SIP<sup>221</sup>. Neste caso particular, o desafio foi outro tornando-se claro, por meio da documentação existente, que estávamos perante dois sistemas autónomos. A certo ponto, Armando Malheiro, dá o exemplo de um SIP em que foi incorporado um conjunto documental de um SII, e que este deve permanecer como Sub-Sistema do SIP<sup>222</sup>. No nosso caso, aconteceu uma situação oposta, a um SII foi agregada documentação de um SIP. A propósito disto, a nossa proposta, é que se crie um sub-

---

<sup>220</sup> (Silva, 2004 p. 77)

<sup>221</sup> Idem.

<sup>222</sup> (Silva, 2004 p. 81)

sistema que permaneça subordinado ao SII – um SIP Mendes Correia como subsistema de um SII do IAUP - onde, respectivamente, seja associada a documentação. Podemos conferir-lhe as datas extremas de 1921-1967, com base no recenseamento.

### 5.3 – Sistema de Informação Instituto de Antropologia Professor Mendes Correia (1912-18/03/1996)

#### 5.3.1 - Enquadramento jurídico-institucional do IAMC (1912-18/03/1996)

Escutando o relato de Mendes Correia, é possível reconstituir o surgimento de um Laboratório Antropológico em 1912, simultaneamente com a cadeira de Antropologia “da secção de ciências histórico-naturais”<sup>223</sup> – isto parece conferir plausibilidade à data de Mendes Correia, porque no Decreto do Governo Provisório de 19 de Abril de 1911, que prevê a criação da Universidade do Porto e de uma Faculdade de Ciências no seu seio, nada se explica sobre a criação de estabelecimentos anexos logo em 1911 (nem sobre o que nos interessava, o de Antropologia). Mais adiante, foram transformados num instituto de investigação científica – Decreto N° 9334, de 8 de Dezembro de 1923<sup>224</sup>, Decreto N° 9344 de 29 de Dezembro de 1923 e Portaria N° de 21 de Janeiro de 1931.

Também as designações variaram. De Laboratório Antropológico (1912), a Museu e Laboratório Antropológico (1912-1923), a Instituto de Investigações Antropológicas, esta última é a designação oficial atribuída pelo Decreto N° 9334, de 8 de Dezembro de 1923. Posteriormente, retoma a designação de “Museu e Laboratório Antropológico da Faculdade de Ciências da Universidade do Porto”, sendo esta a designação substituída no Decreto Governamental N° 16/86 de 26 de Novembro. Por fim, recebe a designação de “Instituto de Antropologia Professor Mendes Correia”, por Decreto Governamental

---

<sup>223</sup> (Correia, 1941 pp. 15-16)

<sup>224</sup> **Ministério da Educação e Cultura.** Decreto do Governo N.º 16/86 de 26 de Novembro. *Diário da República Electrónico*. [Online] Imprensa Nacional Casa da Moeda. [Citação: 30 de Agosto de 2018.] <https://dre.pt/application/conteudo/221373>.

Nº 16/86 de 26 de Novembro, sem alteração orgânico-funcional<sup>225</sup>. Os Estatutos da FCUP em 1996, publicados em Diário da República Nº66/96 de 18 de Março, determinam que o “Instituto de Zoologia e Estação de Zoologia Marítima do Dr. Augusto Nobre (Museu e Laboratório Zoológico) e o Instituto de Antropologia do Dr. Mendes Correia (Museu e Laboratório Antropológico), *seriam* integrados no Departamento de Zoologia e Antropologia.” Mais tarde, também esses foram integrados no Departamento de Biologia, que agora os congrega<sup>226</sup>.

### 5.3.2 – Os espaços do IAUP

Os precursores do IAUP, os Museu e Laboratório Antropológicos, “foram *inicialmente* instalados em pequenas salas existentes no ângulo SE do edifício da Faculdade, no último andar, quatro escassos gabinetes...”<sup>227</sup>. Mendes Correia situa a fachada sul como sendo a que está virada para o Jardim da Cordoaria<sup>228</sup>; assim sendo, se nos colocarmos a contemplar a fachada sul, no último piso do lado direito, era aí que se situavam os referidos espaços (actualmente, do lado da Rua do Dr. Ferreira da Silva). Em final de 1934, o Instituto compreendia “um laboratório..., uma sala de pré-história..., uma sala de etnografia..., uma sala de antropologia física... e o gabinete do director que é simultaneamente a biblioteca”<sup>229</sup>; não há qualquer menção a arquivo.

Isto, de 1912 a “princípios de 1935, com a passagem do Instituto e respectivos Museu e Laboratório para as dependências do andar térreo e do entresolo do edifício, que ocupam actualmente.”<sup>230</sup> - a disposição dos espaços de 1935 ter-se-á mantido até 1941 pelo menos, altura da publicação da anterior descrição. O que deve ficar explícito neste ponto é que existiam três espaços com funções distintas; uma biblioteca<sup>231</sup> (que se

---

<sup>225</sup> **Ministério da Educação e Cultura.** Decreto do Governo N.º 16/86 de 26 de Novembro. *Diário da República Electrónico*. [Online] Imprensa Nacional Casa da Moeda. [Citação: 30 de Agosto de 2018.] <https://dre.pt/application/conteudo/221373>.

<sup>226</sup> **Faculdade de Ciências da UP.** Departamento de Biologia. *Sigarra Faculdade de Ciências da UP*. [Online] Faculdade de Ciências da UP. [Citação: 16 de Agosto de 2018.] [https://sigarra.up.pt/fcup/pt/uni\\_geral.unidade\\_view?pv\\_unidade=88](https://sigarra.up.pt/fcup/pt/uni_geral.unidade_view?pv_unidade=88).

<sup>227</sup> (Correia, 1941 p. 16)

<sup>228</sup> Idem. Estampa das duas fachadas da antiga FCUP.

<sup>229</sup> (Instituto de Antropologia da Universidade do Porto, 1934 pp. 8-9)

<sup>230</sup> Ibidem.

<sup>231</sup> (Correia, 1941 pp. 28-29) Entre estas páginas existe uma fotografia da biblioteca.

separa do gabinete do director), uma sala de expediente<sup>232</sup> e um arquivo (apenas sobre o arquivo não se encontra fotografia). Ainda assim, encontramos um magnífico excerto que desvenda um pouco do que era a sala do arquivo pós 1935: “Havia mais uma sala interior, sem janelas, que passou a servir de armazém e arquivo”<sup>233</sup>. É esta a descrição que possuímos, não de um serviço, mas de um depósito – muito provavelmente, da documentação que deixava de poder ser armazenada na secretaria do Instituto.

Até 1971, segundo testemunho de Joaquim Rodrigues dos Santos Júnior (1901-1990) – 2º Presidente do Instituto – as instalações permaneceram as mesmas, tanto que se tornaram “duma insuficiência confrangedora... a Biblioteca, ... transbordou e derramou-se pelos corredores, o mesmo sucedeu com o museu... os próprios corredores e os vãos das janelas atingiriam a saturação. Havia pois que pensar na criação de mais espaços indispensáveis ao natural crescimento e expansão do Instituto de Antropologia”<sup>234</sup>.

Ocorreu um incêndio no edifício em Abril de 1974<sup>235</sup>, que destruiu grandemente a parte superior do edifício, onde estavam “a reitoria, os arquivos e praticamente todos os serviços centrais, o senado e o salão nobre, e instalações das Faculdades de Ciências e Economia”<sup>236</sup>. Assim, com base no relato, que não menciona o Instituto de Antropologia – nem qualquer das suas dependências – que segundo já vimos se situavam nos pisos inferiores em 1941, os espaços do IAUP teriam escapado à destruição – o que nos permite pressupor que ainda se encontravam em 1974, nas mesmas localizações de 1941.

### 5.3.3 – Estrutura Orgânico-Funcional do Instituto de Antropologia (1911-

No mais recente estudo orgânico-funcional, elaborado sobre o Sistema de Informação Universidade do Porto, que “*abrangeu* a Reitoria e... cinco faculdades”<sup>237</sup> – entre as quais não figurou a Faculdade de Ciências (bem como dos organismos que de si

---

<sup>232</sup> (Correia, 1941 pp. 28-29) Entre estas páginas existe uma fotografia da sala de expediente.

<sup>233</sup> (Júnior, 1982 p. 198)

<sup>234</sup> (Júnior, 1982 pp. 199-200)

<sup>235</sup> (Destruída pelo fogo parte da Universidade do Porto, 1974 p. 10)

<sup>236</sup> Idem.

<sup>237</sup> (Ribeiro, 2001 p. 15)

estavam dependentes, como o Instituto de Antropologia<sup>238</sup>) – não nos foi possível recuperar informação relativamente ao modo como estava estruturado, em termos orgânico-funcionais, o mencionado Instituto.

Assim, a nossa opção recaiu na tentativa de fazer essa reconstituição através de relatos de época e legislação mencionada noutros pontos deste capítulo, tentando achar conexões entre o quadro de funcionários deste instituto (nas suas várias funções), e os possíveis serviços em que desempenhavam funções (os seus organismos), isto com o intuito de elaborarmos o respectivo quadro orgânico-funcional; atente-se:

Até final de 1934, eram membros do quadro-pessoal do Instituto, “um professor-director, um professor auxiliar, um assistente, um naturalista, um preparador-conservador e um contínuo”<sup>239</sup>. “O professor auxiliar e o assistente *eram* comuns ao ensino de Zoologia”<sup>240</sup>, o preparador-conservador, como o nome indica, estaria dedicado à organização - nas salas supracitadas - “dos materiais recolhidos”<sup>241</sup>, o naturalista trabalharia em ambiente de e no laboratório. Assim sendo, resta-nos supor que o Professor-Director, cujo gabinete albergava a biblioteca, fosse o responsável por organizar a biblioteca. Por fim, é natural que acumulasse também as funções que seriam, a partir de 1935, atribuídas ao expediente, e que junto da biblioteca se conservassem os documentos do Instituto. É natural que colaborassem nestas funções, que por ora atribuímos ao Professor-Director, “... não só os alunos inscritos na respectiva disciplina, mas vários colaboradores científicos temporários”<sup>242</sup>. Nos museus (as já referidas salas), “havia... alguns documentos procedentes das colónias”<sup>243</sup>,

A partir de 1935, o Instituto possuía já um serviço de expediente (com sala para o efeito), através do qual despachava quotidianamente assuntos relativos às actividades do Instituto. Não está explícito, mas o mais credível é que a determinado momento, por critérios de antiguidade e falta de espaço, os documentos produzidos transitassem para a sala do arquivo (com um carácter definitivo). Assim, pode depreender-se que o arquivo

---

<sup>238</sup> (Ribeiro, 2001 p. 42)

<sup>239</sup> (Instituto de Antropologia da Universidade do Porto, 1934 p. 12)

<sup>240</sup> Idem.

<sup>241</sup> (Instituto de Antropologia da Universidade do Porto, 1934 p. 9)

<sup>242</sup> (Instituto de Antropologia da Universidade do Porto, 1934 p. 12)

<sup>243</sup> (Instituto de Antropologia da Universidade do Porto, 1934 p. 14)

fosse apenas um depósito e não um serviço, gerido pelo(s) funcionário(s) da sala do expediente.

Em 1971, são acrescentados ao quadro de funcionários do Instituto de 1935, um Catalogador do Museu e Laboratório e um guarda, sendo que o Professor Auxiliar de 1935 dá lugar a um Professor Extraordinário<sup>244</sup>. No entanto, o instituto sempre careceu de mais funcionários, sendo que em 1971 ainda “o pessoal do Instituto era manifestamente insuficiente”<sup>245</sup>. A proposta que Santos Júnior fazia, para alargamento do quadro de pessoal, compreendia “dois lugares de naturalistas, um antroponometrista, um colector, um catalogador de biblioteca e ajudantes auxiliares de laboratório”<sup>246</sup>. Isto é deveras importante, se considerarmos que mais uma vez, por aqui se prova, que o arquivo não era considerado como necessitando de um investimento; ao contrário, do que sucede com a Biblioteca.

Foi primeiro Director do Laboratório de Antropologia, o Professor Augusto Nobre, no ano lectivo de 1911-1912<sup>247</sup>.

Foram Directores do Instituto, o Professor Mendes Correia (29/12/1923-28/06/1958<sup>248</sup>), o Dr. Arnaldo Deodato da Fonseca Roseira (28/06/1958<sup>249</sup>-08/06/1959<sup>250</sup>) Joaquim Rodrigues dos Santos Júnior (09/06/1959<sup>251</sup>-1971).

#### 5.3.4 – Um olhar sobre as razões da quebra do sistema de informação

No decorrer da actividade científica e missão do Instituto de Antropologia, foram sendo agregadas peças, ao seu laboratório e Museu (composto de 4 salas – uma sala de exposição de “Antropologia Colonial”, outra de “Antropologia Geral e Metropolitana”, uma galeria da “Sala Colonial” e outra da “Sala Geral e Metropolitana”), cujo conteúdo hoje faz parte do MHNCUP (“foi apenas fundado em 1996 e nele se integrariam o Núcleo de Arqueologia e Antropologia Mendes

---

<sup>244</sup> (Júnior, 1982 p. 200)

<sup>245</sup> (Júnior, 1982 p. 201)

<sup>246</sup> (Júnior, 1982 p. 201)

<sup>247</sup> (Universidade do Porto, 1915 p. 62)

<sup>248</sup> (Universidade do Porto, 1958 p. 182)

<sup>249</sup> (Universidade do Porto, 1958 p. 182)

<sup>250</sup> (Universidade do Porto, 1959 p. 156)

<sup>251</sup> (Universidade do Porto, 1959 p. 156) Por portaria nº 133, de 6 de Junho de 1959.



Corrêa”<sup>252</sup>). Estes “eram espaços simultaneamente de reflexão, de experimentação laboratorial, mas também de arquivo”<sup>253</sup>, não apenas das peças recolhidas em expedições (“com o espólio das campanhas de escavações dirigidas por Mendes Correia e pelos seus investigadores”<sup>254</sup>), mas simultaneamente de informação coligida – em suporte escrito – aquando das referidas saídas de campo (por exemplo, só assim é possível encontrar numerosas agendas com anotações de campo de Mendes Correia), e ainda de outra que era produzida posteriormente á recolha, também em suporte escrito (pelo catalogador do laboratório) – auxiliando na identificação, preservação e futura exposição dos espécimes. Se é verdade que podemos encontrar este tipo de documentação no MHNCUP, também não deixa de ser relevante realçar, que há uma outra, não produzida directamente no âmbito do laboratório antropológico e servindo a sua missão, ou até do seu Museu, mas que é claramente parte daquilo a que poderíamos chamar resultado da missão do Instituto de Antropologia - que deveria estar agregada junto do sistema de informação que se encontra na BFCUP. Houve aqui uma claríssima quebra, daquilo que configurava um só sistema de informação. Parte dessa documentação foi mantida no Museu para auxiliar à identificação de colecções e não foi enviada para a BFCUP.

A razão da quebra deste sistema de informação, não pode ser apenas imputada à falta de políticas públicas ou práticas arquivísticas adequadas nos detentores públicos de informação. Se neste caso podemos apontar uma pelo menos, já que a documentação foi enviada para a BFCUP sem qualquer inventário que fosse feito à priori; é essencial que observemos estas realidades segundo um paradigma, o país possui instituições e serviços de Arquivo, Biblioteca e Museu cuja 1) comunicação institucional é praticamente inexistente, em que um serviço não tem conhecimento das acções que o outro desenvolve, nem das suas potencialidades 2) cada instituição tem uma missão que está associada, não à interligação e potencialização da informação sob uma perspectiva de rede ou sistema, mas ao suporte em que se manifesta (num arquivo, os documentos soltos, numa biblioteca os livros e num museu os espólios de peças várias). Mas

---

<sup>252</sup> (Rodrigues, 2016 p. 67)

<sup>253</sup> (Rodrigues, 2016 p. 67)

<sup>254</sup> (Rodrigues, 2016 pp. 67-68)

perguntar-se-á: Ora, uma Biblioteca ou um Museu não possuem Arquivo? (quanto mais não seja o resultante do desenvolvimento das suas funções?). Porém, também esta perspectiva é problemática, porque nestes casos o arquivo gerado não é tido como um serviço, mas como um depósito com um só propósito subalterno: servir a identificação dos acervos de Biblioteca e Museu. Por isso sucede esta fragmentação, enquanto se entender que o museu e a Biblioteca não são apenas os seus espólios mas sim toda a sua informação neles contida (independentemente do seu suporte).

#### 5.4 – Sistema de Informação Mendes Correia

Como acima explicamos, a nossa proposta, é de que o denominado fundo Mendes Correia, possua documentação de dois sistemas; o primeiro, que agora tratamos neste ponto, é o SIP Mendes Correia. Pode afirmar-se que este SIP, não é estritamente pessoal, tendo em conta que nele se representam “vínculos familiares de Mendes Correia” e de outras naturezas relacionais<sup>255</sup> (profissionais, amizades, etc.). A documentação produzida neste âmbito, parece ter sido elaborada junto com a restante que pertence ao SII do IAUP, e deixada ficar pelo próprio Mendes Correia junto dela. Não se encontrou notícia de qualquer doação do espólio documental de Mendes Correia à FCUP ou à Universidade, do Porto, por isso se afirma isto. A corroborar isto também, podemos dar o exemplo do processo de tentativa de aquisição da biblioteca de Mendes Correia, que também consta deste fundo, que foi mal sucedido – junto da ex-mulher – que vendeu os pertences do marido. Também, nos parece claro que Mendes Correia não fazia qualquer distinção entre a documentação de carácter privado, e outra de natureza mais institucional, para a separar – por exemplo, as suas agendas de campo, algumas das quais podem ser encontradas no MHNCUP, possuem tanto registos das suas actividades de campo – que poderíamos classificar de actividade científica – quanto de registos de natureza pessoal, acerca dos locais por onde passou, pessoas que conheceu. Semelhantemente, poderíamos sustentar, que muitas das relações humanas que estão plasmadas na documentação - produzidas sobre o SII do IAUP – ainda que de contactos

---

<sup>255</sup> (Silva, 2004 p. 77)

académicos, não deixam de possuir um carácter pessoal muito acentuado, pelo que poderíamos aqui firmar, que Mendes Correia não fazia essa destrição tão vinculada, entre pessoal e institucional, sendo plausível – por este último argumento – que guardasse junto de si a documentação de natureza privada. Logo, o que destingue uma da outra, é a qualidade/função que Mendes Correia ocupa no momento em que a produz; por isso, para a de natureza mais pessoal, em que não ocupa uma qualquer função institucional, esta pertence ao SIP Mendes Correia. Concedemos, ainda assim, que este método de destrição, torna o papel do arquivista muito mais relevante, tendo todo o cuidado para que seja efectuada com o maior rigor possível.

#### 5.4.1 – Quadro orgânico-funcional do SIP Mendes Correia

A este SIP corresponde uma certa organicidade que foi desenvolvida segundo o modelo proposto por Armando Malheiro, “em quatro etapas evolutivas”<sup>256</sup> da vida de Mendes Correia, encaixando-se nelas as respectivas funções por ele ocupadas. Tanto a primeira Secção – Fase da Infância, como a segunda Secção – Fase da Adolescência, foram fixadas rigidamente de acordo com a proposta das quatro etapas evolutivas da vida<sup>257</sup>; mas, quanto às outras duas, visto que a proposta de data final da juventude e início da adultez pode ser estabelecida com maior fluidez (entre os 23 e 25 anos de idade), optámos por eleger aquela, mais recente, por corresponder a um Mendes Correia já maduro. Argumentamos a escolha com as “fortes especificidades na maturação psicossomática”<sup>258</sup>, perceptíveis no seu percurso de vida; por exemplo, tendo terminado em 1911 o curso de Medicina, na Escola Médico-Cirúrgica do Porto e no mesmo ano ter-se dedicado à prática clínica, são indicadores desta maturação que afirmamos. As subsecções correspondem aos cargos/funções ocupados por Mendes Correia, nas distintas fases da sua vida – o mais exaustivamente que isto nos foi possível aferir com base nas pesquisas de carácter biográfico. Em muitos destes cargos/funções não há certezas quanto à data de término das mesmas, pelo que quando assim sucede, não é

---

<sup>256</sup> (Silva, 2004 p. 78)

<sup>257</sup> (Silva, 2004 p. 78)

<sup>258</sup> (Silva, 2004 p. 78)

colocada data de término e não é fechado entre parenteses o período temporal.

Secção – Fase da Infância (04/04/1888-04/04/1898)

Secção – Fase da Adolescência (04/04/1898-04/04/1904)

Secção – Fase da Juventude (04/04/1904-04/04/1911)

Sub-Secção – Estudante na Escola Médico-Cirúrgica do Porto (1906-1910) e Faculdade de Medicina do Porto (1911)

Mendes Correia ingressou no primeiro ano do curso médico-cirúrgico da Escola Médico-Cirúrgica do Porto no ano lectivo de 1906-1907<sup>259</sup>. Transitou para o segundo ano do referido curso no período lectivo de 1907-1908<sup>260</sup>. Prosseguiu para o terceiro ano do mencionado curso no período lectivo de 1908-1909<sup>261</sup>. O quarto ano do curso, conclui-o no período lectivo de 1909-1910<sup>262</sup>. O quinto e último ano de curso, finalizou-o no período lectivo de 1910-1911<sup>263</sup>, com a qualificação final de B-17<sup>264</sup>.

Secção – Fase Adulta (04/04/1911-07/01/1960)

Sub-Secção – Professor na Faculdade de Ciências da Universidade do Porto (1911-24/07/1958)

Em 1911, Mendes Correia, foi contratado como 2.º assistente provisório da 3.ª Secção (Ciências Histórico-Naturais) da Faculdade de Ciências no 2º Grupo (Ciências Biológicas). Em 1913, por decreto de 13 de Setembro, é nomeado por concurso como 2º assistente efectivo da supracitada Secção e Grupo<sup>265</sup>. Em 1915 (“Quadro do pessoal à data da publicação deste Anuário”<sup>266</sup>), na mesma categoria de 1913, mas já exercendo

---

<sup>259</sup> (Almeida, 1907 p. 69). Matrícula Nº6

<sup>260</sup> (Almeida, 1908 p. 74). Matrícula Nº3

<sup>261</sup> (Almeida, 1909 p. 83). Matrícula Nº3

<sup>262</sup> (Almeida, 1910 p. 54). Matrícula Nº18

<sup>263</sup> (Bastos, 1911 p. 57). Matrícula Nº1

<sup>264</sup> (Bastos, 1911 p. 96). Nº19 da Relação dos alunos que terminaram o curso

<sup>265</sup> (Universidade do Porto, 1915 p. 57)

<sup>266</sup> (Universidade do Porto, 1915 p. 452)

funções de 1º assistente, na mesma Secção e Grupo<sup>267</sup>. Na mesma condição, permanece no ano lectivo de 1917-1918<sup>268</sup>. No ano lectivo de 1917-1918, surge na regência da cadeira de Antropologia<sup>269</sup>; contudo, quando se torna assistente efectivo (1913), já havia leccionado, porque havia regido “o curso de ciências naturais e de antropologia”<sup>270</sup>. No ano lectivo de 1946-1947, é já Professor catedrático da 3ª Secção (Ciências Histórico-Naturais) do 3º Grupo (Zoologia e Antropologia) da Faculdade de Ciências<sup>271</sup>. Assim se mantém, para os anos lectivos de 1947-1948<sup>272</sup>, 1948-1949<sup>273</sup>, 1949-1950<sup>274</sup>, 1950-1951<sup>275</sup>, 1951-1952<sup>276</sup>, 1952-1953<sup>277</sup>, 1953-1954<sup>278</sup>, 1954-1955<sup>279</sup>, 1955-1956<sup>280</sup>, 1956-1957<sup>281</sup> e 1957-1958<sup>282</sup> (é aposentado a 24 de Julho de 1958, por decreto nº 172)<sup>283</sup>.

#### Sub-Secção – Investigador no Gabinete e Laboratórios de Botânica (1911-1915)

Na qualidade de 2º assistente efectivo, desenvolve actividades no Gabinete e Laboratórios de Botânica (sob direcção de Gonçalo Sampaio)<sup>284</sup>. No ano lectivo de 1914-1915, o seu nome já não figura como pertencendo a este gabinete<sup>285</sup>.

#### Sub-Secção – Investigador no Museu e Laboratório de Zoologia (1914-?)

Na qualidade de 2º assistente, desenvolve actividades no Museu e Laboratório de Zoologia, dirigido pelo Professor Augusto Pereira Nobre; sucedendo que no ano lectivo

---

<sup>267</sup> (Universidade do Porto, 1915 p. 454)

<sup>268</sup> (Universidade do Porto, 1918 p. 40)

<sup>269</sup> (Universidade do Porto, 1918 p. 44)

<sup>270</sup> (Universidade do Porto, 1915 p. 57)

<sup>271</sup> (Universidade do Porto, 1948 p. 94)

<sup>272</sup> (Universidade do Porto, 1949 p. 110)

<sup>273</sup> (Universidade do Porto, 1950 p. 106)

<sup>274</sup> (Universidade do Porto, 1951 p. 112)

<sup>275</sup> (Universidade do Porto, 1952 p. 225)

<sup>276</sup> (Universidade do Porto, 1953 p. 147)

<sup>277</sup> (Universidade do Porto, 1954 p. 139)

<sup>278</sup> (Universidade do Porto, 1955 p. 132)

<sup>279</sup> (Universidade do Porto, 1955 p. 144)

<sup>280</sup> (Universidade do Porto, 1956 p. 155)

<sup>281</sup> (Universidade do Porto, 1957 p. 156)

<sup>282</sup> (Universidade do Porto, 1958 p. 176)

<sup>283</sup> (Universidade do Porto, 1958 p. 176)

<sup>284</sup> (Universidade do Porto, 1915 p. 62)

<sup>285</sup> (Universidade do Porto, 1918 p. 42)

de 1917-1918, ainda as desempenha<sup>286</sup>.

Sub-Secção – Director do Instituto de Antropologia da Universidade do Porto  
(29/12/1923-28/06/1958)

Consta como Director do Instituto de Antropologia, no ano lectivo de 1946-1947<sup>287</sup>, 1947-1948<sup>288</sup>, 1948-1949<sup>289</sup>, 1949-1950<sup>290</sup>, 1950-1951<sup>291</sup>, 1951-1952<sup>292</sup>, 1952-1953<sup>293</sup>, 1953-1954<sup>294</sup>, 1954-1955<sup>295</sup>, 1955-1956<sup>296</sup>, 1956-1957<sup>297</sup> e 1957-1958<sup>298</sup> (é aposentado a 24 de Julho de 1958, por decreto nº 172)<sup>299</sup> - sucede-lhe o Dr. Arnaldo Deodato da Fonseca Roseira (Nomeado por portaria nº 150 de 28 de Junho de 1958)<sup>300</sup>.

Sub-Secção – Membro da Comissão Executiva da Comemoração dos Centenários de 1940 – Delegação Porto (1939-1943)

Sub-Secção – Membro da Sociedade de Geografia de Lisboa (1940-1960)

Torna-se vogal da direcção em Março/Abril de 1940<sup>301</sup>, cargo que mantém até final do ano de 1951. Em Janeiro de 1952 chega a Presidente da SGL<sup>302</sup> cargo que ocupará até à sua morte.

Sub-Secção – Membro da Direcção do Centro de Estudos Demográficos do Instituto Nacional de Estatística (1944-1960)

---

<sup>286</sup> (Universidade do Porto, 1918 p. 42)

<sup>287</sup> (Universidade do Porto, 1948 p. 96)

<sup>288</sup> (Universidade do Porto, 1949 p. 112)

<sup>289</sup> (Universidade do Porto, 1950 p. 109)

<sup>290</sup> (Universidade do Porto, 1951 p. 115)

<sup>291</sup> (Universidade do Porto, 1952 p. 229)

<sup>292</sup> (Universidade do Porto, 1953 p. 153)

<sup>293</sup> (Universidade do Porto, 1954 p. 144)

<sup>294</sup> (Universidade do Porto, 1955 p. 137)

<sup>295</sup> (Universidade do Porto, 1955 p. 149)

<sup>296</sup> (Universidade do Porto, 1956 p. 159)

<sup>297</sup> (Universidade do Porto, 1957 p. 161)

<sup>298</sup> (Universidade do Porto, 1958 p. 176)

<sup>299</sup> (Universidade do Porto, 1958 p. 176)

<sup>300</sup> (Universidade do Porto, 1958 p. 182)

<sup>301</sup> (Sociedade de Geografia de Lisboa, 1940)

<sup>302</sup> (Sociedade de Geografia de Lisboa, 1952)

Mendes Correia foi nomeado, em 27 de Março de 1944, membro do Centro de Estudos Demográficos do INE<sup>303</sup>. Passou a ser membro efectivo da Direcção do dito Centro a partir de 19 de Abril de 1944<sup>304</sup>, não se referindo o cargo. Em 24 de Abril de 1946, foi reconduzido como membro efectivo da Direcção do Centro<sup>305</sup>. Ano de 1948, 6 de Julho, é renomeado membro efectivo da Direcção do Centro de Estudos<sup>306</sup>. Ano de 1950, 7 de Setembro, segue como membro efectivo da Direcção do Centro de Estudos<sup>307</sup>. Em 16 de Novembro de 1955, foi reconduzido como membro efectivo da Direcção do Centro<sup>308</sup>. Em 22 de Abril de 1957, foi nomeado como vogal efectivo da Direcção do Centro<sup>309</sup>. Ano de 1960, 4 de Janeiro, segue como vogal efectivo da Direcção do Centro<sup>310</sup> - desempenharia estas funções até à sua morte.

Sub-Secção – Director do Centro de Estudos de Etnologia Peninsular do Instituto de Alta Cultura (1945-1960)

Foi Director do Centro de Estudos de Etnologia Peninsular do Instituto de Alta Cultura desde 1945 (por despacho ministerial de 2 de Abril de 1945)<sup>311</sup> até 1960 (“... por falecimento de Mendes Correia, o Instituto de Alta Cultura, comete a Jorge Dias as funções de Presidente Interino da Direcção do Centro)<sup>312</sup>

Sub-Secção – Membro do Senado da Universidade do Porto (?-08/11/1946)

<sup>303</sup> (Instituto Nacional de Estatística, 1945 p. 140). Portaria de 27 de Março de 1944.

<sup>304</sup> (Instituto Nacional de Estatística, 1945 p. 140). Despacho Ministerial do Ministro das Finanças de 19 de Abril de 1944.

<sup>305</sup> (Instituto Nacional de Estatística, 1946 p. 145). Despacho Ministerial de 24 de Abril de 1946, nos termos da portaria nº 10.619.

<sup>306</sup> (Instituto Nacional de Estatística, 1948 p. 201). Despacho Ministerial de 6 de Julho de 1948, nos termos da portaria nº 10.619.

<sup>307</sup> (Instituto Nacional de Estatística, 1950-1951 p. 169). Despacho Ministerial de 7 de Setembro de 1950, nos termos da portaria nº 10.619.

<sup>308</sup> (Instituto Nacional de Estatística, 1954-1955 p. 261). Despacho Ministerial do Ministro da Presidência de 16 de Novembro de 1955. Nesta página diz erradamente 1945.

<sup>309</sup> (Instituto Nacional de Estatística, 1956-1957 p. 232). Despacho Ministerial do Ministro da Presidência de 22 de Abril de 1957, nos termos da portaria nº 10.619.

<sup>310</sup> (Instituto Nacional de Estatística, 1958-1959 p. 229). Despacho Ministerial do Ministro da Presidência de 4 de Janeiro de 1960. Substituído, após o seu falecimento e por despacho do mesmo Ministro, a 11 de Julho de 1960; sucedeu-lhe o Dr. Joaquim José Pais Morais.

<sup>311</sup> (Oliveira, 1968 p. 7)

<sup>312</sup> (Oliveira, 1968 p. 22)

O último posto que ocupou no Senado da Universidade do Porto, enquanto Delegado dos Professores catedráticos, em representação da Faculdade de Ciências, terminou a 08/11/1946 (quando foi nomeado Presidente da Escola Superior Colonial)<sup>313</sup>

Sub-Secção – Director da Escola Superior Colonial (08/11/1946-?)

Exerce, por decreto nº 260, de 8 de Novembro de 1946, o posto de Director da Escola Superior Colonial<sup>314</sup>, sendo reconduzido (por decreto nº 282, de 5 de Dezembro de 1950<sup>315</sup>) e também em 1954 (por decreto nº 286, de 7 de Dezembro de 1954)<sup>316</sup> – quando já se chamava Instituto Superior de Estudos Ultramarinos.

Sub-Secção – Professor do Curso de Altos Estudos da Escola Superior Colonial (13/11/1951-?)

Exerce, por decreto nº 263, de 13 de Novembro de 1951, o lugar de regente da cadeira de Antropologia Africana do Curso de Altos Estudos<sup>317</sup>. “Nomeado para presidir ao júri dos exames de Estado do 1º ano do curso de Altos Estudos Coloniais, (por decreto nº 189, de 16 de Junho de 1953)<sup>318</sup> e de novo em 1954 (por decreto nº 133, de 5 de Junho de 1954)<sup>319</sup>

Sub-Secção – Vogal da Junta das Missões Geográficas e de Investigações do Ultramar (22/02/1952-?)

Nomeado vogal da secção de História Natural da Junta das Missões Geográficas e de Investigações do Ultramar, por decreto nº 45, de 22 de Fevereiro de 1952<sup>320</sup>

Sub-Secção – Membro do Conselho Ultramarino (12/01/1953-?)

---

<sup>313</sup> (Universidade do Porto, 1948 p. 87). Sucedeu-lhe no posto, o Professor Arnaldo de Jesus Madureira e Sousa.

<sup>314</sup> (Universidade do Porto, 1948 p. 94)

<sup>315</sup> (Universidade do Porto, 1954 p. 139)

<sup>316</sup> (Universidade do Porto, 1955 p. 144)

<sup>317</sup> (Universidade do Porto, 1953 p. 147)

<sup>318</sup> (Universidade do Porto, 1954 p. 139)

<sup>319</sup> (Universidade do Porto, 1955 p. 132)

<sup>320</sup> (Universidade do Porto, 1953 p. 147)



“Nomeado vogal efectivo do Conselho Ultramarino na vaga resultante da exoneração... do vogal... Vasco Lopes Alves” (por decreto nº 9 de 12 de Janeiro de 1953)<sup>321</sup>

Sub-Secção – Membro do Centro de Estudos de Etnologia do Ultramar (1954-?)  
Investigador do Centro de Estudos de Etnologia do Ultramar desde 1954<sup>322</sup>

Sub-Secção – Membro da Comissão Nacional para as comemorações do V centenário da morte do Infante D. Henrique (01/07/1954-?)  
“Nomeado vogal da Comissão Nacional encarregada de promover as comemorações do V centenário da morte do Infante D. Henrique” (por decreto nº 153, de 1 de Julho de 1954)<sup>323</sup>

Sub-Secção – Membro da Junta de Educação Nacional (10/08/1955-?)  
“Nomeado vogal da 4ª Secção (Ensino Superior) da Junta de Educação Nacional (por decreto nº 185 de 10 de Agosto de 1955)<sup>324</sup>

Sub-Secção – Vice-presidente da Comissão Nacional de Estatística Demográfica-Sanitária (22/10/1955-?)  
“Nomeado vice-presidente da Comissão Nacional de Estatística Demográfica-Sanitária (por decreto nº 246, de 22 de Outubro de 1955)<sup>325</sup>

Sub-Secção – Membro da Comissão Nacional para as comemorações do Centenário de Mouzinho de Albuquerque (25/10/1955-?)  
“Nomeado para fazer parte da Comissão Nacional para as comemorações do Centenário de Mouzinho de Albuquerque” (por decreto de nº 248, de 25 de Outubro de 1955)<sup>326</sup>

---

<sup>321</sup> (Universidade do Porto, 1954 p. 139)

<sup>322</sup> (Ministério do Ultramar, 1958 p. 550)

<sup>323</sup> (Universidade do Porto, 1955 p. 132)

<sup>324</sup> (Universidade do Porto, 1955 p. 144)

<sup>325</sup> (Universidade do Porto, 1956 p. 155)

<sup>326</sup> (Universidade do Porto, 1956 p. 155)

## **6 – Experiências, Estratégias e Desafios: Perspectivando o Futuro**

Consideramos relevantíssimo, que o último capítulo deste relatório de estágio contemplasse **1) um relato de experiências** que certamente serão úteis ao futuro desenvolvimento de outros empreendimentos arquivísticos **2) uma reflexão acerca das dificuldades com que nos deparamos na realização deste projecto arquivístico e das estratégias que foram assumidas para ultrapassá-los** **3) uma observação ao conjunto de desafios** que futuramente se colocam ao Arquivo do Instituto de Antropologia, perspectivando-o no aglomerado de sistemas de Informação que constituem a Universidade do Porto.

Certamente, no ponto 1, que se deverá ter em conta, que realizar todas as tarefas de investigação, descrição e organização arquivística e preservação documental é uma tarefa colossal, razão pela qual não pode deixar de ser explicado neste relato de experiências, que cremos que nenhuma de todas foi realizada com perfeição. Com vontade sim, com excelência sim, mas é natural que existam ainda muitos pontos de trabalho futuro relativo ao fundo Mendes Correia da BFCUP, nomeadamente no que se refere à sua descrição exaustiva.

Deve ser referido, como parte do ponto 2, que as adversidades colocadas na reconstituição do percurso de posse administrativa da documentação referente a este fundo, da sua movimentação entre Instituições da UP, dos diversos responsáveis pela sua salvaguarda nos variados momentos, muitíssimo dificultadas pela inexistência de textos memorialísticos que registassem estas mudanças, pela não prática da constituição de inventários antes de qualquer alteração de espaços de depósito, muito obstaram a que se pudesse ter uma ideia global da totalidade da documentação que fazia parte destes dois sistemas de informação. Para ultrapassar esta questão, aplicamos duas estratégias **a) conduzirmos dois inquéritos verbais às duas responsáveis quer da BFCUP, quer do MHNCUP (respectivamente, a Dr<sup>a</sup> Célia Cruz e a Dr<sup>a</sup> Rita Gaspar), acerca da memória que tinham do percurso da documentação que tinham a seu encargo (do Arquivo Professor Mendes Correia no primeiro caso, e do Arquivo do MHNCUP – aqui com**

foco na documentação que se vislumbresse pertencer ao subsistema SIP Professor Mendes Correia ou ao SII Instituto de Antropologia). Algo que se pode apontar como lacuna, foi a não realização do mesmo inquérito, a antecessores de cargo das referidas senhoras. **b)** não descartamos a possibilidade de parte da documentação do sistema e subsistema de informação ter sido, transferida para outros espaços fora da UP, sendo que também tomámos diligências para perceber se isso teria acontecido (foi a esse propósito que visitámos o Arquivo da SPAE, como já explicamos) **c)** a terceira opção, em conjugação com as anteriores, teria sido a de utilizar publicações oficiais para esta reconstituição. Só conhecemos a “Lista De Trabalhos Do Instituto De Antropologia 1913-1969”<sup>327</sup>, cujo conteúdo não versa senão a publicação de artigos científicos do Instituto e não do seu arquivo. Poderia também ser vista a publicação “Anais Das Bibliotecas E Arquivos De Portugal”<sup>328</sup>, em busca do arquivo do Instituto, o que não foi feito.

Como parte do ponto 3, um dos primeiros desafios que se antecipa ao Arquivo Mendes Correia da BFCUP, envolverá uma reflexão acerca da séria necessidade de descrever toda a documentação a um nível descritivo mais detalhado (porque não se foi além do recenseamento); sobretudo para a correspondência, era muito importante que se conseguisse chegar ao documento (fosse ele composto ou não). Isto, terá de ser necessariamente feito, com base em um estudo orgânico-funcional e histórico-contextual prévio; acreditamos que este nosso relatório de estágio lança claramente sólidas bases para esse objectivo. Tendo também em conta a especificidade documental, e o trabalho por nós já desenvolvido, era absolutamente salutar que fosse desenvolvido por alguém que já tivesse tido contacto prévio com a documentação, para que a lógica de trabalho já utilizada, pudesse continuar a ser seguida (quiçá na perseguição de um futuro grau em estudos superiores, como o doutoramento).

A visibilidade que este projecto conferiu ao Arquivo do Professor Mendes Correia, que com a publicação deste relatório de estágio, se torna manifesto ao mundo académico e não só, só poderá manter-se e ser incrementada através de um conjunto de instrumentos de valorização e publicitação. Neste âmbito, a realização de acções de

---

<sup>327</sup> (Instituto de Antropologia, 1971)

<sup>328</sup> (Inspeção das Bibliotecas Eruditas e Arquivos, 1914-1958)

divulgação/exposição por parte da entidade detentora, a organização de colóquios científicos em torno da temática, a publicação de artigos científicos com base no conteúdo informacional, o encetar de celebrações da memória colectiva do Instituto de Antropologia e do Professor Mendes Correia ou ainda a valorização de trabalhos académicos de alunos em torno da temática (em contexto de determinadas unidades curriculares da FCUP), são em muito encorajadas e por nós propostas para atingir o fim da publicitação.

Enquanto a BFCUP e o seu acervo bibliográfico permanecem relativamente bem conhecidos, sendo afirmado o valor do seu acervo, o seu arquivo permanece relativamente desconhecido. Sem catálogo online, é praticamente impossível saber-se que a BFCUP dispõe de fundos arquivísticos muito relevantes para a História da Ciência, de académicos e instituições que não apenas este que estudámos, que requeriam uma política e recursos humanos dedicados à sua elaboração. Na lógica do utilizador, de nada lhe serve saber que alguma informação existe, senão poder perceber onde e como a pode procurar, para que lhe seja dado acesso a ela. Creio que um esforço por parte da BFCUP para integrar no catálogo da Biblioteca esta documentação, ainda que apenas de forma mais sumária, seria um primeiro passo muitíssimo importante a tomar. O ideal seria dispor de software de arquivo próprio para a descrição de todo o seu acervo documental não bibliográfico, embora compreendamos que isso não possa ser possível de momento.

Quanto a medidas de preservação documental e da informação, a nossa proposta não recai apenas nas habituais medidas paliativas (aquelas que se referem à preservação do suporte, condições do depósito, etc), também entraremos nesse âmbito, todavia queríamos propor algo mais ousado. Porque não publicar, ainda que em poucos volumes – por causa do custo, ou até apenas online – uma selecção de textos de correspondência do Instituto de Antropologia ou até do Professor Mendes Correia, respeitadas todas as regras de transcrição e divulgação e todas as reservas de privacidade que são exigíveis. Assim, não só daríamos um forte impulso à preservação informacional, como ajudaríamos à divulgação do restante arquivo e ao seu estudo por investigadores. Também gostaríamos de deixar a indicação de que a documentação permanecerá toda junta, no mesmo armário (na sala da Biblioteca), onde pudemos ter o primeiro contacto

com a documentação – ou seja, garantir que todo o sistema permanece unido.

Relativamente a medidas de acesso à informação, a indicação do que deve ou não ser acessível, contanto que sejam salvaguardadas as indicações sobre a informação de cariz mais sensível e pessoal de Mendes Correia (que demos no capítulo do recenseamento), ficará a cargo dos serviços da Biblioteca.

## 7 – Conclusão

Espera-se de uma conclusão, que consiga congregar em si um conjunto de respostas; fundamentalmente, pede-se que consiga explicar, ponto a ponto, se e como foram atingidos os diversos objectivos estabelecidos à priori (como podemos constatar no ponto 1.2 deste relatório). Todavia, não podem descartar-se outras conclusões dignas de sublinhado, que ainda que não tanto orientadas a cumprir objectivos, constituíram a base de ganhos significativos para este projecto arquivístico, histórico e patrimonial.

Mais do que qualquer outro, o primeiro grande intuito, era ter-se a possibilidade de reconstituir o Sistema de Informação associado ao chamado Arquivo Professor Mendes Correia. Chegámos à conclusão, que a documentação contida neste arquivo, era representativa não de um, mas de dois sistemas de informação (posição cuja defesa apresentamos no ponto 2.2). Como já definido anteriormente, uma parte da informação dizia respeito a um SIP – não estritamente pessoal, mas reflectindo relações familiares e outras de natureza pessoal de Mendes Correia (com o seu advogado, com o caseiro de uma propriedade sua, etc.) – enquanto a restante, reflectia claramente um SII, o do Instituto de Antropologia Professor Mendes Correia (última designação oficial pela qual ficou conhecido). Explicamos também porque tomámos uma opção em que se chegasse a um sistema híbrido (entre institucional e pessoal), em que existisse a eventualidade de o SIP se tornar um subsistema do SII, posição que defendemos e também já fundamentamos.

Priorizaram-se medidas de higienização da documentação, elementos de preservação do suporte documental como a limpeza de poeiras, retirada de elementos metálicos, colocação em capilhas de papel acid-free e caixas acid-free também. A este nível, concluímos que nada mais deveria ser feito. Quanto a medidas de preservação, o fundo Mendes Correia ficou depositado no mesmo armário onde principiamos o contacto com o dito fundo (na sala da Biblioteca) – um local seco, sem luz e que é arejado de tempos a tempos (é nesta sala que se encontram parte dos livros do fundo antigo e também os seus armários são arejados de tempos a tempos).

Cremos que com este trabalho demos um enorme contributo para a preservação documental deste espólio, para o seu conhecimento, e que isso deve ser encarado como um mérito do trabalho. Conseguimos também, demonstrar qual era o seu conteúdo, através do recenseamento, mas propomos que se aposte numa descrição aprofundada do fundo. Não foi possível disponibilizar a descrição arquivística online, mas cremos que foi feito um enorme esforço de contextualização histórica, da história da ciência antropológica e dos seus agentes, da recriação dos dois sistemas de informação, da antecipação da informação de arquivo, e de proposta dos passos a seguir para valorizar este fundo, que cremos ter atingido a maior parte dos objectivos a que nos propusemos inicialmente.

## Referências

- Academia das Ciências de Lisboa. 1992.** *História e Desenvolvimento da Ciência em Portugal no Século XX: 2º Colóquio Sobre História e Desenvolvimento da Ciência em Portugal*. Lisboa : Academia das Ciências de Lisboa, 1992. Peixoto J. Pinto [coord.].
- Almeida, Tiago de. 1910.** *Anuário da Escola Médico-Cirúrgica do Porto*. Porto : Escola Médico-Cirúrgica do Porto, 1910. Vol. IV.p. 361.
- . **1909.** *Anuário da Escola Médico-Cirúrgica do Porto*. Porto : Escola Médico-Cirúrgica do Porto, 1909. Vol. III.p. 375.
- . **1908.** *Anuário da Escola Médico-Cirúrgica do Porto*. Porto : Escola Médico-Cirúrgica do Porto, 1908. Vol. II.p. 375.
- . **1907.** *Anuário da Escola Médico-Cirúrgica do Porto*. Porto : Escola Médico-Cirúrgica do Porto, 1907. Vol. I.p. 295.
- Bastos, Teixeira. 1911.** *Anuário da Faculdade de Medicina do Porto*. Porto : Faculdade de Medicina do Porto, 1911. Vol. V.p. 384.
- Beadnell, Charles Marsh. 1945.** *Dicionário de Termos Científicos: Tal como são usados nas diferentes Ciências*. Lisboa : Livraria Sá da Costa, 1945.
- Correia, António Augusto Esteves Mendes. 1941.** *A Escola Antropológica Portuguesa*. Lisboa : Instituto de Antropologia da Universidade do Porto, 1941. p. 60.
- Cunha, Alberto Xavier da. 1986.** *A Antropologia Física Em Portugal Até Aos Fins Do Século XIX*. Lisboa : Academia das Ciências de Lisboa, 1986.
- Destruída pelo fogo parte da Universidade do Porto. Redacção do Diário de Notícias. 1974.* Lisboa : Diário de Notícias, 21 de Abril de 1974, Vol. 38834, pp. 1-28.
- Dicionário Priberam da Língua Portuguesa. 2017.** *Craniometria. Dicionário Priberam da Língua Portuguesa*. [Online] Priberam Informática, 2017. [Citação: 14 de Fevereiro de 2017.] <http://dicionario.priberam.org/craniometria>.
- . **2017.** *Fisiologia. Dicionário Priberam da Língua Portuguesa*. [Online] Priberam Informática, 2017. [Citação: 14 de Fevereiro de 2017.] <http://dicionario.priberam.org/fisiologia>.
- . **2017.** *Osteologia. Dicionário Priberam da Língua Portuguesa*. [Online] Priberam Informática, 2017. [Citação: 14 de Fevereiro de 2017.] <http://dicionario.priberam.org/osteologia>.
- Duarte, Zeny. 2006-2007.** Arquivo e arquivista: conceituação e perfil profissional. [autor do livro] Faculdade de Letras da Universidade do Porto. *Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto: Ciências e Técnicas do Património*. Porto : Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2006-2007, Vols. V-VI, pp. 141-151.
- Faculdade de Ciências da UP.** Biblioteca da FCUP. *Sigarra Faculdade de Ciências da UP*. [Online] Faculdade de Ciências da UP. [Citação: 16 de Agosto de 2018.] [https://sigarra.up.pt/fcup/pt/uni\\_geral.unidade\\_view?pv\\_unidade=109](https://sigarra.up.pt/fcup/pt/uni_geral.unidade_view?pv_unidade=109).
- . Departamento de Biologia. *Sigarra Faculdade de Ciências da UP*. [Online] Faculdade de Ciências da UP. [Citação: 16 de Agosto de 2018.] [https://sigarra.up.pt/fcup/pt/uni\\_geral.unidade\\_view?pv\\_unidade=88](https://sigarra.up.pt/fcup/pt/uni_geral.unidade_view?pv_unidade=88).
- . Homenagem a Rogério Nunes | NCR 4100 | 50 anos. *Sigarra Faculdade de Ciências da UP*. [Online] Faculdade de Ciências da UP. [Citação: 16 de Agosto de 2018.] [https://sigarra.up.pt/fcup/pt/noticias\\_geral.ver\\_noticia?p\\_nr=30572](https://sigarra.up.pt/fcup/pt/noticias_geral.ver_noticia?p_nr=30572).



**Haddon, Alfred Cort. 1945.** *History of Anthropology*. London : Watts, 1945.

**Inspecção das Bibliotecas Eruditas e Arquivos. 1914-1958.** *Anais Das Bibliotecas E Arquivos De Portugal*. Coimbra : Imprensa da Universidade de Coimbra, 1914-1958.

**Instituto de Antropologia da Universidade do Porto. 1934.** *O Instituto de Antropologia da Universidade do Porto e a investigação científica colonial*. Porto : Imprensa Portuguesa, 1934.

**Instituto de Antropologia. 1971.** *Lista De Trabalhos Do Instituto De Antropologia 1913-1969*. Porto : Universidade do Porto, 1971.

**Instituto Nacional de Estatística. 1958-1959.** *Revista do Centro de Estudos Demográficos*. Lisboa : Instituto Nacional de Estatística, 1958-1959. Vol. 11.p. 230.

—. **1956-1957.** *Revista do Centro de Estudos Demográficos*. Lisboa : Instituto Nacional de Estatística, 1956-1957. Vol. 10.p. 233.

—. **1954-1955.** *Revista do Centro de Estudos Demográficos*. Lisboa : Instituto Nacional de Estatística, 1954-1955. Vol. 9.p. 262.

—. **1950-1951.** *Revista do Centro de Estudos Demográficos*. Lisboa : Instituto Nacional de Estatística, 1950-1951. Vol. 7.p. 171.

—. **1948.** *Revista do Centro de Estudos Demográficos*. Lisboa : Instituto Nacional de Estatística, 1948. Vol. 5.p. 203.

—. **1946.** *Revista do Centro de Estudos Demográficos*. Lisboa : Instituto Nacional de Estatística, 1946. Vol. 3.p. 147.

—. **1945.** *Revista do Centro de Estudos Demográficos*. Lisboa : Instituto Nacional de Estatística, 1945. Vol. 1.p. 145.

**Júnior, Joaquim Rodrigues dos Santos. 1982.** *A Sociedade Portuguesa de Antropologia e o Instituto de Antropologia da Faculdade de Ciências da Universidade do Porto*. Porto : Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia, 1982. pp. 189-209.

**Júnior, Joaquim Rodrigues dos Santos. 1969.** *O Professor Mendes Correia, Fundador e 2º Presidente Da Sociedade Portuguesa De Antropologia E Etnologia*. Porto : Imprensa Portuguesa, 1969.

**Magalhães, Hugo de. 1942.** *Bibliografia do Professor Mendes Corrêa (1909-1942)*. Porto : Imprensa Portuguesa, 1942.

**Matos, Patrícia Ferraz de . 2012.** *Mendes Correia e a Escola de Antropologia do Porto:contribuição para o estudo das relações entre antropologia, nacionalismo e colonialismo:(de finais do século XIX aos finais da década de 50 do século XX)*. Lisboa : Universidade de Lisboa, Instituto de Ciências Sociais, 2012.

**Matos, Patrícia Ferraz de. 2016.** De quem falamos quando nos referimos a Mendes Correia (1888-1960)? - Parte 1. *Youtube*. [Online] Jorge, Vitor Oliveira, 7 de Março de 2016. [Citação: 30 de Setembro de 2018.] <https://www.youtube.com/watch?v=Wp1njLBcVso>.

**Matos, Patrícia Ferraz de. 2016.** De quem falamos quando nos referimos a Mendes Correia (1888-1960)? - Parte 2. *Youtube*. [Online] Jorge, Vitor Oliveira, 7 de Março de 2016. [Citação: 30 de Setembro de 2018.] <https://www.youtube.com/watch?v=3ND6RUDvISU> .

**Mercier, Paul. 1986.** *História da Antropologia*. Lisboa : Teorema, 1986.

**Ministério da Educação e Cultura.** Decreto do Governo N.º 16/86 de 26 de Novembro. *Diário da República Electrónico*. [Online] Imprensa Nacional Casa da Moeda. [Citação: 30 de Agosto de 2018.] <https://dre.pt/application/conteudo/221373>.

**Ministério do Ultramar. 1958.** *Garcia de Orta: Revista da Junta das Missões Geográficas e de Investigação do Ultramar*. Lisboa : Junta das Missões Geográficas e de Investigação do Ultramar, 1958. Vol. 6 (3).pp. 425-580.

**Monteiro, Hernâni Bastos. 1960.** *Professor Doutor A. A. Mendes Corrêa*. Porto : Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia, 1960.

**Museu de História Natural e da Ciência da UP.** Museu de História Natural e da Ciência da UP. *MHNC-UP*. [Online] Universidade do Porto. [Citação: 16 de Agosto de 2018.] <https://mhnc.up.pt/polo-central/>.

**Oliveira, Ernesto Veiga de. 1968.** *Vinte anos de investigação etnológica do Centro de Estudos de Etnologia Peninsular*. Lisboa : Instituto de Alta Cultura, 1968. pp. 1-77.

**Paço, Afonso do. 1932.** *XV Congresso Internacional De Antropologia E Arqueologia Prehistórica : V Sessão Do Instituto Internacional De Antropologia (Paris 1931)*. Lisboa : s.n., 1932.

**Pimentel, Irene Flunser. 1999 (2º-3º).** A assistência social e familiar do Estado Novo nos anos 30 e 40. [autor do livro] Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa. *Análise Social*. 1999 (2º-3º), Vols. XXXIV (151-152), pp. 477-508.

**Ribeiro, Fernanda. 2000.** *O património documental : da memória das instituições à memória da nação*. Porto : Biblioteca Pública Municipal do Porto, 2000.

—. **2001.** *Universidade do Porto : estudo orgânico-funcional : modelo de análise para fundamentar o conhecimento do Sistema de Informação Arquivo*. Porto : Reitoria da Universidade do Porto, 2001. pp. 1-693. 972-8025-12-2.

**Rodrigues, Liliana Patrícia Novais. 2016.** A importância do estudo, organização e disponibilização de arquivos de cientistas para a história do ambiente : o Arquivo Rui Serpa Pinto do Museu de História Natural da Universidade do Porto. [autor do livro] Espaço e Memória Centro de Investigação Transdisciplinar Cultura. *CEM Cultura, Espaço & Memória : revista do CITCEM*. Porto : Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2016, Vol. 7.

**Santos, Lina. 2018.** Palácio reabre com exposição sobre ciência e expansão. *Diário de Notícias*. [Online] Global Media Group, 6 de Fevereiro de 2018. [Citação: 29 de Setembro de 2018.] <https://www.dn.pt/artes/interior/palacio-reabre-com-exposicao-sobre-ciencia-e-expansao-9099180.html>.

**Silva, Armando B. Malheiro da. 2004.** Arquivos familiares e pessoais: bases científicas para aplicação do modelo sistémico e interactivo. *Revista da Faculdade de Letras: Ciências e Técnicas do Património*. Porto : Universidade do Porto. Faculdade de Letras, 2004, Vol. III, pp. 55-84.

**Sociedade de Geografia de Lisboa. 1952.** *Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa*. Lisboa : Sociedade de Geografia de Lisboa, 1952.

—. **1940.** *Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa*. Lisboa : Sociedade de Geografia de Lisboa, 1940.

**Teixeira, Carlos. 1964.** *Elogio Histórico De A.A. Mendes Correia*. Lisboa : Academia das Ciências de Lisboa, 1964.

**Universidade Digital da UP. 2016.** Antigos Estudantes Ilustres da Universidade do Porto - Rui de Serpa Pinto. *Sigarra Universidade do Porto*. [Online] Universidade do

Porto, 6 de Julho de 2016. [Citação: 17 de Agosto de 2018.]

[https://sigarra.up.pt/up/pt/web\\_base.gera\\_pagina?p\\_pagina=antigos%20estudantes%20ilustres%20-%20rui%20de%20serpa%20pinto](https://sigarra.up.pt/up/pt/web_base.gera_pagina?p_pagina=antigos%20estudantes%20ilustres%20-%20rui%20de%20serpa%20pinto).

**Universidade do Porto. 1918.** *Anuário da Faculdade de Ciências da Universidade do Porto*. Porto : Tipografia da Enciclopédia Portuguesa, 1918. pp. 1-319.

—. **1915.** *Anuário da Faculdade de Ciências da Universidade do Porto*. Coimbra : Imprensa da Universidade, 1915. pp. 1-477.

—. **1948.** *Anuário da Universidade do Porto*. Porto : Tipografia e Encadernação Domingos de Oliveira, 1948. pp. 1-247.

—. **1949.** *Anuário da Universidade do Porto: Ano Escolar de 1947-1948*. Porto : Tipografia Porto Médico, 1949. pp. 1-278.

—. **1950.** *Anuário da Universidade do Porto: Ano Escolar de 1948-1949*. Porto : Tipografia e Encadernação Domingos Oliveira, 1950. pp. 1-298.

—. **1951.** *Anuário da Universidade do Porto: Ano Escolar de 1949-1950*. Porto : Tipografia e Encadernação Domingos de Oliveira, 1951. p. 302.

—. **1952.** *Anuário da Universidade do Porto: Ano Escolar de 1950-1951*. Porto : Tipografia e Encadernação Domingos de Oliveira, 1952. pp. 1-418.

—. **1953.** *Anuário da Universidade do Porto: Ano Escolar de 1951-1952*. Porto : Tipografia e Encadernação Domingos de Oliveira, 1953. pp. 1-320.

—. **1954.** *Anuário da Universidade do Porto: Ano Escolar de 1952-1953*. Porto : Tipografia e Encadernação Domingos Oliveira, 1954. pp. 1-311.

—. **1955.** *Anuário da Universidade do Porto: Ano Escolar de 1953-1954*. Porto : Tipografia e Encadernação de Domingos Oliveira, 1955. pp. 1-306.

—. **1955.** *Anuário da Universidade do Porto: Ano Escolar de 1954-1955*. Porto : Tipografia e Encadernação Domingos de Oliveira, 1955. pp. 1-358.

—. **1956.** *Anuário da Universidade do Porto: Ano Escolar de 1955-1956*. Porto : Tipografia e Encadernação Domingos de Oliveira, 1956. pp. 1-325.

—. **1957.** *Anuário da Universidade do Porto: Ano Escolar de 1956-1957*. Porto : Tipografia e Encadernação Domingos de Oliveira, 1957. pp. 1-328.

—. **1958.** *Anuário da Universidade do Porto: Ano Escolar de 1957-1958*. Porto : Tipografia e Encadernação de Domingos Oliveira, 1958. pp. 1-364.

—. **1959.** *Anuário da Universidade do Porto: Ano escolar de 1958-1959*. Porto : Tipografia e Encadernção Domingos de Oliveira, 1959. pp. 1-351.

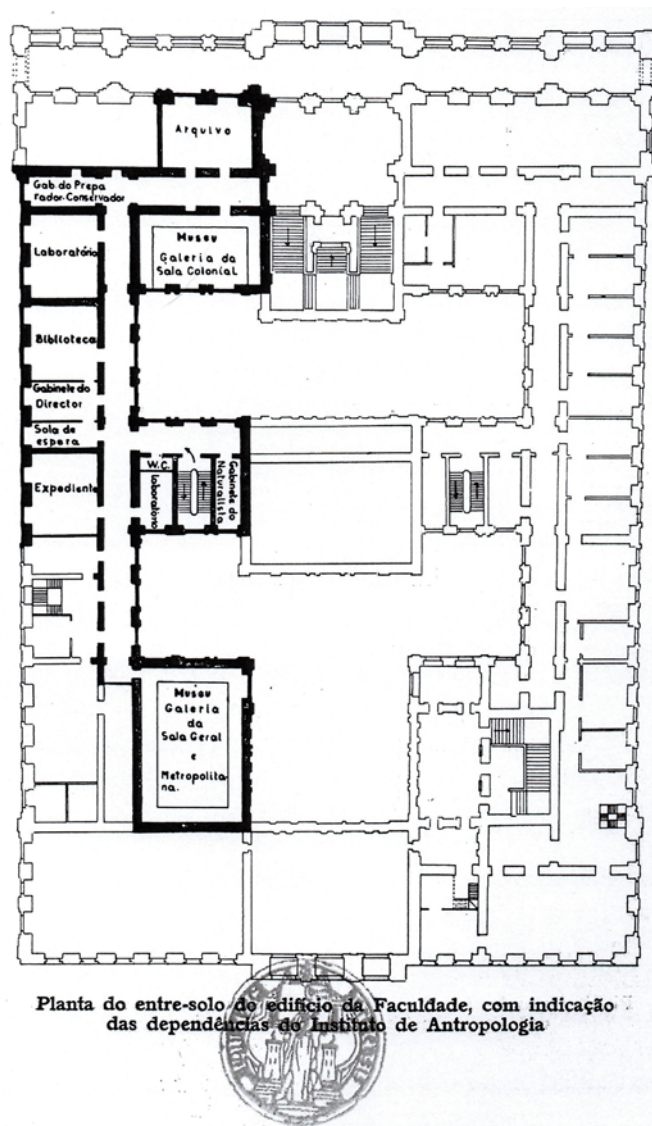
—. **2016.** Memória U. Porto. [Online] 20 de Junho de 2016. [Citação: 2 de Março de 2017.]

[https://sigarra.up.pt/up/pt/web\\_base.gera\\_pagina?p\\_pagina=docentes%20e%20estudantes%20da%20primeira%20flup%20-%20ant%C3%B3nio%20mendes%20correia](https://sigarra.up.pt/up/pt/web_base.gera_pagina?p_pagina=docentes%20e%20estudantes%20da%20primeira%20flup%20-%20ant%C3%B3nio%20mendes%20correia).

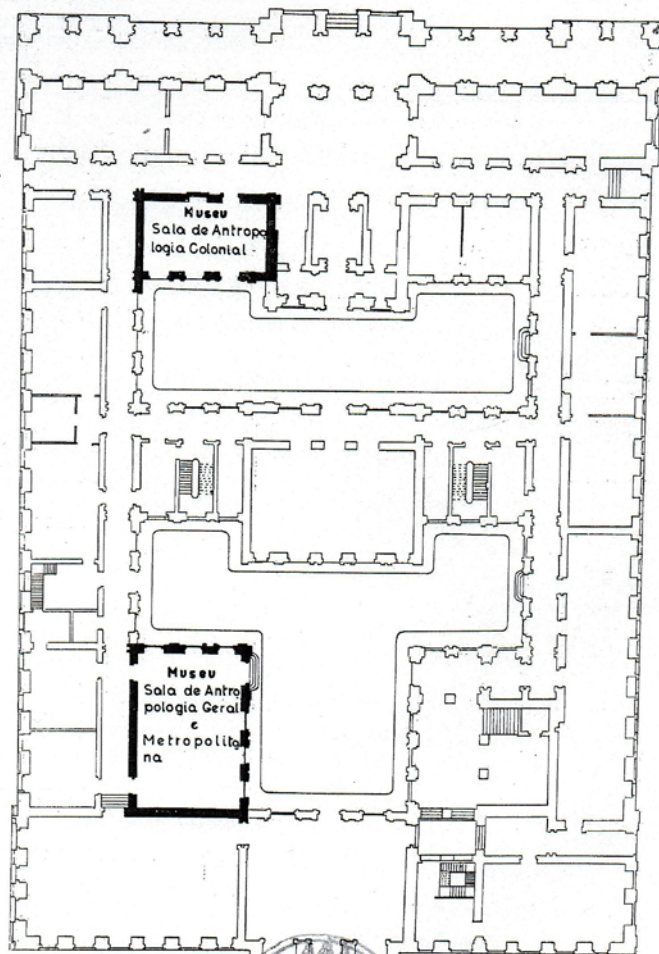
—. **2013.** *Os Presidentes Da Câmara Municipal Do Porto (1822-2013)*. Porto : CEPES - Centro de Estudos da População, Economia e Sociedade, 2013.

## Anexos

### Anexo 1 – Ilustrações do Instituto de Antropologia (1935)<sup>329</sup>



<sup>329</sup> (Correia, 1941 p. 60)



Planta do andar térreo do edifício da Faculdade, com indicação das dependências do Instituto de Antropologia.



## **Anexo 2 – Bibliografia ativa do Professor Mendes**

### A Águia (1916-1926)

Nº de Ordem	Título	Série	Ano	Meses	Volume	Número	Páginas
1	A Crise da antroposociologia <sup>330</sup>	2ª Série	1916	Abril a Junho	IX	52-54	190-197
2	Os Berberes e os povos peninsulares I <sup>331</sup>	2ª Série	1916	Agosto-Setembro	X	56-57	94-104
3	Os Berberes e os povos peninsulares II <sup>332</sup>	2ª Série	1916	Outubro a Dezembro	X	58-60	169-177
4	O Valor social do português <sup>333</sup>	2ª Série	1919	Janeiro a Março	XV	85-87	63-72
5	Antropologia d'Espanha <sup>334</sup>	2ª Série	1919	Julho a Setembro	XVI	91-93	78-83
6	As Novas ideias sobre a evolução <sup>335</sup>	2ª Série	1920	Março-Abril	XVII	99-100	97-103
7	Einstein e a evolução orgânica <sup>336</sup>	3ª Série	1923	Janeiro	II	7	26-33

<sup>330</sup> Artigo Disponível para consulta no site do Seminário Livre de História das Ideias. Disponível em [http://ric.slhi.pt/A\\_Aguia/visualizador/?id=09613.010.004&pag=94](http://ric.slhi.pt/A_Aguia/visualizador/?id=09613.010.004&pag=94). Consultado a 03-04-2018.

<sup>331</sup> Artigo Disponível para consulta no site do Seminário Livre de História das Ideias. Disponível em [http://ric.slhi.pt/A\\_Aguia/visualizador/?id=09613.011.002&pag=68](http://ric.slhi.pt/A_Aguia/visualizador/?id=09613.011.002&pag=68). Consultado a 03-04-2018.

<sup>332</sup> Artigo Disponível para consulta no site do Seminário Livre de História das Ideias. Disponível em [http://ric.slhi.pt/A\\_Aguia/visualizador/?id=09613.011.003&pag=75](http://ric.slhi.pt/A_Aguia/visualizador/?id=09613.011.003&pag=75). Consultado a 03-04-2018.

<sup>333</sup> Artigo Disponível para consulta no site do Seminário Livre de História das Ideias. Disponível em [http://ric.slhi.pt/A\\_Aguia/visualizador/?id=09613.016.001&pag=71](http://ric.slhi.pt/A_Aguia/visualizador/?id=09613.016.001&pag=71). Consultado a 03-04-2018.

<sup>334</sup> Artigo Disponível para consulta no site do Seminário Livre de História das Ideias. Disponível em [http://ric.slhi.pt/A\\_Aguia/visualizador/?id=09613.017.001&pag=86](http://ric.slhi.pt/A_Aguia/visualizador/?id=09613.017.001&pag=86). Consultado a 03-04-2018.

<sup>335</sup> Artigo Disponível para consulta no site do Seminário Livre de História das Ideias. Disponível em [http://ric.slhi.pt/A\\_Aguia/visualizador/?id=09613.020.001&pag=25](http://ric.slhi.pt/A_Aguia/visualizador/?id=09613.020.001&pag=25). Consultado a 03-04-2018.

<sup>336</sup> Artigo Disponível para consulta no site do Seminário Livre de História das Ideias. Disponível em [http://ric.slhi.pt/A\\_Aguia/visualizador/?id=09613.028.007&pag=30](http://ric.slhi.pt/A_Aguia/visualizador/?id=09613.028.007&pag=30). Consultado a 03-04-2018.

Nº de Ordem	Título	Série	Ano	Meses	Volume	Número	Páginas
8	Ora Marítima <sup>337</sup>	3ª Série	1923	Setembro- Outubro	III	15-16	136- 145
9	Uma Invasão Pré-Histórica na Península Ibérica (Os Capsienses) <sup>338</sup>	3ª Série	1924	Janeiro-Fevereiro	IV	19-20	19-32
10	Ideologia do Século XX <sup>339</sup>	3ª Série	1924	Outubro a Dezembro	V	28-30	118- 122
11	As tentativas de definição bioquímica da raça e do indivíduo <sup>340</sup>	3ª Série	1926	Janeiro a Junho	VIII	43-48	5-17
12	Pré-História no distrito do Porto. O Petroglifo do Guerreiro no Castro Pré-Romano do Reguengo <sup>341</sup>	3ª Série	1926	Janeiro a Junho	VIII	43-48	56-58

<sup>337</sup> Artigo Disponível para consulta no site do Seminário Livre de História das Ideias. Disponível em [http://ric.slhi.pt/A\\_Aguia/visualizador/?id=09613.043.002&pag=50](http://ric.slhi.pt/A_Aguia/visualizador/?id=09613.043.002&pag=50). Consultado a 03-04-2018.

<sup>338</sup> Artigo Disponível para consulta no site do Seminário Livre de História das Ideias. Disponível em [http://ric.slhi.pt/A\\_Aguia/visualizador/?id=09613.043.004&pag=21](http://ric.slhi.pt/A_Aguia/visualizador/?id=09613.043.004&pag=21). Consultado a 03-04-2018.

<sup>339</sup> Artigo Disponível para consulta no site do Seminário Livre de História das Ideias. Disponível em [http://ric.slhi.pt/A\\_Aguia/visualizador/?id=09613.029.002&pag=26](http://ric.slhi.pt/A_Aguia/visualizador/?id=09613.029.002&pag=26). Consultado a 03-04-2018.

<sup>340</sup> Artigo Disponível para consulta no site do Seminário Livre de História das Ideias. Disponível em [http://ric.slhi.pt/A\\_Aguia/visualizador/?id=09613.029.011&pag=5](http://ric.slhi.pt/A_Aguia/visualizador/?id=09613.029.011&pag=5). Consultado a 03-04-2018.

<sup>341</sup> Artigo Disponível para consulta no site do Seminário Livre de História das Ideias. Disponível em [http://ric.slhi.pt/A\\_Aguia/visualizador/?id=09613.029.011&pag=58](http://ric.slhi.pt/A_Aguia/visualizador/?id=09613.029.011&pag=58). Consultado a 03-04-2018.



**American Journal of Physical Anthropology (1919-1926)**

Nº de Ordem	Título	Ano	Meses	Volume	Fascículo	Páginas
1	Origins of the portuguese <sup>342</sup>	1919	Abril a Junho	2	2	117-145
2	Tertiary Man in Portugal (Correspondence and Notes) <sup>343</sup>	1926	Janeiro a Março	9	1	136-144

---

<sup>342</sup> <http://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1002/ajpa.1330020216/full>

<sup>343</sup> <http://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1002/ajpa.1330090118/full>

### Anais Científicos da Academia Politécnica do Porto (1912-1920)

Nº de Ordem	Título	Ano	Volume	Páginas
1	O índice cefálico nos criminosos portugueses <sup>344</sup>	1912	7	214-218
2	Sobre um crânio ultradolicocéfalo <sup>345</sup>	1915	10	37-39
3	Contribuição para o estudo antropológico da população da Beira Alta <sup>346</sup>	1915	10	77-115
4	A perfuração da fosseta olecraniana nos húmeros portugueses <sup>347</sup>	1915	10	161-162
5	Ensaio de uma classificação natural dos hominídeos actuais <sup>348</sup>	1915	10	163-169
6	Timorenses de Okussi e Ambeno (Notas antropológicas sobre observações de Fonseca Cardoso) <sup>349</sup>	1916	11	36-51
7	Sobre a abertura nasal no crânio dos mamíferos <sup>350</sup>	1916	11	154-184
8	Sobre a abertura nasal no crânio dos mamíferos (continuação) <sup>351</sup>	1916	11	224-253
9	Sobre o índice nasal na Beira Alta e um crânio desarmónico beirão <sup>352</sup>	1917	12	30-46
10	Osteometria portuguesa (I. Coluna Vertebral) <sup>353</sup>	1917	12	225-254

<sup>344</sup> [https://www.fc.up.pt/fa/index.php?p=nav&f=books.0148.W\\_0148\\_000109#faimg](https://www.fc.up.pt/fa/index.php?p=nav&f=books.0148.W_0148_000109#faimg)

<sup>345</sup> [https://www.fc.up.pt/fa/index.php?p=nav&f=books.0151.W\\_0151\\_000021#faimg](https://www.fc.up.pt/fa/index.php?p=nav&f=books.0151.W_0151_000021#faimg)

<sup>346</sup> [https://www.fc.up.pt/fa/index.php?p=nav&f=books.0151.W\\_0151\\_000041#faimg](https://www.fc.up.pt/fa/index.php?p=nav&f=books.0151.W_0151_000041#faimg)

<sup>347</sup> [https://www.fc.up.pt/fa/index.php?p=nav&f=books.0151.W\\_0151\\_000084#faimg](https://www.fc.up.pt/fa/index.php?p=nav&f=books.0151.W_0151_000084#faimg)

<sup>348</sup> [https://www.fc.up.pt/fa/index.php?p=nav&f=books.0151.W\\_0151\\_000085#faimg](https://www.fc.up.pt/fa/index.php?p=nav&f=books.0151.W_0151_000085#faimg)

<sup>349</sup> [https://www.fc.up.pt/fa/index.php?p=nav&f=books.0152.W\\_0152\\_000020#faimg](https://www.fc.up.pt/fa/index.php?p=nav&f=books.0152.W_0152_000020#faimg)

<sup>350</sup> [https://www.fc.up.pt/fa/index.php?p=nav&f=books.0152.W\\_0152\\_000079#faimg](https://www.fc.up.pt/fa/index.php?p=nav&f=books.0152.W_0152_000079#faimg)

<sup>351</sup> [https://www.fc.up.pt/fa/index.php?p=nav&f=books.0152.W\\_0152\\_000114#faimg](https://www.fc.up.pt/fa/index.php?p=nav&f=books.0152.W_0152_000114#faimg)

<sup>352</sup> [https://www.fc.up.pt/fa/index.php?p=nav&f=books.0153.W\\_0153\\_000017#faimg](https://www.fc.up.pt/fa/index.php?p=nav&f=books.0153.W_0153_000017#faimg)

Nº de Ordem	Título	Ano	Volume	Páginas
11	Osteometria portuguesa (II. Cintura Escapular) <sup>354</sup>	1918	13	102-123
12	Osteometria portuguesa (continuação) <sup>355</sup>	1918	13	172-195
13	As condições físicas na formação das raças <sup>356</sup>	1918	13	226-255
14	Osteometria portuguesa (III. Cintura Pélvica) <sup>357</sup>	1920	14	56-71
15	Etnologia Ibérica (Considerações sobre as origens do povo português) <sup>358</sup>	1920	14	165-185
16	Osteometria portuguesa (IV. Esqueleto do braço e do antebraço) <sup>359</sup>	1920	14	243-253

---

<sup>353</sup> [https://www.fc.up.pt/fa/index.php?p=nav&f=books.0153.W\\_0153\\_000119#faimg](https://www.fc.up.pt/fa/index.php?p=nav&f=books.0153.W_0153_000119#faimg)

<sup>354</sup> [https://www.fc.up.pt/fa/index.php?p=nav&f=books.0154.W\\_0154\\_000054#faimg](https://www.fc.up.pt/fa/index.php?p=nav&f=books.0154.W_0154_000054#faimg)

<sup>355</sup> [https://www.fc.up.pt/fa/index.php?p=nav&f=books.0154.W\\_0154\\_000089#faimg](https://www.fc.up.pt/fa/index.php?p=nav&f=books.0154.W_0154_000089#faimg)

<sup>356</sup> [https://www.fc.up.pt/fa/index.php?p=nav&f=books.0154.W\\_0154\\_000118#faimg](https://www.fc.up.pt/fa/index.php?p=nav&f=books.0154.W_0154_000118#faimg)

<sup>357</sup> [https://www.fc.up.pt/fa/index.php?p=nav&f=books.0155.W\\_0155\\_000031#faimg](https://www.fc.up.pt/fa/index.php?p=nav&f=books.0155.W_0155_000031#faimg)

<sup>358</sup> [https://www.fc.up.pt/fa/index.php?p=nav&f=books.0155.W\\_0155\\_000086#faimg](https://www.fc.up.pt/fa/index.php?p=nav&f=books.0155.W_0155_000086#faimg)

<sup>359</sup> [https://www.fc.up.pt/fa/index.php?p=nav&f=books.0155.W\\_0155\\_000126#faimg](https://www.fc.up.pt/fa/index.php?p=nav&f=books.0155.W_0155_000126#faimg)

### Anais da Faculdade de Ciências do Porto (1927-1951)

Nº de Ordem	Título	Ano	Volume	Página
1	Osteometria portuguesa (continuação) <sup>360</sup>	1927	15	25-52
2	Aurélio da Costa Ferreira <sup>361</sup>	1927	15	53-56
3	Marquês de Cerralbo <sup>362</sup>	1927	15	57-60
4	Nouvelle hypothèse sur le peuplement primitif de l'Amérique du Sud <sup>363</sup>	1927	15	86-112
5	Le serpent, totem dans la Lusitanie proto-historique <sup>364</sup>	1927	15	185-189
6	A Geografia da Pré-historia <sup>365</sup>	1930	16	29-62
7	A Geografia da Pré-historia (continuação) <sup>366</sup>	1930	16	65-72
8	Nota sobre um crânio australiano <sup>367</sup>	1930	16	123-128
9	Os grupos sanguíneos na Genética <sup>368</sup>	1930	16	193-223
10	L'étude du criminel en Portugal <sup>369</sup>	1931	17	78-103

<sup>360</sup> [https://www.fc.up.pt/fa/index.php?p=nav&f=books.0051.W\\_0051\\_000014#faimg](https://www.fc.up.pt/fa/index.php?p=nav&f=books.0051.W_0051_000014#faimg)

<sup>361</sup> [https://www.fc.up.pt/fa/index.php?p=nav&f=books.0051.W\\_0051\\_000028#faimg](https://www.fc.up.pt/fa/index.php?p=nav&f=books.0051.W_0051_000028#faimg)

<sup>362</sup> [https://www.fc.up.pt/fa/index.php?p=nav&f=books.0051.W\\_0051\\_000030#faimg](https://www.fc.up.pt/fa/index.php?p=nav&f=books.0051.W_0051_000030#faimg)

<sup>363</sup> [https://www.fc.up.pt/fa/index.php?p=nav&f=books.0051.W\\_0051\\_000045#faimg](https://www.fc.up.pt/fa/index.php?p=nav&f=books.0051.W_0051_000045#faimg)

<sup>364</sup> [https://www.fc.up.pt/fa/index.php?p=nav&f=books.0051.W\\_0051\\_000093#faimg](https://www.fc.up.pt/fa/index.php?p=nav&f=books.0051.W_0051_000093#faimg)

<sup>365</sup> [https://www.fc.up.pt/fa/index.php?p=nav&f=books.0052.W\\_0052\\_000016#faimg](https://www.fc.up.pt/fa/index.php?p=nav&f=books.0052.W_0052_000016#faimg)

<sup>366</sup> [https://www.fc.up.pt/fa/index.php?p=nav&f=books.0052.W\\_0052\\_000034#faimg](https://www.fc.up.pt/fa/index.php?p=nav&f=books.0052.W_0052_000034#faimg)

<sup>367</sup> [https://www.fc.up.pt/fa/index.php?p=nav&f=books.0052.W\\_0052\\_000063#faimg](https://www.fc.up.pt/fa/index.php?p=nav&f=books.0052.W_0052_000063#faimg)

<sup>368</sup> [https://www.fc.up.pt/fa/index.php?p=nav&f=books.0052.W\\_0052\\_000098#faimg](https://www.fc.up.pt/fa/index.php?p=nav&f=books.0052.W_0052_000098#faimg)

<sup>369</sup> [https://www.fc.up.pt/fa/index.php?p=nav&f=books.0053.W\\_0053\\_000043#faimg](https://www.fc.up.pt/fa/index.php?p=nav&f=books.0053.W_0053_000043#faimg)

Nº de Ordem	Título	Ano	Volume	Página
11	Novos elementos para a cronologia dos concheiros de Muge <sup>370</sup>	1933	18	154-159
12	Vallaux e a geografia geral dos mares <sup>371</sup>	1933	18	225-254
13	L'Art et la Morphologie humaine <sup>372</sup>	1934	19	5-29
14	A Etnogenia Brasileira <sup>373</sup>	1934	19	129-146
15	Pré-história de Moçambique <sup>374</sup>	1935	20	155-176
16	O Centenário do Real Gabinete Português de Leitura do Rio de Janeiro <sup>375</sup>	1936	22	193-210
17	Escravos africanos em Portugal e no Brasil <sup>376</sup>	1938	23	185-191
18	Escravos africanos em Portugal e no Brasil (continuação) <sup>377</sup>	1938	23	239-254
19	Da Pré-História à História Portuguesa <sup>378</sup>	1940	25	199-207
20	Ameríndios <sup>379</sup>	1947	32	234-254
21	Investigação científica no Ultramar <sup>380</sup>	1950/1951	35	28-49

<sup>370</sup> [https://www.fc.up.pt/fa/index.php?p=nav&f=books.0054.W\\_0054\\_000080#faimg](https://www.fc.up.pt/fa/index.php?p=nav&f=books.0054.W_0054_000080#faimg)

<sup>371</sup> [https://www.fc.up.pt/fa/index.php?p=nav&f=books.0054.W\\_0054\\_000115#faimg](https://www.fc.up.pt/fa/index.php?p=nav&f=books.0054.W_0054_000115#faimg)

<sup>372</sup> [https://www.fc.up.pt/fa/index.php?p=nav&f=books.0055.W\\_0055\\_000005#faimg](https://www.fc.up.pt/fa/index.php?p=nav&f=books.0055.W_0055_000005#faimg)

<sup>373</sup> [https://www.fc.up.pt/fa/index.php?p=nav&f=books.0055.W\\_0055\\_000067#faimg](https://www.fc.up.pt/fa/index.php?p=nav&f=books.0055.W_0055_000067#faimg)

<sup>374</sup> [https://www.fc.up.pt/fa/index.php?p=nav&f=books.0056.W\\_0056\\_000083#faimg](https://www.fc.up.pt/fa/index.php?p=nav&f=books.0056.W_0056_000083#faimg)

<sup>375</sup> [https://www.fc.up.pt/fa/index.php?p=nav&f=books.0058.W\\_0058\\_000102#faimg](https://www.fc.up.pt/fa/index.php?p=nav&f=books.0058.W_0058_000102#faimg)

<sup>376</sup> [https://www.fc.up.pt/fa/index.php?p=nav&f=books.0059.W\\_0059\\_000095#faimg](https://www.fc.up.pt/fa/index.php?p=nav&f=books.0059.W_0059_000095#faimg)

<sup>377</sup> [https://www.fc.up.pt/fa/index.php?p=nav&f=books.0059.W\\_0059\\_000122#faimg](https://www.fc.up.pt/fa/index.php?p=nav&f=books.0059.W_0059_000122#faimg)

<sup>378</sup> [https://www.fc.up.pt/fa/index.php?p=nav&f=books.0061.W\\_0061\\_000109#faimg](https://www.fc.up.pt/fa/index.php?p=nav&f=books.0061.W_0061_000109#faimg)

<sup>379</sup> [https://www.fc.up.pt/fa/index.php?p=nav&f=books.0068.W\\_0068\\_000123#faimg](https://www.fc.up.pt/fa/index.php?p=nav&f=books.0068.W_0068_000123#faimg)

<sup>380</sup> [https://www.fc.up.pt/fa/index.php?p=nav&f=books.0119.W\\_0119\\_000017#faimg](https://www.fc.up.pt/fa/index.php?p=nav&f=books.0119.W_0119_000017#faimg)

**Anais Científicos da Faculdade de Medicina do Porto (1916-1918)**

<b>Nº de Ordem</b>	<b>Título</b>	<b>Ano</b>	<b>Volume</b>	<b>Número</b>	<b>Páginas</b>
1	Sobre alguns crânios da Índia Portuguesa	1916- 1917	III	3	251-275
2	Sobre uma forma craniana arcaica	1917- 1918	IV	1	1-79
3	Estudos da etnogenia portuguesa (Crânios braquicéfalos)	1917- 1918	IV	2	235-310
4	Notas craniográficas e as pretendidas sobrevivências neandertaloides nas províncias portuguesas do Norte	1917- 1918	IV	3-4	383-399

### Revista de Guimarães (1933-1953)

Nº de Ordem	Título	Ano	Meses	Volume	Número	Páginas
1	Conferência sobre "Martins Sarmento e a Consciência Nacional" realizada pelo Prof. da Universidade do Porto, Sr. Dr. A. A. Mendes Correia, na Sessão Solene dedicada à memória de Martins Sarmento <sup>381</sup>	1933	Janeiro-Dezembro	43	Sem Número	53-66
2	Museus do Rio de Janeiro <sup>382</sup>	1934	Julho-Dezembro	44	3-4	195-204
3	Locais arqueológicos e históricos em África <sup>383</sup>	1953	Janeiro-Junho	63	1-2	50-55
4	Identificação individual e gémeos <sup>384</sup>	1953	Julho-Dezembro	63	3-4	285-306

<sup>381</sup> Artigo Disponível para consulta no site da Casa de Sarmento, Núcleo de Documentação Abade de Tagilde. Disponível em [http://www.csarmento.uminho.pt/docs/ndat/rg/RG043\\_06.pdf](http://www.csarmento.uminho.pt/docs/ndat/rg/RG043_06.pdf). Consultado a 03-04-2018.

<sup>382</sup> Artigo Disponível para consulta no site da Casa de Sarmento, Núcleo de Documentação Abade de Tagilde. Disponível em [http://www.csarmento.uminho.pt/docs/ndat/rg/RG044\\_28.pdf](http://www.csarmento.uminho.pt/docs/ndat/rg/RG044_28.pdf). Consultado a 03-04-2018.

<sup>383</sup> Artigo Disponível para consulta no site da Casa de Sarmento, Núcleo de Documentação Abade de Tagilde. Disponível em [http://www.csarmento.uminho.pt/docs/ndat/rg/RG063\\_02.pdf](http://www.csarmento.uminho.pt/docs/ndat/rg/RG063_02.pdf). Consultado a 03-04-2018.

<sup>384</sup> Artigo Disponível para consulta no site da Casa de Sarmento, Núcleo de Documentação Abade de Tagilde. Disponível em [http://www.csarmento.uminho.pt/docs/ndat/rg/RG063\\_16.pdf](http://www.csarmento.uminho.pt/docs/ndat/rg/RG063_16.pdf). Consultado a 03-04-2018.

**Garcia de Orta: Revista da Junta de Investigações do Ultramar (1953-1960)**

Nº de Ordem	Título	Ano	Volume	Número	Páginas
1	Aspectos demográficos do arquipélago de Cabo Verde	1953	I	I	3-15



**Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto (1920-1923)**

<b>Nº de Ordem</b>	<b>Título</b>	<b>Ano</b>	<b>Número</b>	<b>Páginas</b>
1	Um problema paleogeográfico <sup>385</sup>	1920	1-2	87-101
2	As bases geográficas e étnicas da nova carta política da Europa <sup>386</sup>	1921	3-4	180-249
3	Os problemas da análise etnológica <sup>387</sup>	1923	5-6	367-384

---

<sup>385</sup> Artigo disponível para consulta na Biblioteca Digital da Faculdade de Letras. Disponível em <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/artigo5082.PDF>. Consultado a 23-03-2018.

<sup>386</sup> Artigo disponível para consulta na Biblioteca Digital da Faculdade de Letras. Disponível em <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/artigo4972.PDF>. Consultado a 23-03-2018.

<sup>387</sup> Artigo disponível para consulta na Biblioteca Digital da Faculdade de Letras. Disponível em <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/artigo5161.PDF>. Consultado a 23-03-2018.

### Revista de Estudos Históricos (1924-1925)

Nº de Ordem	Título Original	Ano	Volume	Número	Páginas
1	Ensaio sobre a idade do bronze em Portugal <sup>388</sup>	1924	1	1-2	24-45
2	Nótulas arqueológicas <sup>389</sup>	1924	1	1-2	65-70
3	Ensaio sobre a idade do bronze em Portugal: Conclusão <sup>390</sup>	1924	1	3	73-82
4	Nótulas arqueológicas <sup>391</sup>	1925	2	1-3	89-97
5	Na morte de um Rei <sup>392</sup>	1925	2	1-3	135-148
6	A lealdade de uma rainha portuguesa <sup>393</sup>	1925	2	1-3	168-189

<sup>388</sup> Artigo disponível para consulta na Biblioteca Digital da Faculdade de Letras. Disponível em <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/artigo4051.pdf>. Consultado a 23-03-2018.

<sup>389</sup> Artigo disponível para consulta na Biblioteca Digital da Faculdade de Letras. Disponível em <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/artigo4092.pdf>. Consultado a 23-03-2018.

<sup>390</sup> Artigo disponível para consulta na Biblioteca Digital da Faculdade de Letras. Disponível em <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/artigo4202.pdf>. Consultado a 23-03-2018.

<sup>391</sup> Artigo disponível para consulta na Biblioteca Digital da Faculdade de Letras. Disponível em <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/artigo4302.pdf>. Consultado a 23-03-2018. *Acerca da Estação Luso-Romana em Fiães.*

<sup>392</sup> Artigo disponível para consulta na Biblioteca Digital da Faculdade de Letras. Disponível em <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/artigo4332.pdf>. Consultado a 23-03-2018.

<sup>393</sup> Artigo disponível para consulta na Biblioteca Digital da Faculdade de Letras. Disponível em <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/artigo4352.pdf>. Consultado a 23-03-2018.

**Revista do Centro de Estudos Demográficos<sup>394</sup> (1945-1960<sup>395</sup>)**

<b>Nº de Ordem</b>	<b>Título<sup>396</sup></b>	<b>Ano</b>	<b>Número</b>	<b>Páginas</b>
1	A masculinidade nos nascimentos em Portugal	1946	3	7-31
2	Cômputos da população global da África	1948	5	15-35
3	A alimentação do povo Português	1949	6	93-111
4	A demografia na Conferência Científica Africana de Joanesburgo	1949	6	187-188
5	Estrutura social do povo Português	1952-1953	8	107-128

<sup>394</sup> Todos os números desta revista estão disponíveis para consulta na Biblioteca Digital do Instituto Nacional de Estatística. Em <http://inenetw02.ine.pt:8080/biblioteca/logon.do> consultado em 23-03-2018. Deve seleccionar-se no separador **Tema** – População e Condições Sociais > **Subtema** – Demografia > **Título** – Estudos Demográficos para se aceder aos diferentes números da revista.

<sup>395</sup> Só foi examinada com minúcia até esta data, por ser o ano de falecimento de Mendes Correia.

<sup>396</sup> Pode ainda encontrar-se um artigo intitulado “**Professor António Augusto Mendes Corrêa**”, da autoria de António de Almeida Garrett, no número 12 (1960) – páginas 7 a 15 – de homenagem ao papel do Professor no Centro de Estudos Demográficos do Instituto Nacional de Estatística e à sua contribuição para os estudos da área.

### O Arqueólogo Português (1916-1929)

Nº de Ordem	Título	Série	Ano	Volume	Páginas
1	Sobre alguns objectos protoistóricos e lusitano-romanos, especialmente de Alpiarça e Silvã <sup>397</sup>	1ª Série	1916	XXI	331-337
2	A necrópole de Parada Todeia <sup>398</sup>	1ª Série	1924	XXVI	1-14
3	As pinturas do dólmen do Padrão (Vandoma) <sup>399</sup>	1ª Série	1929	XVII	128-136

<sup>397</sup> Artigo Disponível para consulta no site da Direcção Geral do Património Cultural. Disponível em [http://www.patrimoniocultural.gov.pt/static/data/publicacoes/o\\_arqueologo\\_portugues/serie\\_1/volume\\_21/331\\_objectos\\_protohistoricos.pdf](http://www.patrimoniocultural.gov.pt/static/data/publicacoes/o_arqueologo_portugues/serie_1/volume_21/331_objectos_protohistoricos.pdf). Consultado a 03-04-2018.

<sup>398</sup> Artigo Disponível para consulta no site da Direcção Geral do Património Cultural. Disponível em [http://www.patrimoniocultural.gov.pt/static/data/publicacoes/o\\_arqueologo\\_portugues/serie\\_1/volume\\_26/1\\_necropole\\_parada\\_todeia.pdf](http://www.patrimoniocultural.gov.pt/static/data/publicacoes/o_arqueologo_portugues/serie_1/volume_26/1_necropole_parada_todeia.pdf). Consultado a 03-04-2018.

<sup>399</sup> Artigo Disponível para consulta no site da Direcção Geral do Património Cultural. Disponível em [http://www.patrimoniocultural.gov.pt/static/data/publicacoes/o\\_arqueologo\\_portugues/serie\\_1/volume\\_27/128\\_dolmen\\_padrao.pdf](http://www.patrimoniocultural.gov.pt/static/data/publicacoes/o_arqueologo_portugues/serie_1/volume_27/128_dolmen_padrao.pdf). Consultado a 03-04-2018.